CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

NO CADERNO DE VÍDEO

- Velocidade Máxima
- Vestígios do Dia
- Priscilla
- A Rainha Margot
- Hitchcock · Bergman
- Murnau · Resnais e mais

42 lançamentos

ROBERT REDFORD

desvenda um escândalo da TV e entra na corrida do Oscar com QUIZ SHOW

Os bastidores do novo filme de MEL GIBSON

As mulheres mais desejáveis do cinema atual

5633 - Fevereiro, 1995 - Ed. 92 - Ano IX - Nº02 - R$ 3,90

ISSN 0104-1592

BIONDI & ASSOCIADOS

MONTAR UM HOME THEATER É FÁCIL.

A SANYO ENTRA COM O THEATER, VOCÊ ENTRA COM A HOME.

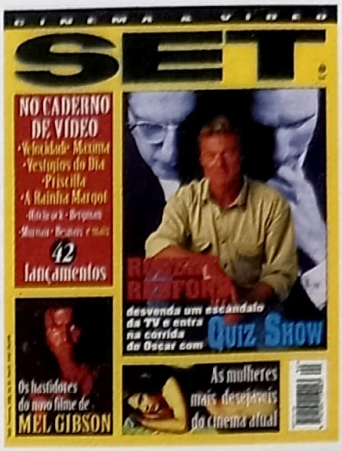
Nova linha de TVs Estéreo Sanyo com super telas de 29 e 33 polegadas e Projetor de Cristal Líquido Sanyo de até 300 polegadas.

Depois destes lançamentos ficou muito fácil montar seu Home Theater. É só passar na loja mais próxima e levar este Theater para sua Home.

SANYO

Programa

Duas duplas de atores resolveram brindar-nos este mês com brilhantes interpretações. De um lado, John Turturro e Ralph Fiennes, unidos em *Quiz Show*, sob a direção de Robert Redford. Do outro, Morgan Freeman e Tim Robbins, que contracenam em *Um Sonho de Liberdade*, inspirado numa história de Stephen King. Turturro e Fiennes fazem dois concorrentes de um programa de perguntas e respostas, opostos em todos os aspectos. Turturro (*Barton Fink*) já tem uma carreira sólida (estreou muito bem na direção, com *Mac*) e Fiennes é uma grande promessa (foi o nazista de *A Lista de Schindler*). Quanto a Robbins (*Bob Roberts*) e Freeman (*Conduzindo Miss Daisy*), eles conseguiram romper o casulo em que costuma se transformar um filme de prisão. No caso de *Um Sonho de Liberdade*, raramente se viu no cinema caracterizações mais humanas. O olhar dourado do Oscar paira atentamente sobre eles.



NA CAPA: Robert Redford, com John Turturro e Ralph Fiennes, em *Quiz Show* (Columbia Buena-Vista); Nastassja Kinski; Mel Gibson em *Braveheart* (Fox)

Redford e os rapazes de *Quiz Show*

Columbia Buena-Vista

4 TAKES
Sylvester Stallone é o ator mais bem pago do mundo

12 QUIZ SHOW
O diretor Robert Redford mostra a marmelada de televisão que abalou os Estados Unidos nos anos 50

20 AVANT-PREMIÈRE
Mel Gibson por trás e à frente das câmeras em *Braveheart*, rodado na Irlanda

26 ENSAIO
Inácio Araujo mostra a inteligência e a beleza das atrizes mais fascinantes do momento

34 REPORTAGEM
Onde os cineastas brasileiros estão fazendo cinema?

40 UM SONHO DE LIBERDADE
Morgan Freeman e Tim Robbins no primeiro filme do roteirista Frank Darabont

44 NOVOS FILMES
Segredos do Coração*, *Débi & Lóide – Dois Idiotas em Apuros*, *Rotação Máxima*, *Bad Boy*, *O Casamento de Muriel

53 HOLLYWOOD BOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito faz as suas apostas para o Oscar

54 MITO
Lauren Bacall: uma mulher feita, refeita, perfeita

56 FILMOGRAFIAS

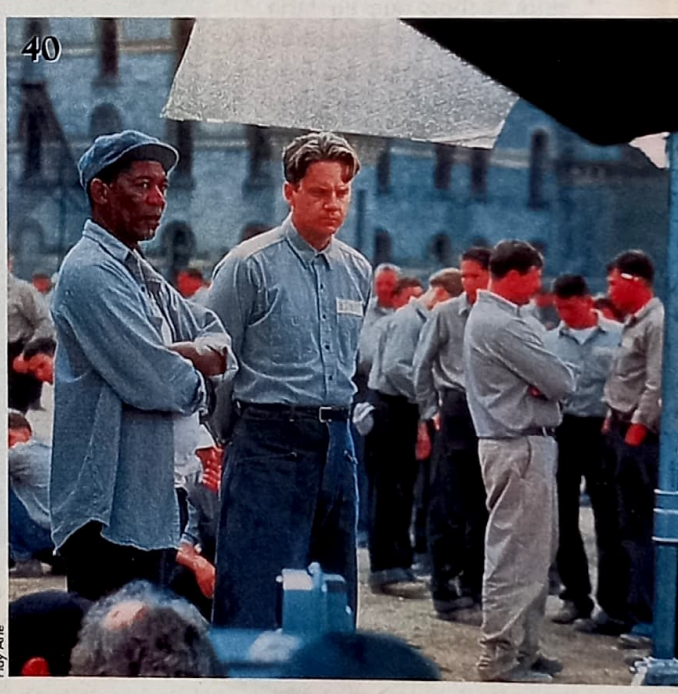
57 CADERNO DE VÍDEO
Velocidade Máxima*, *Cenas de um Casamento*, *Rapa Nui*, *Priscilla*, *A Rainha Margot

76 CARDÁPIO
Um especialista analisa filmes que falam de psiquiatria

80 FREE SHOP
As novidades em CD-ROM

84 CARTAS

86 NOSTALGIA



Play Arte

CAMERON DIAZ

A MÁSCARA PIN-UP

É solteira, tem 22 anos e carrega sangue latino – sangue que corre em veias que passam por curvas de um corpo de namoradinha que todo homem gostaria de ter. Fatal e ingênua. A visão loira de sorriso grande em bochechas grandes é Cameron Diaz, o sucesso pin-up que Charles Russel descobriu, lapidou e levou para as telas no filme O *Máskara*. Diante de tantos adjetivos, não podia dar outra: Cameron virou a mesa.

•

Antes de O *Máskara* ela cansou de fazer testes e mais testes; agora diz que recebe "propostas interessantes para novos filmes" e que está "escolhendo a melhor opção".

•

No filme de Russel, Cameron queria fazer o papel da jornalista. Acabou como a garota do cabaré. "Assim que Chuck (Russel) colocou os olhos em mim, achou que eu faria melhor o papel de cantora do que o de jornalista", lembra a atriz, que acabou por aceitar a proposta sem grandes problemas. "Achei que todos iam apenas querer olhar para o meu corpo, mas o filme tenta justamente acabar com este estereótipo", acredita.

•

Cameron avisa que não sonha em concorrer ao Oscar de melhor atriz. É mais modesta. "Quero apenas ser uma boa atriz de comédias", planeja . "Se conseguir chegar a esse patamar, já me darei por satisfeita."

Sygma

ANTHONY HOPKINS

CANIBAL NA FASE AZUL

Depois de viver tão bem o canibal de O *Silêncio dos Inocentes*, **Sir Anthony Hopkins** se prepara para encarnar um outro personagem interessante: o pintor e escultor espanhol **Pablo Picasso** (1881-1973).

•

Para dar mais veracidade à interpretação, Hopkins vem passando por terapia intensiva de camaleão. O "canibal" enfrenta regime severo para emagrecer, seleciona lentes de contato para escurecer os olhos, procura imitar os gestos e tom de voz do pintor. Além disso, precisa ganhar uma tonalidade de cor que se assemelhe ao bronzeado-mediterrâneo que Picasso exibia com vigor.

Retna

•

Hopkins adorou o desafio. Quem não gostou muito do projeto do filme foi a família de Picasso, que teme que a vida do pintor não seja retratada de maneira justa.

TOM HANKS

A PERSONALIDADE DE 1994

O ator **Tom Hanks** ganhou o título de personalidade do ano de 1994 no *show business*. A escolha é feita pela revista americana ***Entertainment Weekly***.

•

Parece que este foi um bom ano para Hanks: ganhou o Oscar de melhor ator pela atuação em *Filadélfia* e vários aplausos pela interpretação em *Forrest Gump, o Contador de Histórias* – filme que pode levar o ator a repetir a dose no Oscar deste ano.

Shils

Rui Mendes

ZÉ DO CAIXÃO

MOJICA VAI À HQ

O cartunista **Laudo Ferreira Júnior** lançou nos Estados Unidos uma versão em HQ do filme *À Meia-Noite Levarei sua Alma*, dirigido em 1964 por **José Mojica Marins** – o Zé do Caixão.

•

A HQ, de 59 páginas, segue quase à risca o roteiro do filme. A capa, repleta de seios cortados, não aparece no entanto no enredo da história. "Quiseram fazer uma capa mais chocante, que se destacasse das revistas juvenis", diz Laudo. A versão brasileira da mesma HQ deve invadir as bancas em breve. Assim como o filme, os desenhos foram feitos em preto-e-branco.

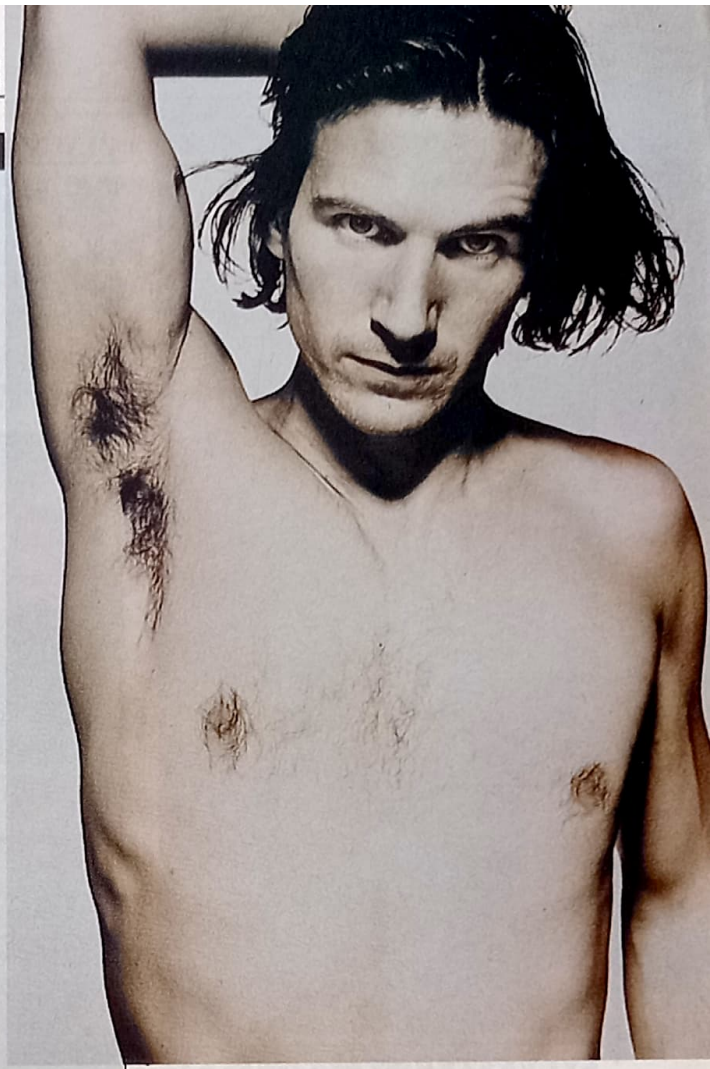
•

A adaptação do filme em quadrinhos levou cerca de um ano e é a primeira vez que um personagem do Zé do Caixão é transformado em HQ. Laudo fez os desenhos nas folgas que conseguia obter na assessoria de imprensa da Prefeitura de Jaboticabal (SP), onde gastava seu talento fazendo cartazes de "proibido fumar".

•

Agora, o cartunista prepara mais dois projetos com Zé do Caixão: transformar em HQ *Esta Noite Encarnarei seu Cadáver* e *O Olho do Portal do Inferno*. Este último é uma produção que Mojica ainda não concluiu. Nos Estados Unidos, Zé do Caixão é mais conhecido como Coffin Joe. E faz tanto sucesso que os *teens* compram bonecos com sua cara. E unhas.

Reina



RALPH FIENNES

ESTRELA DE 95

Mal o ano começou e **Ralph Fiennes**, o nazista cruel de *A Lista de Schindler*, já tem as atenções sobre si. Depois de colocar todo o seu talento à disposição de Robert Redford em seu novo filme, *Quiz Show* (ver reportagem nesta edição), Fiennes empresta seu charme inglês ao thriller de ficção científica ***Strange Days***, dirigido por **Kathryn Bigelow**.

•

Ao terminar 77 noites e 21 dias de filmagens de *Strange Days*, Fiennes declarou à revista *Premiere* que estava "louco por uns dias de folga". Sobre a diretora, Fiennes esclarece: tem ótimo humor e é "deliciosamente perfeccionista".

•

Para contracenar com Fiennes, o elenco feminino tem **Juliette Lewis** e **Angela Basset**. O roteiro é assinado a quatro mãos – **Jay Cocks** e **James Cameron**.

•

Assim que terminar *Strange Days*, Fiennes vai trabalhar com **Barbra Streisand** em ***The Normal Heart***.

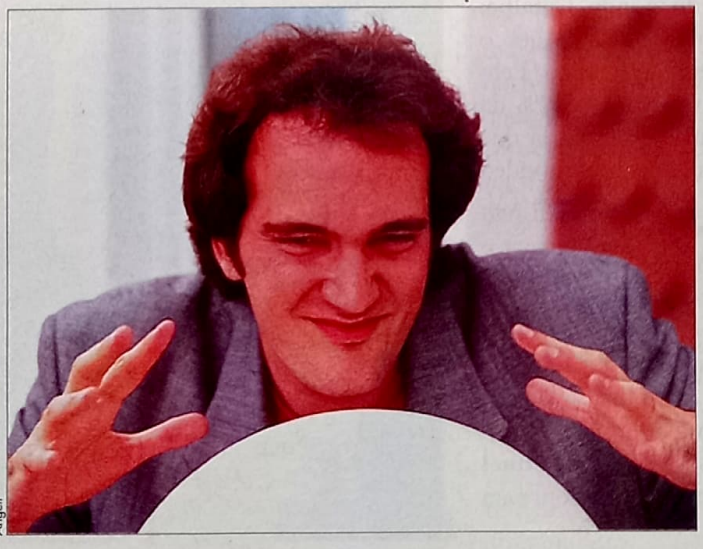
QUENTIN TARANTINO

PULP PREMIADO

Quentin Tarantino, o badaladíssimo diretor de *Cães de Aluguel*, foi premiado como melhor diretor e roterista de 1994 pela **Sociedade de Críticos de Cinema de Boston** por seu trabalho no filme *Tempo de Violência – Pulp Fiction*, que por sua vez ganhou o prêmio de melhor filme do ano.

•

Para os mesmos críticos, o melhor ator de 1994 foi **Albert Finney** devido a sua interpretação em *The Browning Version*. Já a melhor atriz para a Sociedade foi **Julienne Moore** pelo filme *Tio Vânia em Nova York*.



Angeli

Ângelo

SYLVESTER STALLONE

O SALÁRIO MAIS FORTE

Ele venceu. **Sylvester Stallone** alcançou no final de 1994 o patamar salarial de, no mínimo, US$ 20 milhões pelo próximo filme que vai fazer para os estúdios Savoy Pictures.

•

Com este cachê, Stallone passa a ser o ator mais bem pago do mundo. Detalhe: a cifra se baseia na hipótese de que o filme seja um fracasso de público. Pelo contrato, Stallone vai receber 20% da bilheteria dos cinemas e da renda que vier da comercialização das fitas de vídeo em todo o mundo e da exibição em TV.

•

Outros dois campeões do contracheque gordo – **Arnold Schwarzenegger** e **Kevin Costner** – recebem entre US$ 12 milhões e US$ 15 milhões por filme ou 15% da bilheteria. A agência Creative Artists, que representa Stallone, vai tentar elevar também os salários de **Michael Douglas** e **Tom Hanks**. Que bom para eles, não é mesmo?

OLIVER STONE

DE NOVO CINEBIO

Quem pensou que depois de *Assassinos por Natureza* **Oliver Stone** tinha abandonado as cinebiografias, errou!

•

É isso mesmo, assim que voltar das "férias", Stone dá andamento à biografia cinematográfica do ex-presidente norte-americano **Richard Nixon**.

Reina

•

Agora, adivinhem quem Oliver Stone quer para o papel de Nixon? Ah, é óbvio! **Tom Hanks**.

WOODY HARRELSON

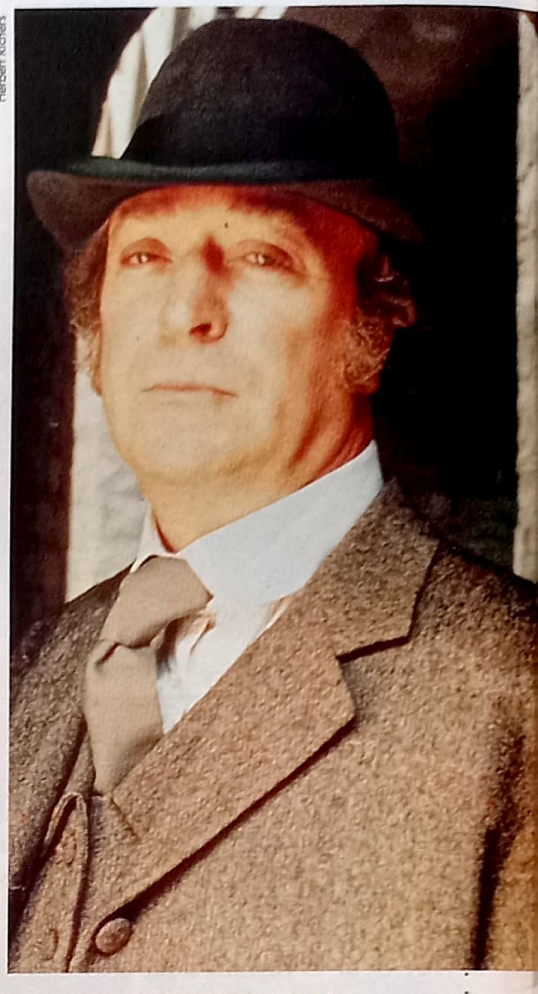
AINDA NA CONTRAVENÇÃO

Para não ficar marcado por personagens psicopatas, **Woody Harrelson** aceitou interpretar um homem que sofre de uma doença incurável em ***Sur Chaser***. Mesmo assim, Woody mantém um pé na contravenção: ele rapta seu médico quando descobre que vai morrer.

•

Denominado como um thriller, *Sur Chaser* tem **Michael Cimino** atrás das câmeras, quatro anos depois de realizar *Horas de Desespero*, com Mickey Rourke.

Reina


Herbert Richers

JACK, O ESTRIPADOR

ELE VOLTOU!

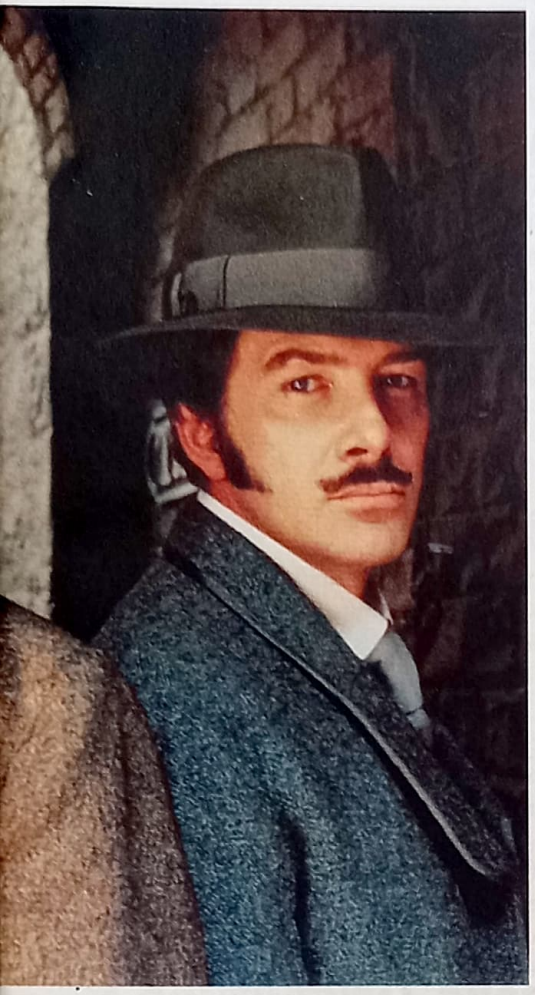
Depois da tempestade de vampiros, dráculas, frankensteins, o caminho está aberto para aquele inglês que gostava de ver as coisas por partes. Duas produtoras estão montando mais duas versões diferentes de Jack, o Estripador.

•

O filme da New Line é baseado nos diários de **James Mabrick**, um empresário de Liverpool que, sabe-se lá por que, resolveu alegar ser o procurado e terrível estripador. O segundo filme sobre o estripador, *From Hell*, segue mais a história cronológica dos crimes em série.

•

Com essas duas novas versões, Jack ganha mais notoriedade e passa a contar com quatro filmes sobre sua vida. Em 1960, **Robert Baker** lançou o estripador nas telas com o seu *Jack the Ripper*. Vinte e oito anos depois, para a desgraça das vítimas, Jack renasceu com o filme de mesmo nome, *Jack the Ripper*, dirigido por **David Wickes**. Ou seja, Jack nunca se cansa.



SHARON STONE

CONDENADA À MORTE

Enquanto a loiraça terrível **Sharon Stone** não assina o contrato com a Disney para fazer o remake de *As Diabólicas*, ela aceitou ser a protagonista de ***Last Dance***, o novo projeto de **Bruce Beresford.**

•

Ao contrário do personagem de *Instinto Selvagem*, Stone será uma mulher condenada à morte, por quem seu advogado cairá de paixão. **Rob Morrow** (um dos destaques de *Quiz Show*) é a vítima amorosa.

Angeli

Prestige

LINDA FIORENTINO

NÃO É ANJO

Os homens passam maus bocados nas mãos de Linda Fiorentino. Palavras do ator Peter Berg, que contracenou com ela em *O Poder da Sedução*, seu último filme: "Trabalhar com ela significa ser tratado como um objeto sexual".

Linda é sensual e é difícil. Disse não a Robert De Niro, por *Não Somos Anjos*. Disse não a Tom Cruise, por *Ases Indomáveis*. Disse não a Paul Verhoeven, que lhe ofereceu o papel que acabou indo para as mãos de Jeanne Tripplehorn em *Instinto Selvagem* – afinal, ela queria o lugar de Sharon Stone. "Eu não consegui o papel por causa dos meus seios." O que há de errado com os seios de Linda Fiorentino? Só agora, fazendo a *femme fatale* de *O Poder da Sedução*, levando o filme nas costas de uma forma que deixou atarantado até Quentin Tarantino, Linda provou que pertence àquela rara linhagem de atrizes que têm (com perdão do trocadilho) peito para dizer não, pagam um alto preço pelas negativas, e acabam acertando num belo trabalho. Linda Fiorentino é o assunto do momento.

MARA WILSON

SHIRLEY TEMPLE DOS ANOS 90

É assim que funcionam as coisas em Hollywood: aos 7 anos de idade, Mara Wilson, a atriz de *Uma Babá Quase Perfeita* e de *Milagre na Rua 34*, é uma das mais novas milionárias da indústria cinematográfica.

•

A divisão da Fox responsável por desenvolver projetos designados "para a família" ofereceu a Wilson um contrato de US$ 1,5 milhão para a garota estrelar no mínimo dois filmes nos próximos dois anos.

•

Aliás, o contrato milionário possui duas cláusulas sensacionais para Wilson: primeiro, o estúdio não tem exclusividade, o que quer dizer que a pequena notável pode trabalhar em outros filmes que não os da Fox; e segundo, os projetos serão desenvolvidos para Mara Wilson, ou seja, os papéis serão adaptados a ela, e não o contrário.

Paris

Takes

SYLVA KOSCINA

OS BELOS OLHOS

Camera Press

A atriz **Sylva Koscina**, que conquistou a fama de ser dona dos mais belos olhos do mundo, faleceu, aos 61 anos, dia 26 de dezembro, na Itália. Koscina nasceu na Croácia, em 22 de agosto de 1933, e queria ser professora até que foi descoberta pelo cinema italiano. Nos anos 50 e 60, tornou-se uma espécie de coqueluche, atiçando a platéia masculina com seu corpo e olhos bonitos, além do sotaque levemente carregado.

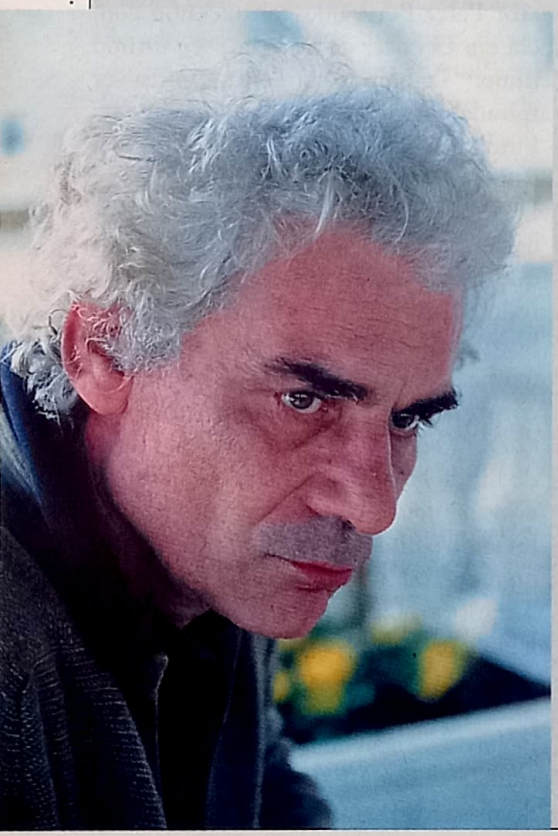
•

Koscina fez sua estréia no cinema, aos 20 anos, com o filme *O Ferroviário*, de Pietro Germi. O ápice de sua carreira ocorreu em *Julieta dos Espíritos*, de Federico Fellini. Suas porções mais sensuais foram destacadas em *O Absoluto Natural* e *Vejo Tudo Nu*. O último filme de Koscina, *Deadly Sanctuary*, foi rodado em 1986. Os mais belos olhos eram rasgados. A cor viajava entre o cinza e o verde – colírio para diretores de fotografia.

GIAN MARIA VOLONTÉ

O MILITANTE

O ator italiano **Gian Maria Volonté** faleceu em Florina, na Grécia, dia 6 de dezembro, aos 61 anos de ataque cardíaco. Nasceu filho de burgueses, em 9 de abril de 1933, mas militou ativamente na esquerda – com personagens de cinema e na vida real. Foi encontrado inconsciente no quarto de hotel onde se hospedara para participar das gravações de ***Ulysses Gaze***, o novo filme do veterano diretor grego **Theo Angelopoulos**. Volonté sofria de envelhecimento precoce.


Gamma

•

Volonté participou de vários filmes da primeira linha do cinema italiano e ganhou a fama de mau, em 1970, com ***Investigação Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita***, de **Elio Petri**. Logo depois, em 1971, o ator foi o protagonista de ***A Classe Operária Vai ao Paraíso*** (também de Petri), e de ***Sacco e Vanzetti***, de **Giuliano Montaldo**.

ACTION PACK

SÉRIES DA TV CHEGAM EM VÍDEO AO BRASIL

A **Universal Television** está produzindo, desde 1994, um projeto ambicioso, considerado um dos mais impressionantes da história da televisão americana. Chama-se **Action Pack**, que nos chega quase simultaneamente através da **CIC Vídeo**.

•

Trata-se de seis séries de filmes de aventura, cada qual com quatro episódios independentes de pouco mais de 90 minutos de duração. O elemento principal das tramas, óbvio, é a ação, e cada série é produzida por renomados artesãos do cinema.

•

Em janeiro, a CIC lançou os quatro filmes da série **Tekwar**, que parte de best-sellers escritos por **William Shatner**, o capitão Kirk de *Star Trek*. É uma espécie de policial futurista, no qual o oficial Jake Cardigan (o ator Greg Evigan) combate o tráfico ilegal de "Tek", um estimulante eletrônico da mente. O primeiro episódio foi dirigido pelo próprio Shatner, que co-produz todas as histórias.

•

Neste mês de fevereiro, chegam às locadoras três das quatro fitas que partem do longa ***Fuga à Meia-Noite***, aquele delicioso filme com *Robert De Niro* e *Charles Grodin*. Co-produzida por **George Gallo**, o roteirista da história original, esta série investe mais no humor, e o personagem de De Niro, Jack Walsh, que caça criminosos por dinheiro, é agora interpretado por **Christopher McDonald**.

Universal

•

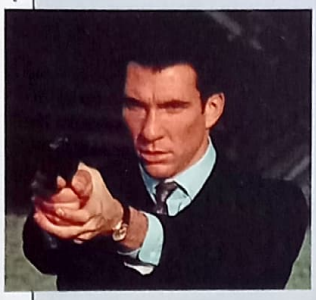
A série anunciada para março é ***Dragões de Sangue***, co-produzida por *Rob Cohen*, o diretor da cinebiografia de Bruce Lee. As histórias giram em torno de dois irmãos chineses especialistas em artes marciais que pedem asilo político nos EUA.

•

As três outras séries são: ***Bandit*** – a partir de *Agarre-me se Puderes*, um velho sucesso de Burt Reynolds. ***Fastlane*** é co-produzida por **John Landis**, uma comédia que fala de dois heróis antagônicos que descobrem uma espaçonave com poderes mágicos; e ***Hércules***, série filmada na Nova Zelândia e co-produzida por **Sam Raimi**, que retomará o herói mitológico com muitos efeitos especiais.

COMO É MESMO O NOME DELES?

Gente que você conhece, mas não sabe de onde



Columbia / Tri-Star

DYLAN McDERMOTT

(1962): atuou em peças da Broadway e da *off*-Broadway antes de estrear nas telas em *Hamburger Hill* (87). A sua boa pinta garantiu um lugar na ribalta, apesar de até agora não ter sido marcado por um tipo em especial. Contracenou com Julia Roberts em *Flores de Aço* (89) e com Sharon Stone em *Diário de um Crime* (91); foi mocinho em *Hardware – O Destruidor do Futuro* (90) e amigo do mocinho em *Na Linha de Fogo* (93). Seu primeiro papel romântico veio com o natalino *Milagre na Rua 34* (94).

Columbia / Tri-Star

ELIZABETH McGOVERN

(1961): atriz com rosto de boneca de louça, que mantém uma carreira paralela no teatro. Estreou no cinema como a namoradinha de Timothy Hutton em *Gente como a Gente* (80) e recebeu uma indicação ao Oscar de atriz coadjuvante por *Na Época do Ragtime* (81). Talentosa e de perfil reservado, costuma ser o interesse amoroso do protagonista. Atuou ainda em *Era Uma Vez na América* (84), *Uma Janela Suspeita* (87), *Minhas Idéias Assassinas* (90) e *O Inventor de Ilusões* (93), entre outros.

LEGENDAS ASSASSINAS

A CONTINENTAL DESRESPEITA O ESPECTADOR COM A TRADUÇÃO DESTRUIDORA DE *JULIO CÉSAR*

O texto de abertura, uma citação das *Vidas* de Plutarco, já é um chorrilho de asneiras. Começa dizendo que "depois da derrota em Pompeu" – "escolheram-lhe (!!!) ditador". E a frase "ele se tornou odioso aos olhos dos homens de bem" sai assim: "ele tornou-se detestável a um indivíduo moderado". É verdade que traduzir Shakespeare é dificílimo, ainda mais no estilo sucinto que devem ter as legendas para cinema. Mas o pobre coitado a quem a Continental encarregou de traduzir *Julio César* de Mankiewicz mete os pés pelas mãos com uma regularidade assustadora.

•

Na cena inicial, traduz *cobbler* (sapateiro) como "raposa" e transforma a festa da Lupercália numa "coisa" chamada *Lubricome*. E no momento crucial, em que César cruza com o *soothsayer* (adivinho), aqui convertido em mero "súdito", este lhe diz para ter cuidado não com os "idos" mas com os "olhos" de março, porque o *traduttore traditore* confunde *ides* com *eyes*. Podemos parar por aqui: o filme é, do princípio ao fim, um despautério, uma coleção de diálogos sem pé nem cabeça.

•

E se fosse um caso isolado, ainda poderíamos ser indulgentes, levando em conta a pedreira que é traduzir Shakespeare. Mas o desrespeito é geral: outros lançamentos da Continental – a *Rainha Christina* de Rouben Mamoulian, com Greta Garbo, por exemplo – também estão a léguas de serem modelos de boa tradução.

Lauro Machado Coelho

Angeli

CINDY CRAWFORD

NOVA PROFISSÃO

Depois que **Elle MacPherson** e tantas outras modelos se deram bem em ***Sereias***, agora é a vez de **Cindy Crawford** tentar a nova profissão.

•

Já que está legalmente separada de Richard Gere, Cindy – que tentou ganhar um papelzinho que fosse em *Vida de Solteiro* e em *The Flintstones – O Filme* – não vai ter que ouvir críticas em casa sobre sua primeira tentativa cinematográfica, o suspense ***Fair Game***.

•

Cindy, que interpreta uma advogada, tem como *partner* o mais caçula do clã Baldwin, **William**.

Takes

CINEMA NACIONAL

A TODO VAPOR

Depois de anos de jejum cinematográfico, os cineastas brasileiros começam a voltar a fazer aquilo de que mais gostam: dirigir filmes.

•

Já em fase de finalização, temos ***As Feras***, o 25 º longa de **Walter Hugo Khouri**, que lançará a modelo **Cláudia Liz** como atriz.

•

Olivier Perroy (que dirigiu a novela *Beto Rockefeller* e até 1994 estava se dedicando à publicidade) pretende colocar seu próximo filme, ***O Espectador*** – uma co-produção européia –, nas salas de cinema em 1996.

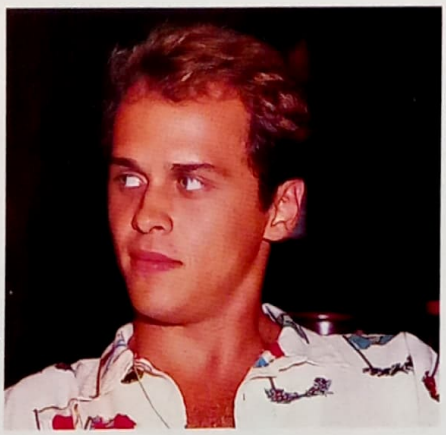
•

Nelson Pereira dos Santos aproveitou o Festival de Brasília para anunciar que escolheu o ator para seu novo filme – ninguém menos que **Paulo Autran**. ***Melodrama: o Cinema de Lágrimas na América Latina***, baseado no livro de Sílvia Oroz, estava previsto para começar a rodar em janeiro.

•

Ana Maria Magalhães também se empolgou com o sucesso de *Erotique* e desenvolve o novo projeto, ***Lara***, uma cinebiografia da atriz **Odete Lara**. O projeto de Ana será financiado pelo Prêmio Resgate do Cinema Brasileiro. Para interpretar Odete Lara, Ana Maria quer a atriz **Vera Fisher**.

•



Armando Gonçalves

E por fim, **Guilherme Fontes** anunciou que comprou os direitos para cinema do livro *Chatô, o Rei do Brasil*, de Fernando Morais. Pensando alto, Fontes quer que **Al Pacino** encarne o magnata da imprensa brasileira Assis Chateaubriand.

Sells

Zara Whitoc

ERÓTICO

ENTRE OS 100 MELHORES

A distribuidora **Wogue** lança este mês a coqueluche erótica do momento – o vídeo ***Revês de Cuir*** (***Erotismo à Flor da Pele***), de **Frances Leroi**. É a produção francesa mais vendida e locada na Europa nos últimos anos. O vídeo ganhou cinco Hot'Dor da revista *HotVideo*, especializada em filmes eróticos.

•

A revista francesa ***Cahiers du Cinéma*** incluiu *Erotismo à Flor da Pele* entre as cem melhores fitas já produzidas, dividindo a prateleira com filmes de Fellini e Hitchcock.

•

O diretor Frances Leroi (*Emanuelle 7*) é considerado como um esteta de produções eróticas. No elenco de *Erotismo à Flor da Pele*, estão a atriz holandesa Zara Whitoc e a sensação erótica Debora Wells.

FESTIVAL DE BRASÍLIA

THE WINNER IS ...OLIVEIRA

O grande vencedor do 27º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em dezembro, foi *Louco por Cinema*, de André Luiz Oliveira. O filme recebeu cinco prêmios, entre eles o de melhor diretor e melhor ator (Nuno Leal Maia). Com o filme *Carmen Miranda – Banana is my Business*, de Helena Solberg, o filme de Oliveira dividiu o prêmio de melhor longa-metragem. O prêmio de melhor diretor foi dividido com Sérgio Bianchi (*A Causa Secreta*).

Banana is my Business

•

No meio de vaias e aplausos – ambos com vigor –, o desenrolar do festival teve, pelo menos, dois destaques. Bernardo Bertolucci, convidado especial, disse ao receber um Candango que poderia considerar o prêmio como seu 10º Oscar, "mas aqui paira muito mais cinema do que em Hollywood". Em outro momento (menos alegre) do festival, a cineasta Ana Maria Magalhães abandonou a comissão julgadora alegando "manipulação" dos prêmios.

•

Outros premiados do festival: Cláudia Mello (melhor atriz, no filme *A Causa Secreta*), Suzana Moraes e Hélio Silva (melhor roteiro, no filme *Mil e Uma*), Marta Luz (melhor montagem, no filme *Mil e Uma*).

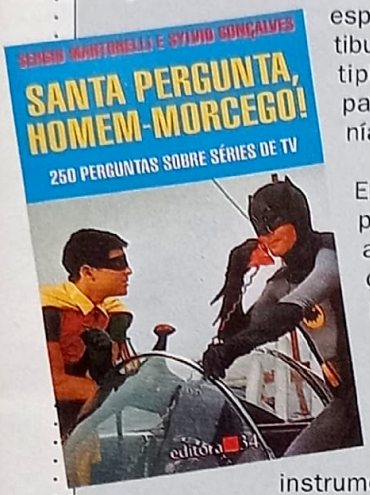
•

O desenho animado *Rock & Hudson*, de Otto Guerra, ganhou um prêmio especial por originalidade, traço e humor. Entre os curtas de 35 mm, *Extingue!*, de Eduardo Carone, recebeu os prêmios de melhor filme e melhor diretor. O curta *Amor!*, de José Roberto Torero, ficou com o prêmio do júri popular. Torero ganhou também o prêmio de melhor roteiro.

MARTORELLI E GONÇALVES

VESTIBULAR PARA TELEMANÍACOS

O jornalista **Sérgio Martorelli** e o tradutor **Sylvio Gonçalves** lançaram, pela editora 34, o livro *Santa Pergunta, Homem-Morcego!*, uma espécie de vestibular de múltipla escolha para telemaníacos.



•

Em suas 103 páginas, os autores lançam 250 perguntas de máxima importância aos leitores. Do tipo: "Que instrumento musical Barney Rubble tocava?", "Qual era o lema do Dr. Zachary Smith?". As respostas estão no livro.

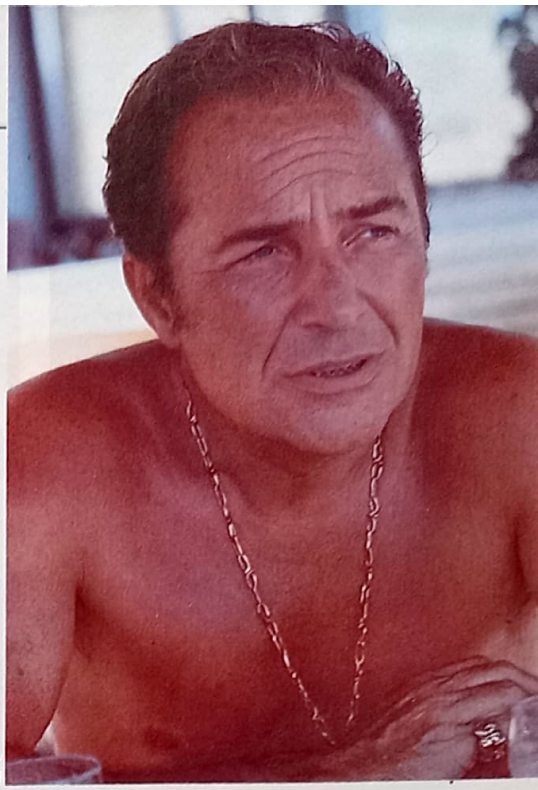
ROSSANO BRAZZI

O ARISTOCRATA REBELDE

O ator italiano **Rossano Brazzi**, que participou de mais de 200 filmes, faleceu dia 24 de dezembro, na Itália, depois de enfrentar já há alguns anos uma doença neurológica.

•

Apesar de se tornar um ator especialista em papéis de conquistador e aristocrata, a vida de Brazzi foi recheada de atuações políticas de esquerda. Depois que seus parentes foram mortos pelos fascistas, Brazzi entrou para a Universidade de San Marco, em Florença, para estudar Direito, mas acabou se tornando ator logo depois, em 1939, participando do filme *Ritorno*.


Reina

•

Durante a Segunda Guerra Mundial, Brazzi trabalhou para a Resistência. Em 1949, já em Hollywood, estreou no cinema americano com *Little Women*. Na década de 60, retornou à Itália.

•

Principais filmes: *A Condessa Descalça*, *South Pacific*, *The Bobo*, *Krakatoa, o Inferno de Java*, *Maestro d'Amore*, *Quando o Amor Floresce* e *Michelangelo and Me*, seu último filme, rodado em 1989.

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

QUIZ SHOW – A VERD

O CERTO E

Robert Redford tem 57 anos, três netos e eventualmente ainda faz o galã em Hollywood. Também é capaz de grandes provas de vitalidade como este novo filme, considerado seu melhor trabalho desde *Gente como a Gente* – Oscar de direção em 1980 – e forte candidato a um novo prêmio da Academia. *Quiz Show – A Verdade dos Bastidores* fala de um escândalo que abalou os Estados Unidos nos anos 50: a revelação de uma fraude num programa de perguntas e respostas que chegava a 50 milhões de pessoas através da televisão (*veja o quadro com os detalhes do caso na página 17*).

Havia 36 shows do tipo, na época. Mas, no *Twenty-One*, transmitido pela NBC, o duelo era entre um estudante judeu do Queens (John Turturro), de memória enciclopédica, e um professor de Literatura da Universidade de Columbia (Ralph Fiennes), de origem aristocrática, filho de um poeta laureado com o Pulitzer. O estudante, Herbert Stempel, era feio, deselegante e cheio de cacoetes teatrais. O

ADE DOS BASTIDORES

O ERRADO

Fotos Columbia/Buena Vista

professor, Charles Van Doren, boa pinta e bem-articulado. Eram, portanto, dois opostos: o Certo, representado por um americano branco de boa cepa, contra o Errado, na figura de um judeu frenético e caricatural. A fé cega na televisão fez com que o tombo dos americanos diante da marmelada fosse muito maior. Redford mostra como, neste episódio, os Estados Unidos começaram a perder sua inocência (ele próprio, em início de carreira, teria participado de um *quiz show* e acreditava na engrenagem do programa, embora desconfiasse de uma certa teatralidade dos concorrentes).

Quiz Show também trata, numa bela reconstituição de época, de uma nova era que se avizinhava. A cultura patrícia dos aristocratas americanos sendo engolfada pela cultura de massas representada pela televisão. Robert Redford retrata estas transformações com inteligência e sensibilidade, marcas registradas de um ator que já foi o *golden boy* de Hollywood e hoje é um de seus mais incisivos diretores.

ROBERT REDFORD
"O DINHEIRO É A RAIZ DE TUDO"

Robert Redford chega para a entrevista coletiva com uma hora e quinze de atraso ao hotel em Beverly Hills e se desculpa.

"Você já viu que dia lindo está fazendo lá fora?", ele pergunta, apontando para a cintilante e ensolarada manhã de outono que permite enxergar do Oceano Pacífico aos picos nevados das montanhas de San Gabriel, ao leste. "Vim de carro desde o norte da Califórnia e qualquer um compreenderia se eu resolvesse ter continuado até San Diego, não é verdade? Um dia como esse..."

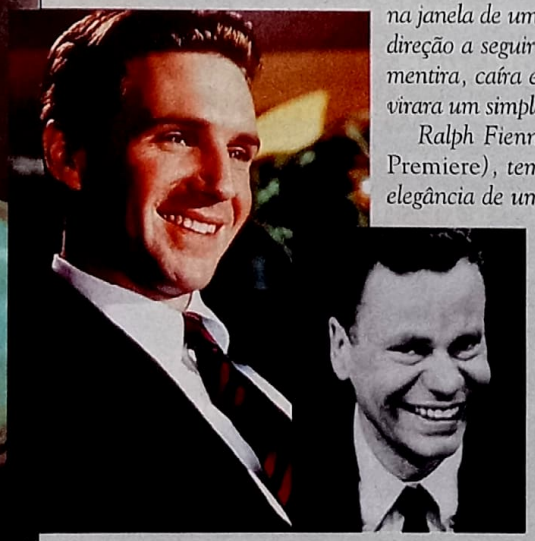
Apesar do mapa de rugas marcando-lhe o rosto, Redford ainda mantém o charme de garotão branco-anglo-saxão-protestante que o tornou famoso no mundo inteiro. Só que hoje Robert, mais que o superastro que sempre foi, é uma potência cinematográfica respeitada e influente dentro da indústria, um ator ainda capaz de iluminar a tela, um diretor cujas escolhas vem se provando, sistematicamente, de total integridade artística, e um mecenas que nutre novos nomes no cinema através de seu Sundance Institute, em Utah.

Hoje a pauta é *Quiz Show*, filme de Redford, o diretor, sobre as mutretas de um popularíssimo programa de perguntas e respostas da TV americana nos anos 50 e sobre a subseqüente desilusão do público americano. Apesar de cotado para o Oscar de Melhor Filme, Melhor Roteiro e Melhor Ator (para Ralph Fiennes, aqui no papel de Charles Van Doren, o professor universitário culto e de família nobre e tradicional que se deixa seduzir pela dinheirama fácil e pela fama da TV), *Quiz Show* não atraiu muito público nos Estados Unidos – rendeu somen-

RALPH FIENNES É CHARLES VAN DOREN
A MENTIRA DE SANGUE AZUL

Ralph Fiennes precisou perder peso para interpretar o professor Charles Van Doren. Sua escolha para o elenco foi tardia: Tim Robbins também estava cotado para o papel, mas filmava, na época, Um Sonho de Liberdade. *Fiennes estava em Cracóvia, na Polônia, filmando* A Lista de Schindler, *que lhe daria uma indicação para o Oscar. Ostentava a barrigona do carrasco nazista Amon Goeth, bem como o corte de cabelo à escovinha. Ele voou para Nova York num sábado, para um encontro com Redford, que ficou impressionado com a intensidade de seu olhar.*

Fiennes não pôde se aproximar de Charles Van Doren para aprofundar a interpretação: o estúdio temia que o professor, que vive retirado em Connecticut, quisesse ler o script e criar entraves legais à realização. Fiennes acabou não resistindo e foi até o refúgio de Van Doren, que viu placidamente debruçado na janela de uma pequena casa, e a quem pediu informações sobre a direção a seguir. Sentiu pena do homem de sangue aristocrático que mentira, caíra em desgraça, fora proibido de continuar lecionando e virara um simples consultor da Enciclopédia Britânica.



Ralph Fiennes (pronuncia-se "reife faines", segundo a revista Premiere*), tem a estampa necessária para o papel, que mistura a elegância de um homem nascido em berço de ouro com a culpa do intelectual que aceita trapacear convencido de que presta um serviço à Educação de seu país. Tem talento, também. De passado shakespeariano* (Romeu e Julieta, Rei Lear e Henrique IV no currículo), este ator inglês de 32 anos estreou *nas telas há apenas três, numa rápida aparição na minissérie britânica* Prime Suspect. *Atuou em* O Morro dos Ventos Uivantes, *ao lado de Juliette Binoche, e em* O Bebê Santo de Macon, *de Peter Greenaway.*

Já é um ator de 1 milhão de dólares – cifra perigosa, pois pode levar ao estrelato. Steven Spielberg, que o dirigiu em A Lista de Schindler, *espera que ele não se transforme num superastro. "Alguns dos melhores papéis no cinema, hoje, não são os principais. Ralph é um raro talento que pode fazer grandes personagens".*

No ar, Van Doren (Ralph Fiennes), o apresentador (Christopher McDonald) e Stempel (John Turturro)

te cerca de 20 milhões de dólares – e causou polêmica, provocada por alguns vilões do escândalo original, para quem o filme seria pura ficção.

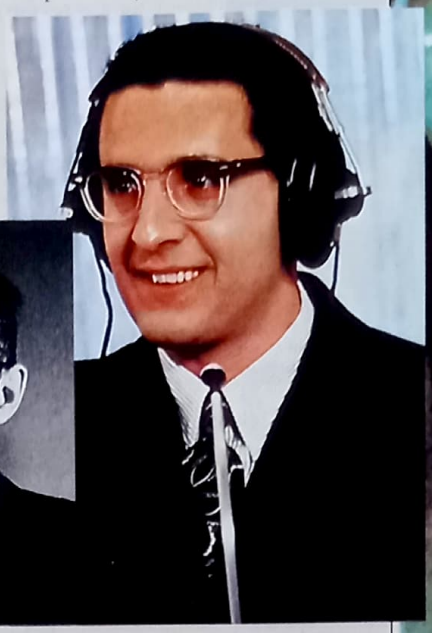
Você escolheu Ralph Fiennes para ser Charles Van Doren antes mesmo do lançamento de *A Lista de Schindler*. Por que você lhe deu o papel e que futuro você antevê para ele como ator?

Foi muito difícil achar um ator para aquele papel. E eu não estava conseguindo achar um que me satisfizesse, um ator como eu imaginava, que tivesse as qualidades necessárias àquele papel em particular: o ator precisava ser articulado e passar para o público essa capacidade de articulação, precisava ser inteligente, charmoso e altamente culto sem ter que fazer esforço algum para demonstrá-lo. Não é algo que se consiga representar: ou você é assim ou não é. Uma pessoa como Charles Van Doren é como ele é já de berço: é como uma família real, onde a pessoa já nasce dentro da realeza. Ao mesmo tempo o personagem tem algo de sombrio que ele oculta, algum temor, algo que faz você duvidar dele.

Àquela altura eu já estava desesperado. E não queria recorrer a atores ingleses, por achar que a história fosse muito americana. Mas chegou uma hora em que eu não conseguia mesmo achar o que queria e comecei a procurar na Inglaterra. Sem muito sucesso, até que, no finalzinho, assisti a uma fita com um trabalho de Ralph para a BBC, *Lawrence da Arábia: A Última Missão*. Ali havia o suficiente para me motivar a convidá-lo para que viesse a Nova York fazer uma leitura. Foi quando descobri que ele estava na Polônia filmando *A Lista de*

JOHN TURTURRO É HERBERT STEMPEL
O LOUCO COM MEMORIA DE ESPONJA

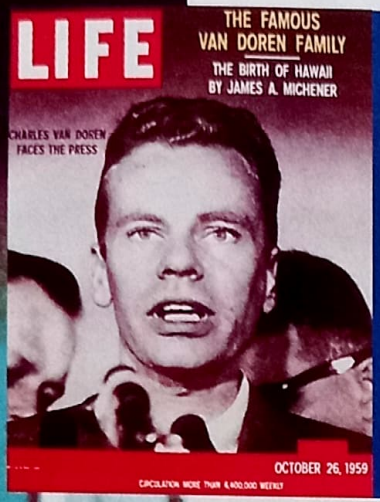
John Turturro precisou ganhar 11 quilos para interpretar Herbert Stempel. A voz esganiçada do concorrente, seus diversos cacoetes, tudo isso Turturro tirou de algumas visitas feitas a Stempel. Curioso é que o próprio Stempel tenha atuado mais como ator do que qualquer outra coisa no quiz show. Ao iniciar sua participação no programa, foi aconselhado a vestir roupas mal-ajambradas, a usar óculos que lhe davam a aparência de nerd, *a mudar o corte de cabelo para o estilo escovinha e a desenvolver todo um gestual que incluía coçadelas nas sobrancelhas, mordidas nos lábios e pausas estratégicas, visando acentuar a tensão do candidato no momento da resposta. A coreografia acabava sendo mais difícil de decorar do que as respostas que lhe eram dadas. Quando finalmente foi derrotado por Van Doren, ouviu nos corredores da emissora: "Agora nós temos um intelectual de verdade, não um louco com uma memória de esponja".*



*Pois a interpretação espasmódica de John Turturro segue a linha exagerada deste louco judeu nascido no Queens, em Nova York. O próprio Stempel – hoje um pacato técnico de planejamento do Departamento de Transportes de Nova York – achou o ator um pouco frenético demais no papel. Ele assistiu aos filmes de Turturro com Spike Lee e os dois com os irmãos Coen (*Millers's Crossing e Barton Fink*). Não entendeu exatamente do que se tratava* Barton Fink. *Mas parece que Turturro também não, e os dois riram muito a respeito nos seus rápidos encontros.*

Schindler. Ele voou para Nova York e passamos um fim de semana ensaiando o papel, até que eu gravei em videotape o resultado e, baseado naquilo, decidi que era ele mesmo.

O que antevejo para ele? Bom, não seria capaz de antever coisa alguma para quem quer que seja, inclusive para mim. As escolhas serão dele. Tudo o que posso dizer é que ele é um ator muito bom, um ator sério.



Quando estourou o escândalo, Charles Van Doren foi capa das principais revistas americanas. Antes, era visto pela mídia como uma espécie de "Elvis Presley intelectual". Ganhou US$129 mil dólares (o equivalente a US$ 1 milhão em dinheiro de hoje) e recebeu perto de 500 propostas de casamento

Em *Quiz Show* você mostra como as redes de TV enganavam o público com o intuito de aumentar a audiência. Hoje em dia os meios de comunicação são acusados de incitar o ódio e o culto à violência e de estar até corrompendo o processo democrático. Como você vê essa situação?

Tudo que eu queria: uma boa pergunta política (*risos*). Sinta-se livre para me interromper porque eu sou capaz de falar sem parar sobre isso. Os meios de comunicação – e estou falando somente dos Estados Unidos – mudaram muito nos últimos anos. A imprensa escrita perdeu bastante mercado para o jornalismo de TV e isso fez com que os jornais e revistas ficassem muito nervosos e apelassem para uma mentalidade de tablóide, tudo para ganhar mais leitores. Como em tudo na vida, também no jornalismo o dinheiro é a raiz de tudo. A outra coisa é que o fator "entretenimento" infiltrou todos os sistemas de comunicação.

Na época em que se passa o filme, isso ainda não tinha acontecido. Havia uma diferença bem clara entre noticiário e entretenimento: as notícias de TV eram todas checadas e verificadas antes de ir ao ar. O que os telejornais mostravam era basicamente verdade. Daí partiu-se para a realização de documentários: que também eram verdade, mas verdades filmadas. A terceira etapa desse processo é a dramatização de fatos históricos – da mesma maneira que Shakespeare dramatizou a história com *Julio César*. Através dos tempos os dramaturgos sempre usaram de licença poética em relação à história para criar obras dramáticas.

O que se vê hoje é o noticiário tentando ser entretenimento, em vez de jornalismo. E o que se vê (em *Quiz Show*) é o começo desse processo, quando a TV passou a reconhecer o valor do emprego do entretenimento além do que se havia feito até então.

E como isso vem corrompendo o processo democrático?

Não quero me aprofundar no assunto, mas acho que os meios de comunicação tiveram muito a ver com o resultado das atuais eleições americanas (*que deram franca maioria ao Partido Republicano*).

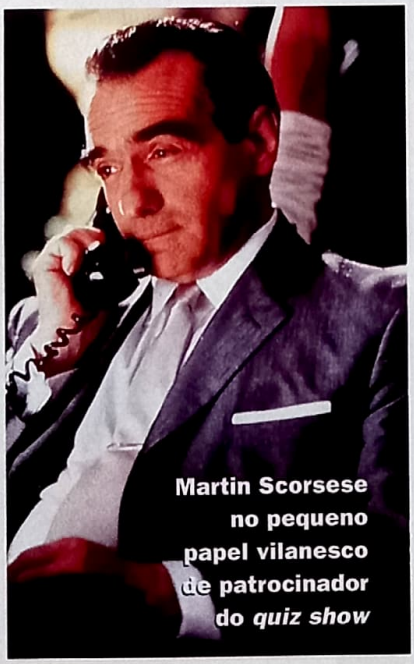
Por outro lado, você também foi criticado por pessoas que achavam

Stempel (Turturro) cumprimenta Van Doren (Fiennes): encontro de titãs

Van Doren (Fiennes) dá bom exemplo até para os escoteiros

que *Quiz Show* teria sido uma distorção do fato real, pessoas de verdade, que são representadas no filme. Como você reage a esse tipo de crítica?

Essa é uma questão meio furada. Por que será que se está levantando essa questão só agora? Esse tipo de coisa existe desde que se começou a fazer filmes. Na verdade, eu mesmo já trabalhei antes num filme que poderia ter suscitado discussão semelhante: *Todos os Homens do Presidente* usou de uma tremenda licenciosidade para que o filme funcionasse. Cinco editores foram condensados em dois. Mas o filme nunca comprometeu a verdade, em termos do que realmente aconteceu e quem fez o que por que razões. E ninguém abriu o bico quando o filme saiu. Fiz a mesma coisa com *Quiz Show*. Só que em *Todos os Homens do*


Martin Scorsese no pequeno papel vilanesco de patrocinador do *quiz show*

PARA ENTENDER A MARMELADA

No final dos anos 50, os chamados quiz shows *– programas de perguntas e respostas – eram a grande sensação da TV americana. E, deles, o mais arrojado era* Twenty-One, *da NBC.*

Ao contrário dos demais programas, onde cada candidato respondia sobre um único assunto previamente acordado, no Twenty-One *dois candidatos disputavam entre si – isolados em cabines pretensamente a prova de som – respondendo perguntas sobre cultura geral. Quem atingisse primeiro 21 pontos ganhava.*

Um dos primeiros candidatos a participar de Twenty-One *foi Herbert Stempel, ex-soldado do exército, um rapaz bem modesto, de origem judaica, morador de Queens – e, sobretudo, dotado de uma memória e de um conhecimento geral extraordinários.*

Stempel reinou no Twenty-One *durante cinco semanas seguidas, até que o produtor do programa, Dan Enright – o mesmo que no começo havia ensinado Herbert a dramatizar sua participação, enxugando a testa de uma determinada maneira antes de dar a resposta e mordendo o lábio inferior para aparentar dificuldade –, chamou-o para dizer que o programa não poderia lhe pagar os 50 mil dólares de prêmio acumulado, "por um problema de orçamento". Herbert deveria assinar um documento aceitando apenas uma parcela do dinheiro devido – caso contrário, Enright o eliminaria.*

Apesar de concordar com os termos de Enright, Stempel virou persona non grata *à medida que a audiência do programa decresceu e a produção se viu em busca de um ídolo potencial para derrotar Herbert. Entra em cena Charles Van Doren, filho de uma escritora e de um ganhador do prêmio Pulitzer. Sangue azul e profesor universitário, charmoso e bem-apessoado, ao contrário do feioso Stempel, Charles tornou-se o oponente de Herbert, respondendo a perguntas cujas respostas ele recebia antecipadamente da produção.*

No segundo encontro dos dois concorrentes, Enright exigiu que Stempel respondesse errado – para que Charles vencesse. Em troca, daria ao perdedor um novo programa, só dele.

Após ter considerado seriamente a possibilidade de recusar a proposta, Stempel respondeu errado, transformando Van Doren num herói nacional. Ao longo de 15 semanas, Charles virou ídolo, ganhou a capa da revista Time, *e acumulou 129 mil dólares – um recorde para o programa, e o equivalente a cerca de um milhão de dólares, em dinheiro de hoje.*

Mais tarde, no entanto, quando viu que Enright não tinha a menor intenção de cumprir a promessa, Stempel pôs a boca no trombone, denunciando as mutretas do Twenty-One. *O caso foi parar no congresso dos Estados Unidos, onde Van Doren, depois de ter desaparecido providencialmente, confessou ter sido um participante da tramóia.*

Caído em desgraça, Van Doren perdeu o emprego na Universidade de Columbia, onde lecionava literatura, e foi demitido da NBC, onde, a essa altura, tinha seu próprio programa. Virou consultor da Enciclopédia Britânica. Enright assumiu responsabilidade total pelo caso e sumiu no México: hoje é um produtor independente de TV, ultra bem-sucedido. J.E.R.

Presidente a condensação foi maior ainda: atribuímos a Woodward e Bernstein mais coisas que eles realmente fizeram e ninguém disse nada.

Por que, então, está havendo toda essa grita em relação a *Quiz Show*? O que mudou no país? Será que os meios de comunicação nos Estados Unidos passaram a ficar mais paranóicos em relação a seu papel em tudo isso?

Não sei como responder, só sei que tudo isso me parece estranho. Desde *JFK*, o filme de Stone, a imprensa ficou agitada, porque o público não sabe mais em quem acreditar. As pessoas não sabem mais se acreditam no noticiário, num filme, num documentário ou num *talk show*. *Quiz Show* não é um noticiário de TV, não é um curso de história, não é um documentário: é um filme.

Como você planeja conduzir sua carreira daqui por diante, sempre alternando trabalhos como ator e trabalhos como diretor?

Exatamente, alternando uma coisa com a outra. Gosto desse ritmo – dirigir, depois representar, depois dirigir... Mas não foi proposital, aconteceu de ser assim por acidente. Por exemplo, era para eu ter passado todo o ano de 1993 apenas representando, mas me chegou às mãos o script de *Quiz Show* e me pareceu um projeto com todo um significado especial para mim.

E quais são seus próximos projetos, como ator e como diretor?

"Absolutamente certo!" era o bordão de *O Céu É o Limite*. Quando dito pelo apresentador, provocava um verdadeiro *frisson* na platéia. Foi também o título do primeiro filme dirigido por Anselmo Duarte em 1957. Anselmo interpretava um sujeito que memorizava uma lista telefônica e participava de um programa de perguntas e respostas

Como ator estou fazendo um filme com Michelle Pfeiffer – um filme sobre os meios de comunicação, adaptado livremente da história real de uma repórter, Jessica Savitch, que morreu afogada. Faço o papel do diretor de jornalismo de uma emissora de TV, e ele é o cara que descobre Jessica, ele gosta de descobrir e lançar novos talentos. Como diretor farei *The Education of Little Tree*. É uma história maravilhosa, sobre um menino índio. O outro é *Horse Whispers*, sobre um homem – isso vai soar engraçado, mas é uma história de amor maravilhosa, e um ótimo trabalho sobre fragilidade humana, compaixão e a superação de problemas – que doma cavalos selvagens sussurrando nos ouvidos deles. Depois disso, farei *Time and Again*, baseado no livro de mesmo título, que é algo que venho querendo fazer há 25 anos.

SET

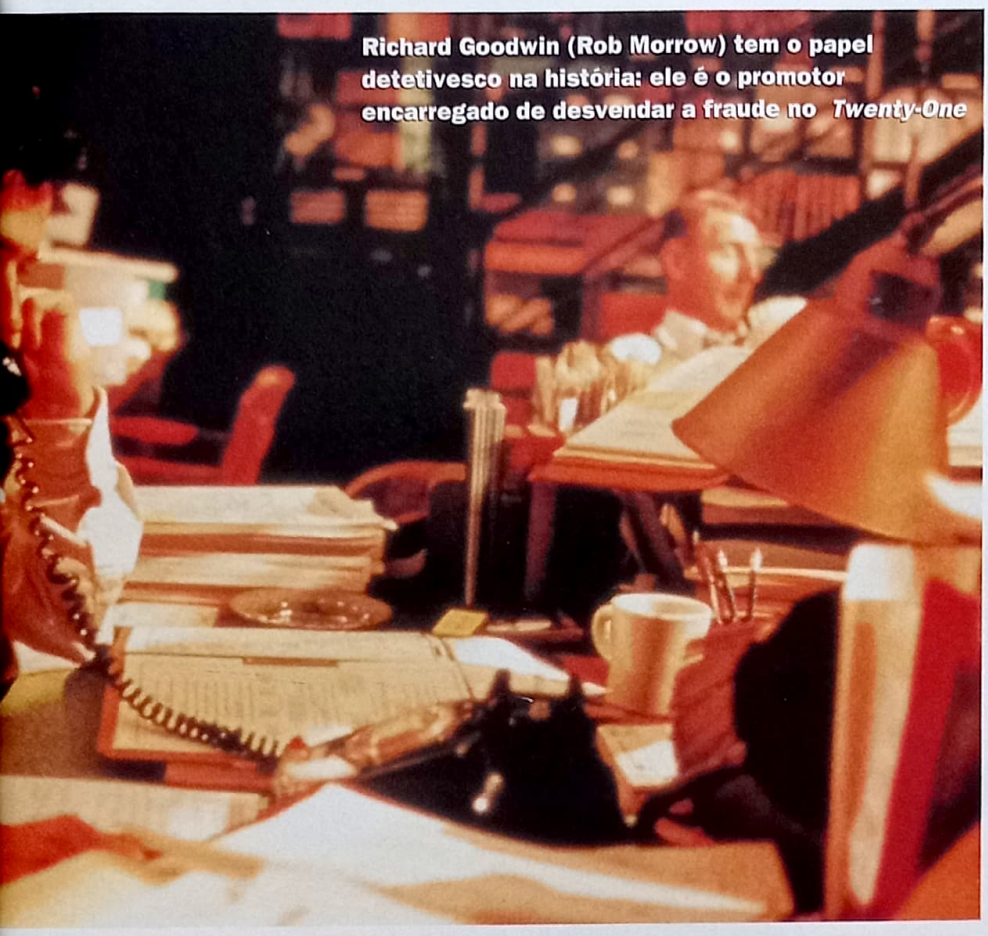
O NOSSO QUIZ SHOW

Em 1959, a Tupi, a primeira emissora de TV brasileira, levava ao ar um dos programas de maior audiência da história da televisão, o quiz show O Céu É o Limite. *"Como a maioria dos programas da época no Brasil, ele foi transplantado* ipsis literis *dos originais norte-americanos, mas, com o tempo, vieram as adaptações, do jeito brasileiro", conta Walter George Durst, produtor de várias edições do show em São Paulo.*

O programa semanal teve como produtor titular Túlio de Lemos, "extraordinária figura do rádio e posteriormente da televisão. O homem mais honesto que já conheci na vida", destaca Durst. Túlio foi designado pela direção da Tupi depois de ter sido considerado o mais "intelectualizado" da emissora. Era ele quem elaborava as perguntas, enquanto que a apresentação em São Paulo (no Rio era J. Silvestre) ficava por conta de Aurélio Campos. Quatro candidatos apresentavam à produção uma bibliografia sobre temas específicos e só os livros selecionados serviam de fonte às perguntas. Segundo Durst, havia uma imensa lista de espera, que não acabava nunca.

O público, inicialmente vindo do rádio, era classe A (casacos de vison podiam ser vistos na platéia). Com o tempo, a popularização dos aparelhos de TV democratizou a audiência e o próprio programa. "Até uma feirante pôde responder sobre Cleópatra", lembra Walter. Nenhuma maracutaia abalou a credibilidade da versão paulista dos quiz shows. *O esquema de retirada de um candidato, caso ele deixasse de ser o "herói" ou representasse uma perda significativa para os cofres da emissora, era o mais simples possível. "O lema de Túlio era nunca prejudicar ninguém: ele expunha a situação ao concorrente, que pedia o afastamento do programa e ficava com o prêmio até então conquistado. Um final honesto, como ele", conclui Durst.*

Ellen Alaver



Richard Goodwin (Rob Morrow) tem o papel detetivesco na história: ele é o promotor encarregado de desvendar a fraude no *Twenty-One*

QUIZ SHOW
PODER E AMBIÇÃO

Robert Redford tem uma queda, não é de hoje, por filmes onde o homem comum derrota o poder monolítico – só para perceber que vitória e justiça não são exatamente a mesma coisa, e provavelmente podem resultar no oposto do que se esperava ou desejava. Assim foi em Todos os Homens do Presidente *– embora a dramaticidade e a ironia do desfecho só viessem a ser mais claras depois do lançamento do filme, quando o escroque Nixon, à beira da morte, de repente virou grande estadista – e assim o é em* Quiz Show.

Ao dramatizar – com todas as características de um grande filme – o escândalo dos quiz shows, que nos anos 50 abalou a confiança do público americano na qualidade e na veracidade da informação difundida pelos meios de comunicação, Redford radiografa a alma da sociedade americana e os intestinos do poder político e econômico do país como poucos cineastas até agora.

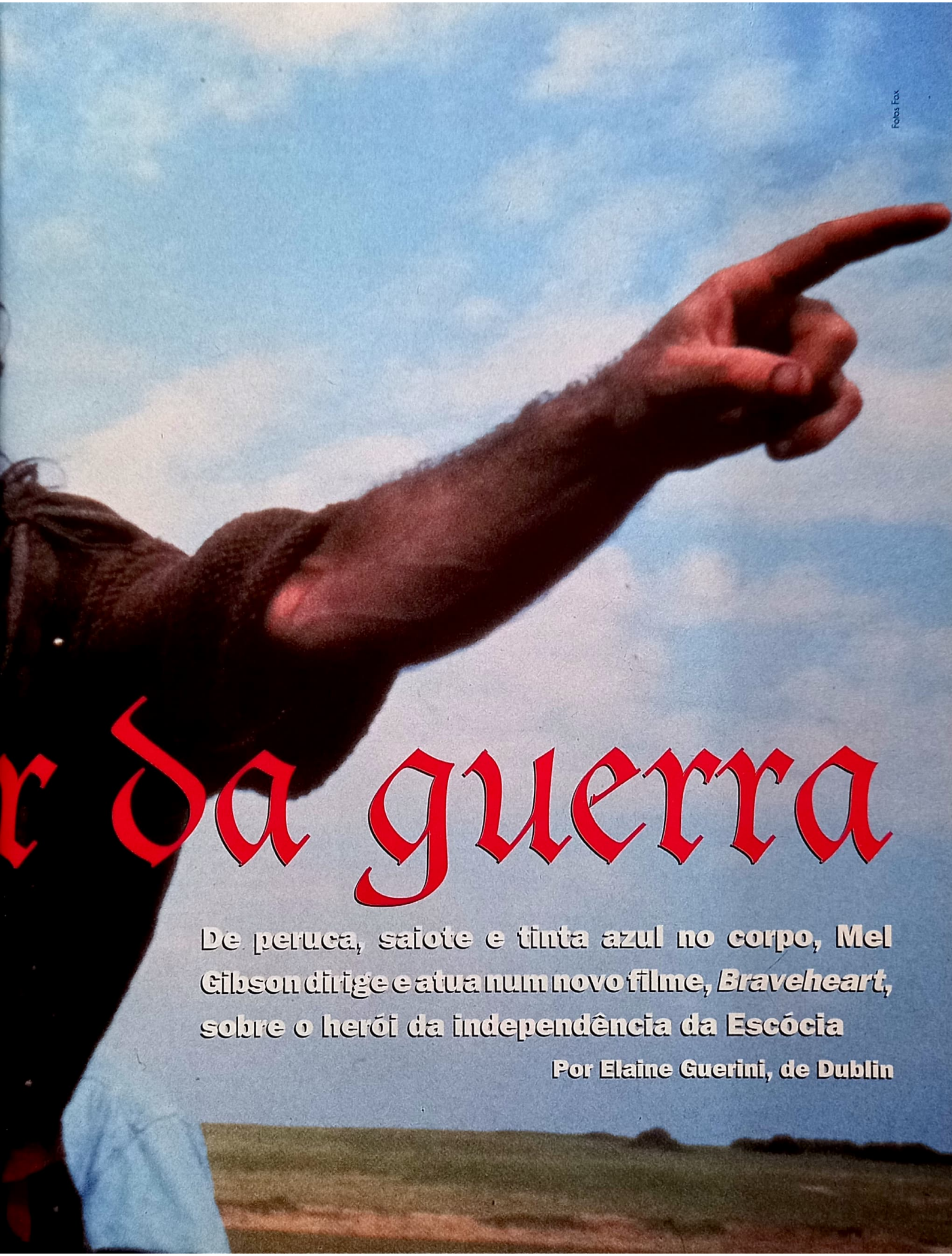
Ralph Fiennes é Charles Van Doren, o galã de sangue azul que aceita a proposta faustiana do produtor de TV Dan Enright (David Paymer) para competir num programa de perguntas e respostas com o então campeão Herbert Stempel (John Turturro). Dan dará a Van Doren as respostas das perguntas para que Charles não tenha a menor chance de errar: o produtor vê em Van Doren – bonitão, de boa família, rico – a chance de ouro para aumentar a audiência do programa. E Charles aceita o negócio, por vaidade, pelo dinheiro, enfiando-se até o pescoço num mar de lama de corrupção e mentira. Stempel finalmente se enfeza e denuncia a trama, pondo em julgamento a NBC, a produção e o patrocinador do programa. Contrapondo Van Doren, Stempel, Enright e Dick Goodwin (Rob Morrow), o jovem integrante de um subcomitê do Congresso que levanta a bola do escândalo, Redford tece um retrato marcante do Poder, assuma ele a forma que for, e da ambição.

J.E.R.

Mark Van Doren (Paul Scofield), o pai, e Charles, juntos, no Congresso; a interpretação de Scofield pode lhe render um Oscar

Quiz Show, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Robert Redford ■ ROTEIRO: Paul Attanasio, baseado no livro *Remembering America: A Voice from the Sixties*, de Richard Goodwin ■ MONTAGEM: Stu Linder ■ FOTOGRAFIA: Michael Balhaus ■ MÚSICA: Mark Isham ■ FIGURINOS: Kathy O'Rear ■ Com John Turturro, Rob Morrow, Ralph Fiennes, Paul Scofield ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Buena Vista ■ DURAÇÃO: 130 min.

Avant-Première
PANAVISION
senho



Fotos Fox

r da guerra

De peruca, saiote e tinta azul no corpo, Mel Gibson dirige e atua num novo filme, *Braveheart*, sobre o herói da independência da Escócia

Por Elaine Guerini, de Dublin

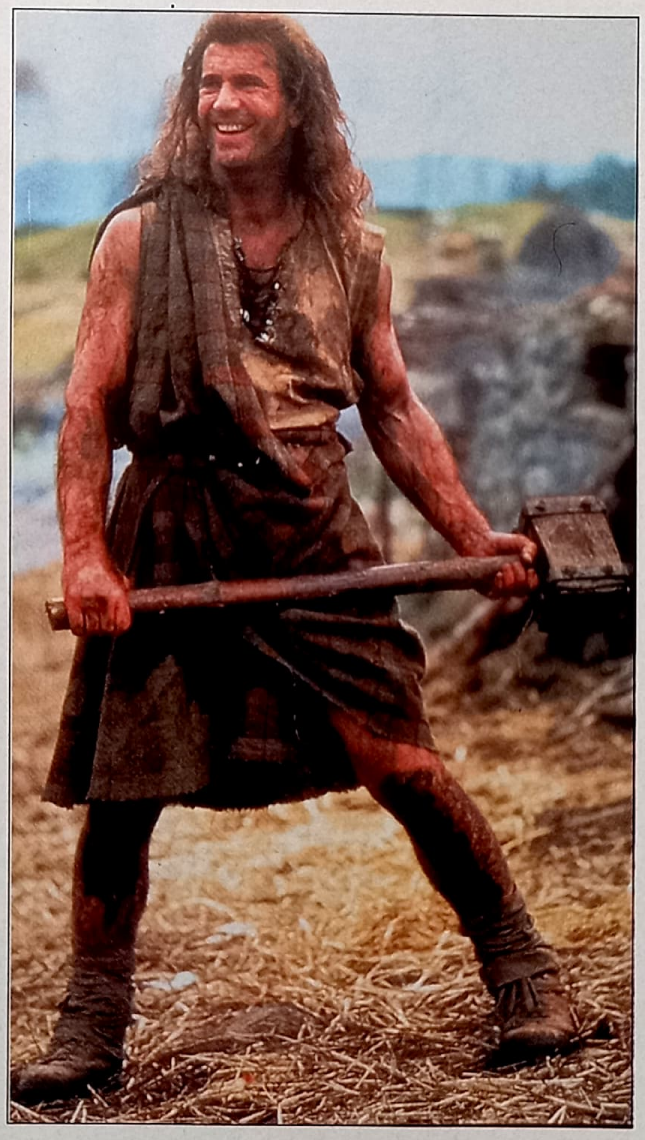
Braveheart

Tudo pronto para mais um dia de filmagem de *Braveheart*, um épico de US$ 70 milhões baseado num episódio da História escocesa. Os atores e a equipe de produção já tomaram seus lugares no campo de Curragh (a 40 quilômetros de Dublin, na Irlanda) e aguardam apenas a chegada do diretor. Meia hora depois, uma perua se aproxima do set e quem salta do carro é um homem vestindo um kilt – o tradicional saiote escocês –, com uma longa cabeleira e metade do rosto pintado de azul. Mel Gibson, diretor e protagonista da história, entra em cena para mais um longo dia de trabalho.

O astro de 38 anos e quase vinte de cinema parece mesmo disposto a conquistar espaço também atrás das câmeras. Depois do drama *O Homem Sem Face*, seu primeiro trabalho na direção, Gibson aposta agora numa produção bem maior e filma a história real de sir William Wallace – um herói escocês do final do século 13 que combateu o Exército inglês lutando pela independência de seu povo.

Tomada após tomada, Gibson se reveza nas duas funções e quase não tem tempo para sentar na famosa cadeira onde se lê "diretor". A cena a ser filmada nesta manhã traz Wallace discutindo estratégias de combate com alguns de seus homens. O novo personagem exige do ator, além do kilt e do sotaque escocês, uma cabeleira postiça e tinta de guerra espalhada por seu rosto e corpo – esse tipo de maquiagem, geralmente de cor azul, era usado pelos soldados para assustar o inimigo em combates.

A temperatura de 9°C não é das mais agradáveis, principalmente para quem filma a céu aberto vestindo apenas um kilt, mas Gibson parece não se importar. O diretor é o homem mais bem-humorado do set de filmagens. Sem qualquer frescura de *movie star*, ele brinca o tempo todo com o pessoal da equipe, enfrenta fila na hora do almoço e não pára de fazer piadas. "Aqui, nenhum animal é ferido durante as filmagens", diz ele, enquanto acaricia o cavalo com o qual filma boa parte das cenas de Wallace. "Até agora, só matamos um besouro curioso", completa.



Para descontrair ainda mais, o diretor chega a combinar uma brincadeira com Alun Armstrong, um dos atores de *Braveheart*. No meio de uma cena de combate entre soldados escoceses e ingleses, Alun coloca discretamente um nariz de palhaço (emprestado por Gibson) e continua lutando com uma espada na mão. Mesmo sabendo da brincadeira, o diretor é o primeiro a cair na gargalhada.

Nem a chuva fina que interrompe as filmagens por meia hora abala o bom humor de Gibson. Apesar do clima irlandês (nessa época do ano chove praticamente todos os dias), o diretor se mostra bastante satisfeito em filmar no país – na Escócia, onde se passa a história, a equipe passou apenas cinco semanas rodando principalmente as cenas de infância do protagonista.

"Aqui em Curragh, na Irlanda, temos uma vasta área verde para as cenas de batalhas, e a região não fica tão longe do centro. Além disso, o governo irlandês oferece algumas vantagens para quem filma aqui. Vamos pagar 10% a menos em impostos, fomos autorizados a filmar em castelos e locais históricos e ainda contamos com a assistência do Exército local em dois importantes momentos do filme, a Batalha de Stirling e a Batalha de Falkirk", conta o diretor.

Segundo ele, a Batalha de Stirling foi a seqüência mais difícil de realizar até agora.

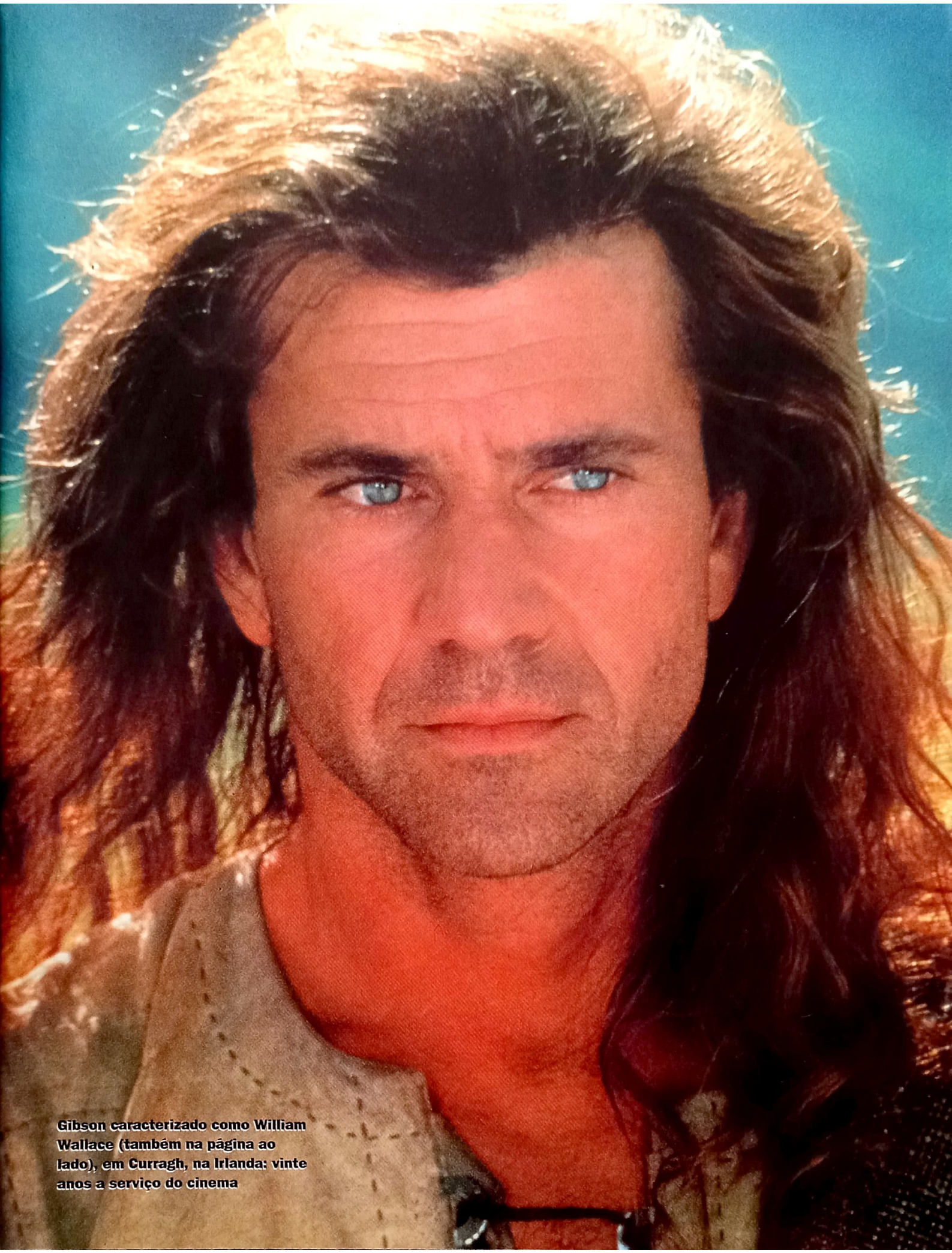
QUEM FOI WILLIAM WALLACE
O "Tiradentes" escocês

A senha para que William Wallace (circa 1270-1305) entrasse para a História escocesa como um de seus grandes heróis nacionais foi dada em 1296, quando o rei inglês Edward I depôs e encarcerou John de Balliol, o rei da Escócia, declarando-se o novo soberano do país. Já no ano seguinte Wallace partia para a resistência: organizou um exército de plebeus e pequenos proprietários de terras e atacou as forças inglesas.

A retaliação veio logo, em 11 de setembro de 1297, quando uma tropa confrontou Wallace no rio Forth, perto de Stirling. Embora os ingleses se apresentassem em esmagadora superioridade numérica, o líder escocês venceu graças à estratégia, dizimando os soldados ingleses enquanto estes atravessavam a estreita ponte sobre o Forth.

Ao final daquele ano, William Wallace virou sir e foi proclamado guardião do reino, governando em nome de Balliol. Mas faltava ainda enfrentar Edward I – que invadiu a Escócia em 1298. Em 22 de julho, Wallace foi derrotado na Batalha de Falkirk e viu sua reputação militar cair por terra. Abdicou então do cargo de guardião e foi substituído por Robert de Bruce (depois rei Robert I).

Entre 1299 e 1305 tomou um chá de sumiço, sempre com os ingleses em seu encalço. Finalmente, foi preso em Glasgow e levado a Londres. Lá conheceu um destino semelhante ao de Tiradentes: segundo a Enciclopédia Britânica, *foi condenado como traidor e em 23 de agosto terminou enforcado, eviscerado, decapitado e esquartejado. Em 1306, Robert de Bruce liderou a rebelião que afinal culminou na independência da Escócia.*



Gibson caracterizado como William Wallace (também na página ao lado), em Curragh, na Irlanda: vinte anos a serviço do cinema

Wallace (Gibson) no comando durante a decisiva Batalha de Stirling; na página ao lado, reunido com seu Estado Maior

É nesse combate que os homens de Wallace conseguem superar as tropas inglesas e dão o primeiro passo rumo à independência da Escócia. Para recriar esse fato histórico, ocorrido em 1297, a produção do filme contou com a participação de 1.500 homens do Exército irlandês atuando nas divisões de arco e flecha, cavalaria e infantaria.

"O trabalho exigiu muita concentração e energia, mas acabou saindo", lembra o diretor. Atuar nos dois lados da câmera pode ser uma tarefa cansativa, principalmente quando se trata de uma grande produção, mas Gibson garante que "não é tão ruim assim". "Como *Braveheart* é um filme mais complicado, envolve muito mais elementos, estou tentando fazer uma coisa de cada vez, sem pressa. Além disso, conto com uma excelente equipe de produção que me assessora em todos os sentidos. Todos sabem o que é preciso fazer", explica.

Braveheart está sendo produzido pela empresa do próprio Gibson (a Icon Productions, de Los Angeles). Desde *Hamlet* (1990), a companhia vem realizando todos os seus filmes, como *Eternamente Jovem*, *Maverick* e *O Homem Sem Face*. Para contar a história de William Wallace, a Icon está investindo US$ 70 milhões (boa parte financiada pela Warner). "O projeto pode parecer ambicioso demais, levando-se em conta que o nome de Wallace não é conhecido mundialmente, mas a história é muito boa. E quando você tem uma grande história nas mãos, vale a pena contá-la", diz Gibson, enquanto um cabeleireiro aproveita um dos intervalos para caprichar no laquê e alvoroçar um pouco mais seus cabelos.

Antes de retomar as filmagens e encarnar mais uma vez seu personagem, o ator/diretor define *Braveheart* como uma história de liberdade. "William Wallace foi um grande sonhador, assim como tantos outros homens que lutaram por um ideal. A história está cheia deles." Quanto ao potencial comercial, Gibson adianta que o filme contém alguns dos elementos necessários para conquistar o público – entenda-se ação, romance e heroísmo. "Quem não assistir vai perder muita coisa", avisa.

MEL GIBSON
Domínio Total

Mel Gibson define o trabalho na direção como uma "mudança lógica" neste estágio de sua carreira. Com quase vinte anos de experiência como ator – com as seqüências Mad Max *e* Máquina Mortífera *como destaques –, ele diz que chegou a hora de aproveitar seu conhecimento atrás das câmeras.*

"Em essência, não há muita diferença entre o trabalho de ator e o de diretor de cinema. Nos dois casos, o que se tenta fazer é contar uma história da melhor maneira possível. A única vantagem do diretor é que a sua área de atuação é bem maior; ele responde por todo o processo", afirma.

Atuando na direção e comandando uma equipe de 150 pessoas, Gibson se considera um homem "fácil" de levar. "É muito difícil me fazer perder a cabeça", garante. Quanto ao elenco de Braveheart, *o diretor acredita ter feito as escolhas certas.*

Como o filme está sendo rodado na Irlanda em sua maior parte, Gibson selecionou sete atores irlandeses. O principal deles é Brendan Gleeson, que interpreta Hamish, um amigo de infância de William Wallace que o acompanha na luta pela independência da Escócia. Além de Gleeson, o time irlandês conta com Sean McGinley, John Kavanagh, Sean Lawior, Gerry McSorley, Joe Savino e Niall O'Brien.

O destaque feminino de Braveheart *é a francesa Sophie Marceau, que faz a princesa Isabelle – seu primeiro papel num filme de língua inglesa. A atriz vai formar com Gibson e Catherine McCormack (no papel de Murron) o triângulo amoroso da história. O coração de Wallace vai bater pelas duas.*

Como o vilão do filme, no papel do rei inglês Edward I, Gibson escolheu o ator Patrick McGoohan. Peter Hanly interpreta seu filho, o príncipe Edward, e o ator Angus McFadyen faz Robert de Bruce, o homem que dá continuidade à luta após a morte de Wallace e acaba se tornando o rei da Escócia.

Quanto à fidelidade aos fatos, o diretor conta que o filme respeita a história apenas em sua essência. "Como estamos trazendo para a tela dezessete anos de História, tivemos que preencher algumas lacunas. A história não é tão específica assim, faltam muitas informações."

Gibson defende ainda que um certo grau de dramaticidade é necessário para ajudar o público a digerir melhor os fatos. "Um diretor tem que se preocupar primeiro em fazer a história funcionar, para depois pensar em ser 100% fiel aos fatos. Além disso, se você passar para a tela exatamente o que se lê nos livros, o filme corre o risco de ficar bem chato."

BELAS E BENDITAS

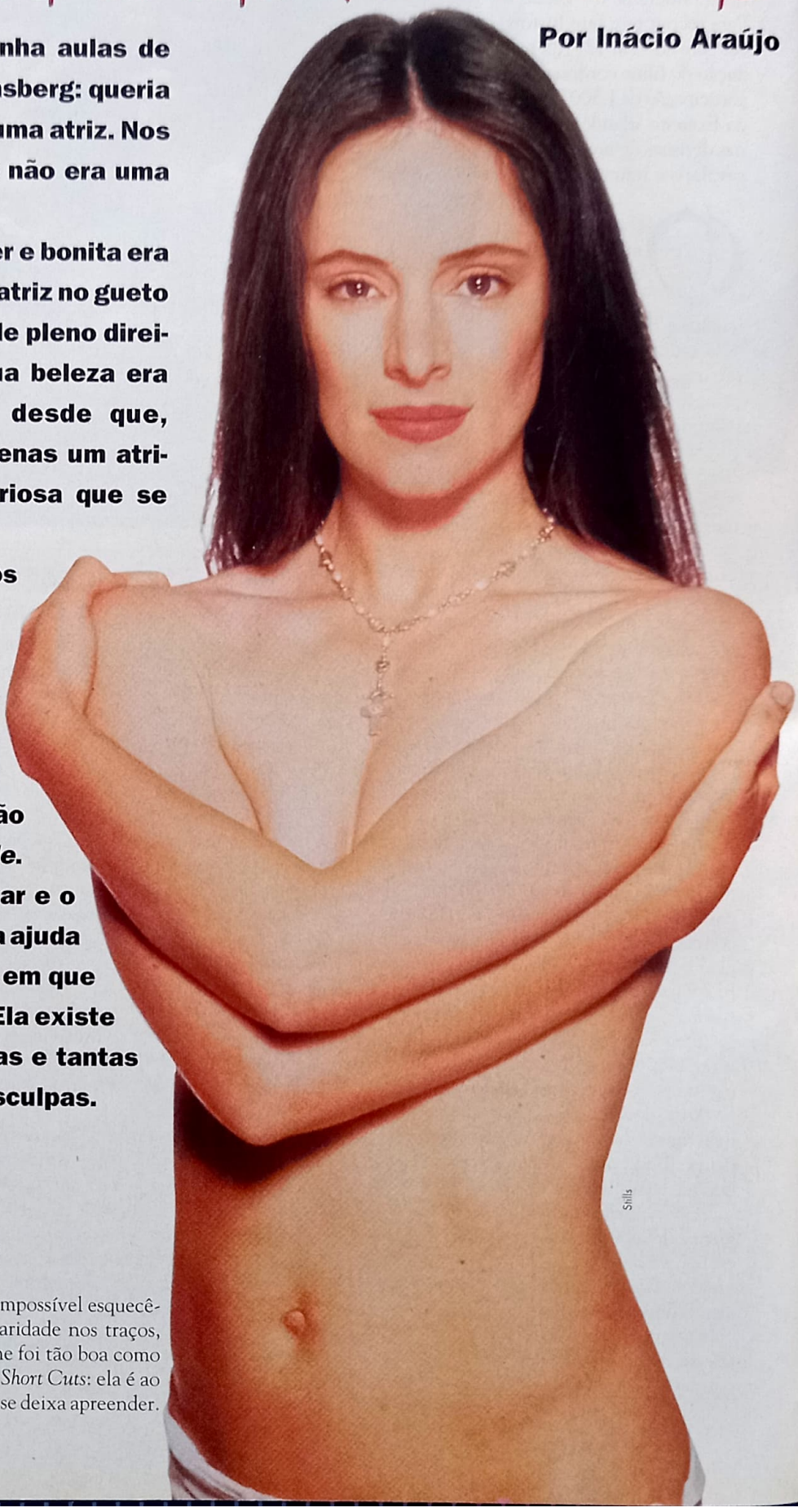
Por Inácio Araújo

Nos anos 50, Marilyn Monroe tinha aulas de interpretação com a sra. Lee Strasberg: queria provar ao mundo que era, afinal, uma atriz. Nos 60, Ann-Margret proclamava que não era uma boneca de carne.

Anos pedantes, em que ser mulher e bonita era um pecado original e confinava a atriz no gueto dos "sex symbols". Para existir de pleno direito, ela devia demonstrar que sua beleza era uma excrescência suportável desde que, comprovadamente, ela fosse apenas um atributo anexo a essa coisa misteriosa que se chama talento.

Estranhamente, a revolução dos costumes nos anos 60/70 dividiu o cinema em dois lados muito claros: o da obscenidade e o do pudor. Quem ficou no meio acabou no limbo, como Sylvia Kristel, culpada de mostrar toda a extensão de seus encantos em *Emmanuelle*.

Agora que o século começa a virar e o neomoralismo vai ao ataque com a ajuda da Aids, chegamos a uma década em que a beleza não precisa se explicar. Ela existe e ponto. Melhor assim. Elas (estas e tantas outras) já não precisam pedir desculpas.



Stills

Madeleine Stowe

Um nome a calhar. Como a Madeleine de Proust, impossível esquecê-la. E nem se sabe direito por quê. Nenhuma vulgaridade nos traços, nenhum excesso nos gestos. Aliás, nunca Madeleine foi tão boa como quando ficou imóvel, posando para um quadro, em *Short Cuts*: ela é ao mesmo tempo evidente e essencial. Está lá, mas não se deixa apreender.

Sygma

Emmanuelle Béart

Vendo Béart, compreende-se porque seu marido Paul torna-se um paranóico de último grau em *Ciúme*, de Claude Chabrol. Ela é bela, delicada, agradável, inteligente, simpática, alegre. Em uma palavra, perfeita. E como, além de perfeita, ela poderia ser fiel? Sem roupa, em *A Bela Intrigante*, de Jacques Rivete, Emmanuelle é o instrumento de um pintor. Tocando violino, em *Um Coração no Inverno*, de Claude Sautet, é a própria música. O que pedir mais?

Andie McDowell

A musa hippie de *Greencard* virou yuppie em *Quatro Casamentos e um Funeral*, fez pose de pistoleira para *Quatro Mulheres e um Destino*. Mudam os papéis, *candy* Andie não. Seu rosto associa à doçura a placidez de um lago suíço. Isso lhe dá um quê de pura essência, a força imaterial e a fragilidade da matéria. Andie é como dogma. Não se demonstra, acredita-se.

Sílik

Kim Basinger

Deu pano para manga ao lado de Mickey Rourke em *9 1/2 Semanas de Amor*. Deu uma fortuna para pular fora de *Encaixotando Helena*, mas a história mostrou que os US$ 9 milhões de indenização que teve de pagar até que foram um preço razoável para não se deixar estraçalhar pela srta. Lynch. Deu o melhor de si em *A Fuga*. Kim leva o filme nas costas. E que costas! Está com a beleza dos 40 anos, a vitalidade dos 20 e começa a ficar parecida com Rita Hayworth. Se continuar assim, Basinger pode aspirar à eternidade.

Gamma

Belas e Benditas

Stills

WinonaRyder

Não espanta que Drácula corresse atrás dela. Coppola percebeu que um ser imaginário só podia mesmo se apaixonar por uma mulher camaleônica. Como saber que Winona está em cena? Pelos créditos. De um filme para outro ela se transfigura. Mas toda vez que se olha aquela garota sempre diferente percebe-se que a beleza é sempre a mesma.

LFI

Daryl Hannah

Blade Runner fixou uma imagem: a ossatura forte, o rosto anguloso, os gestos amplos eram tudo que se podia esperar de uma replicante. Depois, Daryl passou a sereia da vida de Tom Hanks em *Splash*. Terminou como hipérbole: quinze metros de mulher perdidos num filme ridículo. Em qualquer circunstância, Daryl Hannah é um paradoxo: uma beleza tão concreta só pode existir no reino do fantástico.

Sygma

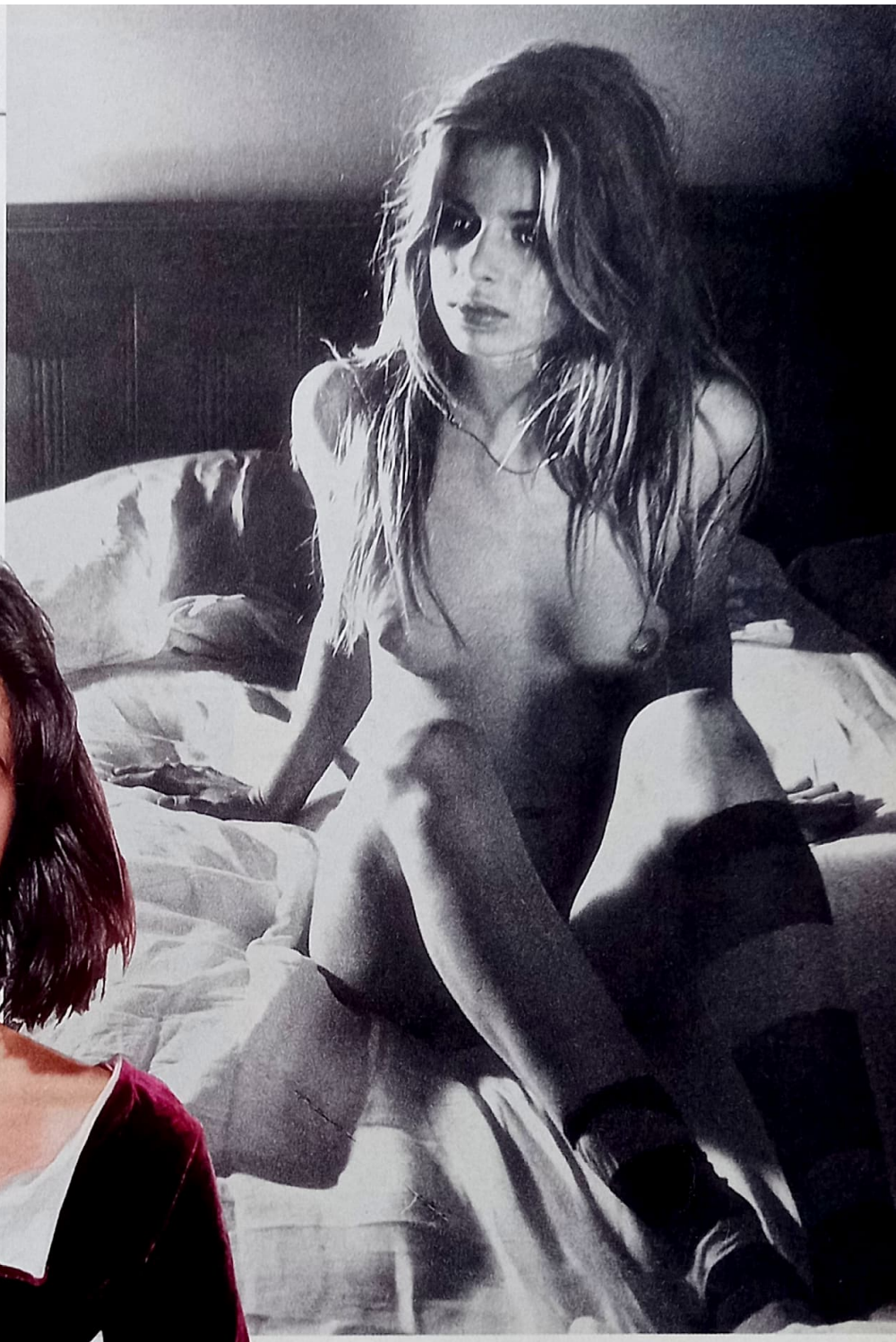
Demi Moore

Ingênua libertina, ela topa US$1 milhão de dólares para transar com Robert Redford em *Proposta Indecente* com a mesma desenvoltura com que faz o espírito de Patrick Swayze voltar ao mundo dos vivos em *Ghost*. Ao primeiro olhar, Demi é sempre a mulher do passado, que precisa ser protegida. Mera armadilha: antes de contar até dez, o milionário está a seus pés, e o fantasma de olhos abertos. Demi é do outro mundo

Kobal

Nastassja Kinski

A *Marca da Pantera* deixou todo mundo em dúvida: Nastassja é humana ou felina? Em *O Fundo do Coração*, enquanto andava na corda-bamba pairava no ar outra pergunta: é uma mulher ou uma criança? Beleza feita de dúvidas, a de Nastassja não se deixa apreender. Wim Wenders sabe disso. Trancada no *peep show* de *Paris, Texas*, ela se tornava óbvia, sumia. O encanto certeiro só se manifesta no coração da ambigüidade.



Sygma

Irène Jacob

Quem se lembra da cantora que desfalecia misteriosamente, em Varsóvia, durante um recital de *A Dupla Vida de Véronique*? É verdade que Irène Jacob ressurgia pouco depois em Paris, pois para que uma Véronique (a francesa) existisse era preciso que a outra Véronique (a polonesa) morresse. Irène é dupla. Tem a beleza da fragilidade e a fragilidade da beleza.

Belas e Benditas

Sygma

NicoleKidman

A sra. Tom Cruise é a expressão contemporânea da loira hitchcockiana: distante, discreta, aparentemente fria. Só lhe falta achar um Hitchcock na vida para mudar seu destino de heroína de todos os sub-Hitchcocks que aparecem na face da Terra.

Reina

SharonStone

Instinto Fatal era um nome a caráter. Com a mais célebre cruzada de pernas da história do cinema, Sharon foi direto ao assunto: sem calcinha e sem mais nada, pôs a sedução à flor da pele, como se reinventasse a desfaçatez. É verdade que, com um quebra-gelo nas mãos, ela se tornava um perigo literalmente mortal. Mas depois daquela cruzada de pernas, quem não correria o risco?

Paris Filmes

Madonna

Ou, o casamento do céu e do inferno. Esse estranho ponto em que prazer e morte, vida e destruição se tocam, fugazes, está nos seus olhos de serpente. *Fake*? Certamente. A bela instigante sabe fazer de qualquer coisa – show, filme ou disco – um veículo de si mesma, mas também tem esse dom raro de converter o falso em verdadeiro, o imaginário em real. Para em seguida, perversa, transformar o concreto em sonho e o sonho em fumaça. Madonna não existe, e nisso reside sua existência.

MARQUE SUA PRESENÇA COM DUMONT

Dumont®

O PRIMEIRO A CADA SEGUNDO

Linha Social

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SOMENTE O LEGÍTIMO DUMONT POSSUI SELO TRIDIMENSIONAL

NEW CONTEXT (021) 521 6205

Marcos Muniz

OPERÁRIOS DO AUDIOVISUA

Para continuar filmando, os cineastas brasileiros foram obrigados a abandonar o seu gueto, migrar para a Publicidade ou recorrer a parcerias com a televisão e estúdios estrangeiros

Se os comerciais que são veiculados diariamente nas redes de televisão ostentassem créditos, um fato muito curioso se tornaria público: quem assina boa parte deles são diretores conhecidos do cinema brasileiro. A série de propagandas da margarina Qualy, por exemplo, vem sendo dirigida por **Gerê Moreira**, que fez os filmes *O Menino da Porteira* e *Mágoa de Boiadeiro*. O projeto "Gente que Faz", do Banco Bamerindus, tem coordenação de **Roberto Gervitz**, responsável pela versão cinematográfica do best-seller *Feliz Ano Velho*. E **Sérgio Amon**, do famoso Núcleo de Cinema Gaúcho, é hoje o responsável por campanhas como a dos calçados Dakota, com Cláudia Abreu.

O que levou uma parcela dos profissionais de cinema do Brasil a abandonar seus projetos e migrar para a publicidade? Falta de mercado e de estrutura na distribuição e, principalmente, a procura por uma atividade mais rendosa e com mais recursos à disposição estão na raiz do fenômeno.

"*Feliz Ano Velho* foi um sucesso de público ao ser lançado em 1988, um ano reconhecidamente recessivo", conta Roberto Gervitz. "O número de salas de exibição estava diminuindo, o filme concorria com grandes produções estrangeiras (como *Duro de Matar* e *Uma Secretária de Futuro*) e ainda assim foi assistido por cerca de um milhão de pessoas – um número muito bom para uma produção nacional. O irônico é que, apesar desse desempenho positivo, não tive lucro com a fita."

A história de Gervitz é significativa. Mesmo sendo uma das últimas grandes produções brasileiras lançadas durante a existência da Embrafilme, saiu da montagem sem estar totalmente paga, e a bilheteria só fez zerar a conta. Se a situação já era precária com o Estado amparando a produção, a extinção da Embrafilme no início do governo Collor acabou de instaurar o caos no meio cinematográfico.

Parte do problema se situa na distribuição: como ela era em grande parte controlada pela Embrafilme, passou a existir um vácuo entre a realização do longa e sua

Cacá Diegues: *Veja Esta Canção* foi co-produzido pela Rede Cultura, que o exibiu primeiro, em episódios

Pedro Gomes

Roberto Gervitz: "Essa passagem pela Publicidade só traz enriquecimento profissional"

Carlos Mancini

Ugo Giorgetti, no set de *Sábado*: "Nunca tive muitos problemas em fazer cinema"

chegada às telas. Quem quisesse investir dinheiro do próprio bolso – ou arrumar patrocinadores – até conseguia montar sua fita, mas depois tinha que se virar em mil para conseguir apresentar o filme em circuito comercial. "O cineasta tinha que se transformar em empresário, enfiar a fita debaixo do braço e sair batendo às portas das distribuidoras privadas tentando negociá-la", constata Gerê Moreira. A maioria dos artistas, despreparada para o lado mercantilista da coisa, acabou se perdendo nesses meandros e resolveu mudar de rumo.

Na verdade, Gerê deixou o cinema de lado em 1982, bem antes do furacão Collor varrer o país. Mas, segundo ele, uma das razões de seu desencanto foi o mesmo problema da má distribuição, que já existia antes da extinção da Embrafilme e só ficou mais evidente com o fato. O que embolou o meio de campo, de acordo com Gerê, foi a falta de grandes produtores empresários no Brasil. Sem essa figura-chave – que faz a ponte entre quem quer filmar, quem quer investir em cinema e também com o mercado, que precisa de novos produtos – fica complicado estabelecer uma relação comercial e uma indústria cinematográfica produtiva.

Gerê Moreira cita a trajetória de seus filmes para exemplificar. "Quanto à comercialização de meu primeiro filme – *O Menino da Porteira*, de 1976 –, não posso reclamar muito: ele até que foi bem negociado com distribuidoras privadas, fez 8 milhões de espectadores e rendeu cerca de US$ 100 mil", analisa. "Mas os dois longas seguintes – *Mágoa de Boiadeiro* (78) e *Fuscão Preto* (81) – tinham tanta gente e tantas firmas envolvidas em sua distribuição que perdi o controle sobre eles. Não sei até hoje ao certo quanto renderam e qual foi o público que os viu."

Ambos seguiam a linha escolhida pelo diretor desde *O Menino da Porteira* – investir no cinema popular para preencher um vazio entre as produções intelectuais e os filmes pornôs. E, ao que tudo indica, a idéia tinha chances de vingar: os espectadores reagiam bem aos filmes bucólicos e românticos que mostravam a realidade de comunidades do interior do país. Mas a falta de um empresário de peso na hora de negociar a exibição acabou abortando boa parte das chances de sucesso de ambas as obras. "O mais engraçado é que boa parte da culpa de não existir essa figura no Brasil é dos próprios cineastas: temerosos de perder a liberdade, eles abafavam qualquer tentativa de produção empresarial. Deu no que deu."

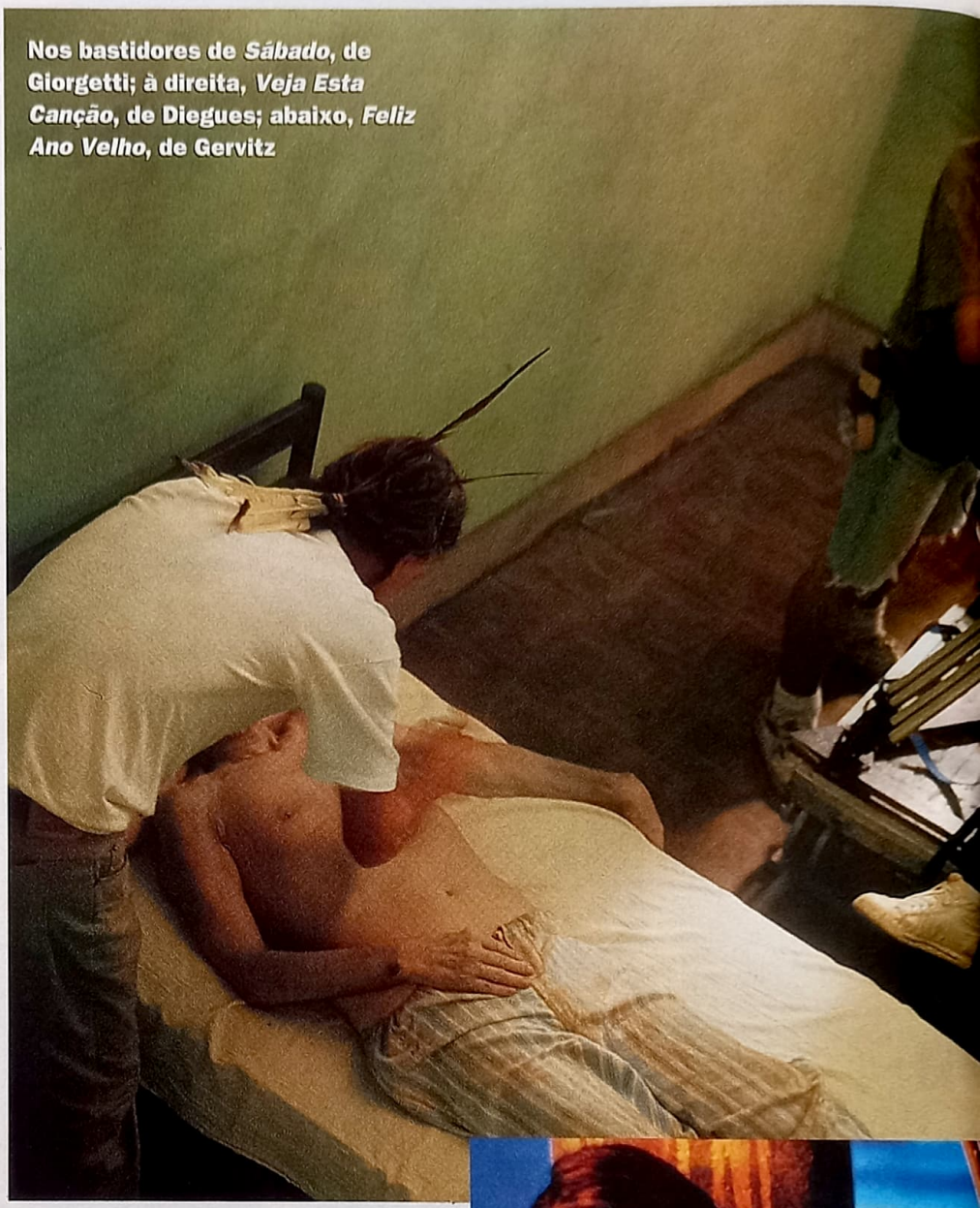
Curiosamente, o roteirista de *Mágoa de Boiadeiro* voltaria a fazer sucesso anos de-

pois, na televisão, com a mesma fórmula de histórias românticas e rurais. Ele era ninguém menos que o novelista Benedito Rui Barbosa, autor de *Pantanal*, produzida pela TV Manchete em 1990, e também de *Renascer*, exibida em 1993 pela Globo.

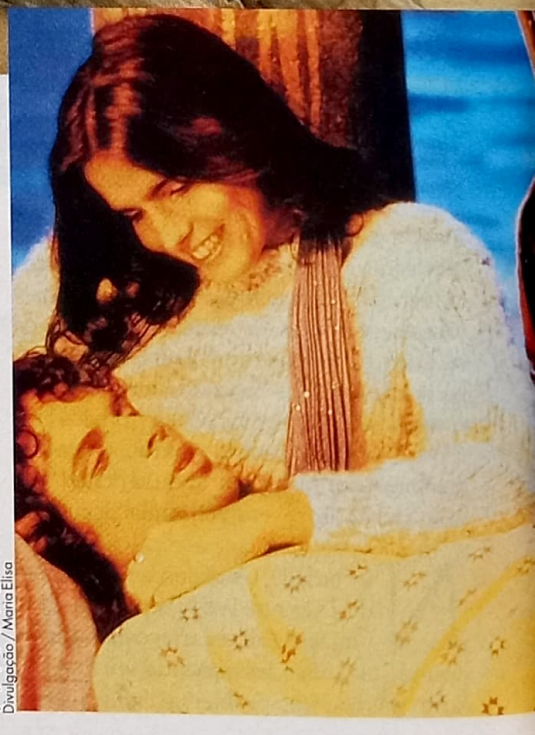
Gerê saiu do cinema e foi fazer publicidade. Já passou por várias produtoras e hoje tem a sua própria, a Gerê Moreira Filmes, na qual teve o cuidado de montar uma equipe craque nos negócios. Sérgio Amon, que no começo dos anos 80 fez sucesso produzindo e fotografando para o Núcleo de Cinema Gaúcho e dirigindo seu próprio longa – *Aqueles Dois*, baseado no conto homônimo de Caio Fernando de Abreu –, está desde 84 no meio publicitário. Depois de fazer carreira no Rio Grande do Sul, transferiu-se com malas e bagagens para São Paulo e também montou produtora própria, a 0512. Seu colega do Núcleo, **Jorge Furtado**, diretor dos premiadíssimos curtas *O Dia em que Dorival Encarou a Guarda* e *Ilha das Flores*, hoje divide seu tempo fazendo roteiros para a TV Globo e, é claro, dirigindo publicidade. **Cao Hamburger**, famoso pelos seus filmes de animação *Frankenstein Punk* (87) e *A Garota das Telas* (89), montou a ZH para fazer animação em publicidade, passando logo em seguida à direção de comerciais. E Roberto Gervitz já está há dois anos envolvido com o projeto "Gente que Faz".

"Depois de realizar *Feliz Ano Velho*, tive que abandonar dois projetos – uma adaptação de um conto de Julio Cortázar e um roteiro próprio – por falta de condições para levá-los adiante", conta Gervitz. "Há pouca gente querendo investir em cinema e eu, pelo meu lado, preciso ganhar meu dinhei-

Carlos Mancini



Nos bastidores de *Sábado*, de Giorgetti; à direita, *Veja Esta Canção*, de Diegues; abaixo, *Feliz Ano Velho*, de Gervitz



Divulgação / Maria Elisa

ODORICO MENDES
O *american way of business*

Em 1972, quando entrou pela primeira vez num estúdio como pau-para-toda-obra (varria o chão, ajudava na produção), Odorico Mendes sonhava fazer seu próprio longa. Vinte anos depois, após ficar conhecido no mercado publicitário como diretor de comerciais e sócio da Chroma e da Adrenalina – duas produtoras renomadas no meio da publicidade –, Odorico realizou seus planos. Através dos contatos feitos com o mercado cinematográfico americano ao longo de sua carreira, conseguiu filmar Discretion Assured, *um filme com verba internacional, falado em inglês, com elenco americano (Michael York e Jennifer O'Neal são os protagonistas), distribuído no exterior e com jeito de produção* made in USA *– mas todinho rodado aqui, roteirizado e dirigido por ele.*

Agora que constatou que é possível fazer cinema em solo nacional com dinheiro de fora – desde que as idéias do filme atraiam os co-produtores e sejam viáveis comercialmente – Odorico resolveu investir mais na área. Sem abandonar a Publicidade, está começando a produzir cinco novos projetos de longa e vem analisando os mais diferentes roteiros que chegam às suas mãos. "Gosto da idéia de gerenciar um filme, vá dirigi-lo ou não. Aliás, se a coisa engrenar, pretendo convidar outros profissionais para dirigir esses roteiros que venho selecionando." É o american way of business *– e quem sabe ele não possa ajudar a reerguer a indústria cinematográfica daqui?*

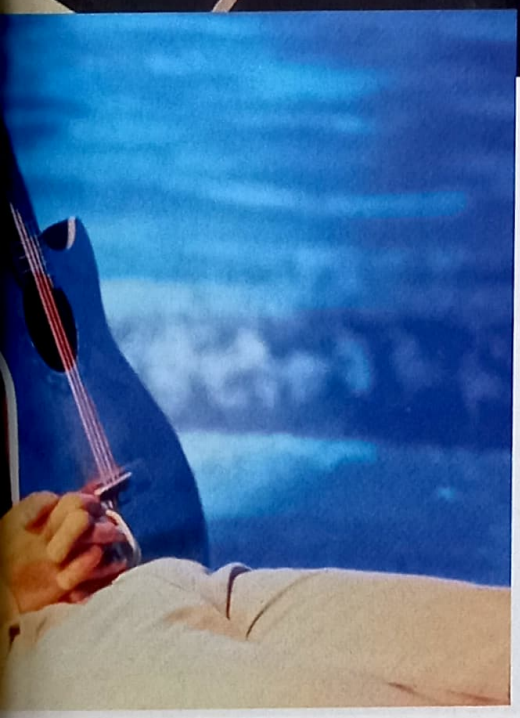
Luciana da Justa

CARLOS MANGA
A voz do mestre

"Cinema é fazer amor, dirigir publicidade é namorar. Não que namorar também não seja bom, mas cinema é muito mais pleno, profundo, completo." O autor da frase, Carlos Manga, morre de saudades do tempo em que fazia muito amor com o cinema, na época áurea da Atlântida (final dos anos 40 até meados dos 50). Lá ele dirigiu 32 longas de muito sucesso, entre eles as famosas chanchadas com Oscarito e Grande Otelo.

Manga traiu a mulher amada pela publicidade e também pela televisão. Da década de 70 para cá, dirigiu mais de 2 mil comerciais, coordenou programas de sucesso (como Chico City) e hoje é contratado da Rede Globo como diretor artístico responsável pelo núcleo de minisséries. Ele justifica sua opção: "O cinema que eu fazia era um estouro de público, mas a crítica não cansava de depreciar meu trabalho. Acabei deixando minha paixão de lado em troca de atividades em que eu era bem mais respeitado".

Apesar de não ter planos de voltar aos longas ("aos 66 anos já estou muito velho para isso"), o veterano da película dá seus conselhos para quem quer entrar ou retornar ao cinema: "Pense no mercado externo, tenha muita gana e trabalhe sempre com uma linguagem que atinja o público, que se identifique com o povo. Vai dar o maior trabalho, mas fazer cinema sempre vale a pena".



ro. Fazer publicidade foi a melhor alternativa que encontrei para me sustentar e, ao mesmo tempo, não deixar de lado o trabalho de direção."

A publicidade é onde está o dinheiro para quem quer continuar trabalhando com a luz, a câmera e a ação. Nela, ao invés de gastar a fundo perdido – ou se desgastar em busca de investimentos –, o profissional termina o comercial e recebe um belo cachê, que varia de R$ 5 mil a R$ 25 mil, dependendo do renome do diretor na praça e do grau de dificuldade do trabalho. Mas exercitar-se parece ser a palavra-chave para os cineastas que trocaram a telona pelos comerciais da telinha.

Jorge Furtado bate com intensidade nessa tecla. "Quem tenta fazer cinema no Brasil consegue dirigir a cada dois anos, quando muito. A publicidade traz esse exercício para o cotidiano, você entra no estúdio uma vez por mês." Sérgio Amon vai mais além: "A publicidade permite ao diretor trabalhar a linguagem cinematográfica, ao invés de ficar parado enquanto espera um de seus projetos engatilhar. Além disso, ela envolve, seduz: você tem muito mais estrutura para fazer um comercial de 30 segundos do que qualquer cineasta brasileiro pode contar para fazer seu filme".

Sim, sedução da publicidade não vem só do dinheiro que se ganha, mas também do dinheiroque abre as portas da tecnologia de ponta e da produção bem-cuidada. Quando o diretor passa a ter contato com as câmeras, as técnicas e as verbas disponíveis para a produção de um comercial, acaba ficando muito exigente em relação à qualidade.

"Há alguns anos, consegui produzir e dirigir um comercial para o lançamento da gelatina da Sadia em que um menino contracenava com um personagem animado na mais perfeita harmonia", exemplifica Gerê Moreira. "As técnicas de direção e animação utilizadas foram as mesmas usadas no filme *Uma Cilada para Roger Rabbit*. É claro que, quando eu voltar a fazer cinema, quero poder contar com tudo isso também." Jorge Furtado ironiza: "Não quero voltar a fazer cinema daqui a alguns anos e ter que ser apresentado ao equipamento. Fazer publicidade hoje em dia é também poder ter contato com técnicos e material de primeira, que me fazem crescer como profissional".

Mas nem tudo são rosas nos novos caminhos dos cineastas. "Irrita ver o despudor de copiar que existe na publicidade", diz Furtado. "Na época em que *9 1/2 Semanas de Amor* estava em alta, cansei de receber roteiros imitando cenas do filme. A idéia é vender o produto e ponto. Para quem dirige e tenta fazer um trabalho autoral, essa norma acaba incomodando."

E o gaúcho continua: "Também é complicado ter que fazer adequações e mais adequações aos desejos do cliente. É o jeito da coisa, é justo, mas quem tem a formação ou pretensão de ser artista acaba trombando com a regra". Roberto Gervitz sintetiza bem esses percalços quando diz que, com a crise, os diretores descobriram ser trabalhadores como outros quaisquer. "Hoje somos operários do audiovisual. Os cineastas tiveram que sair do seu gueto e isso é, sem dúvida, um processo dolorido; mas, noves fora, acho que essa passagem pela publicidade só traz enriquecimento profissional."

Apesar de a publicidade estar mantendo ocupados tantos talentos do cinema nacional, todos eles fazem seus planos para voltar, e também todos vêem os mesmos caminhos para realizar esse desejo. Um deles é o das co-produções com TVs. "Basta olhar o cinema europeu para constatar a tendência", aponta Roberto Gervitz. "Os cineastas já estão produzindo seus filmes com a ajuda das redes de televisão, que ganham com isso prioridade para exibição na telinha."

Aqui no Brasil, algumas produções independentes já vislumbram a brecha. É o caso do projeto *Veja Esta Canção*, de **Cacá Diegues**, que antes da veiculação em cinema foi exibido em episódios na Rede Cultura, em São Paulo. Outras estão embrionárias, como um longa-metragem que Cao Hamburger pretende produzir em conjunto com a mesma Rede Cultura. O filme, infantil, vai se basear no supersucesso *Castelo Rá-Tim-Bum*, que Cao vem coordenando nos últimos dois anos para a emissora.

Há também a possibilidade das co-produções internacionais, em que a coisa fica um pouco mais difícil. O mercado é competitivo, há muita gente batalhando o espaço para seu roteiro e a verba só sai para os projetos mais viáveis comercialmente – mas a missão não é impossível, como vem provando **Odorico Mendes**, que promete ganhar espaço na área da produção cinematográfica exatamente naquele papel de empresário e negociador de peso sonhado por Gerê Moreira.

As novas leis de incentivo fiscal às empresas que contribuam para a grande arte – como a Lei do Audiovisual, de 1993 – também prometem alternativas para quem

TV Cultura / Jair Bertolucci

tiver a paciência de sair por aí passando o chapéu. Nesse caso, fica a incógnita do público e volta a questão da distribuição: é preciso criar projetos que seduzam o primeiro e esquemas que viabilizem a segunda.

Possibilidades parecem estar ressurgindo e o clima de otimismo que tomou conta do país nos últimos tempos parece estar dando um certo ânimo aos cineastas publicitários. "Sinto que tempos melhores vêm por aí. Mas, por via das dúvidas, prefiro esperar para ver", arrisca Gerê. "A publicidade é um bem e um mal, uma chance de exercício mas também um canto da sereia. São raros aqueles que conseguem se desvincular dela para voltar ao cinema", sintetiza Jorge Furtado.

Maria Cecilia Prado

Cao Hamburger

Cao Hamburger junto ao elenco do *Castelo Rá-Tim-Bum*; no destaque, seu *Frankenstein Punk*

UGO GIORGETTI

Nadando contra a corrente

Enquanto a maioria dos cineastas passou a década de 80 migrando para a publicidade, o publicitário paulistano Ugo Giorgetti resolveu traçar o caminho inverso e fazer cinema.

Dirigindo comerciais desde o final dos anos 60, Giorgetti decidiu que era hora de trabalhar outras idéias que não a de vender um produto: deixou a publicidade um pouco de lado e, em 1979, realizou seu primeiro longa, o documentário Quebrando a Cara. *"O filme relatava a história de Éder Jofre e sua curiosa família de pugilistas", conta ele. "Três ou quatro de seus irmãos também arriscaram a sorte no esporte."*

De lá para cá, o publicitário vem alternando comerciais e longas. Em 1984, sua segunda obra – Jogo Duro *– chegou ao mercado, mas foi o filme* Festa, *de 1989, seu primeiro grande sucesso de público. A obra custou cerca de US$ 250 mil e se pagou completamente.*

Giorgetti completou mais um longa, Sábado, *e tem como meta manter o ritmo de um novo filme a cada três ou quatro anos. "Nunca tive muitos problemas em fazer cinema", avalia. "Acho que, por ter entrado nesse meio com muita reverência e aberto para o aprendizado, fui aprimorando aos poucos a arte de dirigir também nessa área. Meu maior cuidado é administrar bem a equipe e os atores pois, como um filme leva muito mais tempo para ser feito do que um comercial, o risco de deixar todo mundo à beira de um ataque de nervos após dias e dias de filmagem é bem maior."*

Carlos Mancini

Quanto aos cineastas que estão fazendo carreira no mercado publicitário, Ugo Giorgetti só faz uma ressalva. "Se o profissional é talentoso, se enquadra à linguagem publicitária sem maiores percalços. Mas quem entra no ramo subestimando as características muito próprias da publicidade pode se dar mal: quem não respeita o comercial que está fazendo é rapidamente rejeitado pelo mercado."

UM SONHO DE LIBERDADE

A ESPERANÇA É CINZA

Interpretações notáveis de Tim Robbins e Morgan Freeman conseguem transcender os espaços claustrofóbicos de um filme de prisão

Andy (Robbins) chega à penitenciária de Shawshank, à esquerda; com Red (Freeman), estabelece uma parceria que atravessará os longos anos de prisão

Fotos Play Arte

Duas décadas vividas dentro de uma cela, preenchidas pelo habitual repertório de humilhações, sofrimento, violência e absoluta falta de perspectiva – a não ser a de passar outras tantas décadas mais atrás das grades. Não falta material para um filme aí. Pelo contrário, essa foi a matéria-prima de grandes fitas, de *Papillon* a *O Sistema* e *O Expresso da Meia-Noite*. Mas Frank Darabont, o roteirista que faz sua estréia na direção com *Um Sonho de Liberdade*, achou que era pouco. Dentro do minucioso e preciso filme de prisão construído pelo diretor, há ainda um outro filme – que fala da liberdade espiritual, da amizade, da esperança, e que se desenrola como um incrível e fabulesco suspense. Não por acaso, a inspiração para *Um Sonho de Liberdade* partiu de uma novela do mestre do horror Stephen King.

Mas horror, aqui, só há mesmo na vida árida e assustadora dos presidiários. Em particular, na vida de dois condenados à prisão perpétua: Red, especializado em conseguir que todo tipo de encomenda atravesse os muros da prisão de Shawshank, e Andy Dufresne, um ex-banqueiro que perde sua liberdade ao ser acusado do assassinato de sua mulher e do amante desta – um crime que ele garante não ter cometido. É Red (interpretado por Morgan Freeman, de *Conduzindo Miss Daisy*) quem narra a história de como ele e Andy (Tim Robbins, de *Na Roda da Fortuna*) se conheceram, e de como Andy veio a se tornar uma lenda entre os "habitantes" de Shawshank.

Uma lenda nada rápida, diga-se. Afinal, como os próprios presidiários não se cansam de dizer, tempo é a única coisa que não falta para quem vive em Shawshank. Quando Andy chega à prisão, em 1947, Red já está lá há cerca de dez anos. E, ao longo dos dezenove outros anos em que permanecerão juntos, Andy passa de um pária às avessas – um "almofadinha" discreto, cerebral e pouco dado a jogar conversa fora com os colegas – a uma peça-chave no funcionamento da

prisão. Suas dicas sobre assuntos financeiros conquistam primeiro a benevolência do mais duro dos carcereiros (Clancy Brown), depois de todos os guardas e, finalmente, do cruel diretor Norton (o ótimo Bob Gunton) – que, embora ultra-religioso, usa os serviços de Andy para organizar uma rede de corrupção altamente rentável em Shawshank, permitindo em troca que Andy espalhe alguns benefícios entre os presidiários.

Durante duas horas e meia, o espectador é convidado a participar de um jogo de ilusões: frases e imagens que pareciam casuais mais cedo ou mais tarde se revelarão cruciais para a trama, e tudo que parecia tão bem amarrado logo se mostrará cheio de brechas pelas quais se pode entrever uma outra história, muito diferente daquela que se imaginava estar testemunhando. Principalmente, o espectador vai perceber que aquilo que parecia destacar Andy de seus companheiros – o dinheiro, a educação, o talento para as finanças, a extrema discrição – é irrelevante diante do estado de liberdade interior em que Andy é capaz de se manter, e que ele chama de esperança.

Com um roteiro que funciona como um relógio e um elenco soberbo – dos protagonistas aos coadjuvantes –, *Um Sonho de Liberdade* consegue falar de justiça e injustiça enquanto desenrola o fio de uma das amizades mais belas do cinema. Ao mesmo tempo, cria momentos de extrema emoção (como aquele em que Andy desafia o diretor e põe uma ária de Mozart para tocar no sistema de som da prisão) e outros da mais genuína alegria, algo formidável nesse mundo cinzento e cercado por quatro paredes.

Isabela Boscov

The Shawshank Redemption, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Frank Darabont ■ ROTEIRO: Frank Darabont, com base na novela *Rita Hayworth and the Shawshank Redemption*, de Stephen King ■ MONTAGEM: Richard Francis-Bruce ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Thomas Newman ■ Com Tim Robbins, Morgan Freeman, Bob Gunton, William Sadler, Clancy Brown, James Whitmore, Gil Bellows ■ DISTRIBUIÇÃO: Play Arte ■ DURAÇÃO: 142 min.

UM SONHO DE LIBERDADE

TIM ROBBINS E MORGAN FREEMAN

DOIS HOMENS LIVRES

Bom humor e ironia é o que não falta a Tim Robbins e Morgan Freeman, os excelentes protagonistas de *Um Sonho de Liberdade*. Aqui eles falam sobre como se sentiram ao interpretar condenados, comentam suas convicções sobre o sistema judiciário e explicam como não ceder à tentação dos megadólares hollywoodianos

Como vocês se prepararam para fazer *Um Sonho de Liberdade*?

Morgan Freeman – Bom, este aqui é meu quarto filme de prisão, então não achei que precisasse me preparar de forma especial, porque o personagem não exigia detalhes como sotaques diferentes. Minha preparação se resumiu a decorar as falas.

Tim Robbins – O que Morgan, aliás, nem sempre fazia. Às vezes eu tinha que escrever os diálogos dele na minha testa para que ele pudesse lê-los.

MF – Essa foi um golpe baixo.

Este filme mudou ou reforçou de alguma forma suas impressões sobre o sistema penal?

MF – Não. Acho que as prisões são um mal necessário – e a palavra importante aqui é "mal". Porque, como no caso de Andy Dufresne (*que foi condenado à prisão perpétua por um crime que não cometeu*), não é um sistema perfeito. E, quando ele dá errado, ele dá *muito* errado.

TR – Este filme serviu para abrir meus olhos, porque eu nunca tinha estado numa prisão antes, nunca tinha conversado com os prisioneiros e os guardas. Infelizmente, não havia muito o que aprender com os prisioneiros – como eles vêem filmes na prisão, muitas das nossas conversas giravam em torno de fazer cinema. Mas me ajudou muito observar as coisas de longe e conversar com alguns dos guardas, que mudaram minha opinião sobre o que são as prisões e quais são seus problemas. Na opinião deles, há muitos garotos sendo presos por crimes sem vítimas – e esses garotos acabam convivendo com assassinos e estupradores, e um ano e meio depois saem de lá transformados em criminosos profissionais. E essa é a opinião de guardas conservadores, que votam no Partido Republicano.

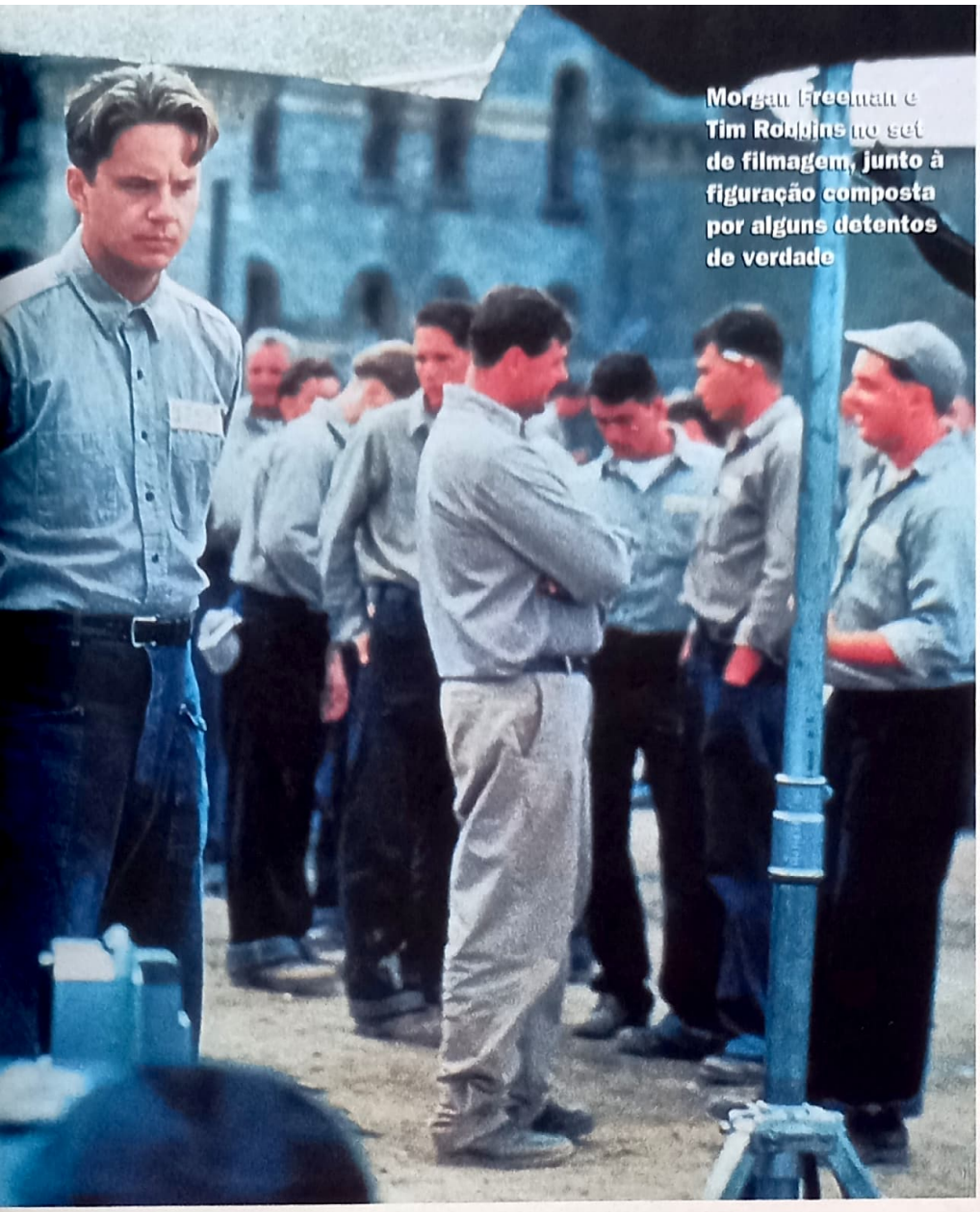
Vocês acham que o sistema judiciário é justo?

MF – Acho que é o melhor que há. Exceto pelo sistema inglês. Toda essa coisa sobre o caso O.J. Simpson (*o ídolo do futebol americano que é acusado do assassinato de sua ex-mulher e do namorado desta*), isso a que O.J. está sendo submetido é um arremedo de justiça. Ele não deveria aparecer na imprensa. Ele está sendo julgado pela imprensa. Isso é ridículo. Na Justiça inglesa, uma vez que um homem é citado pela Corte, a imprensa é proibida de mencioná-lo.

TR – Sei de muitos casos de pena capital em que os acusados encontraram seus advogados só no dia anterior ao julgamento. Nenhum tempo para fazer pesquisa, nada. Há um monte de gente aguardando execução por causa disso, então acho que há uma disparidade.

Recentemente vocês dois estrearam como diretores (*Robbins com* Bob Roberts, *e Freeman com* Bopha! – À Flor da Pele). Vocês têm planos de...

MF – De continuar a dirigir? Não. Eu não passei subitamente a me considerar um diretor. Houve uma oportunidade de dirigir e



Morgan Freeman e Tim Robbins no set de filmagem, junto à figuração composta por alguns detentos de verdade

achei o trabalho muito divertido, mas interpretar é mais rápido.

TR – É mais rápido e há...

MF – ... remunerações muito maiores em jogo.

Como vocês conseguem manter sua integridade em Hollywood – no sentido de que ambos escolhem projetos que não são tipicamente comerciais, mas nos quais vocês provavelmente acreditam. Como resistir à tentação de projetos comerciais, mas que dariam a vocês muito dinheiro?

MF – Acho que todos nós escolhemos projetos que têm a ver conosco. Mas não temos todos o mesmo gosto e as mesmas motivações e desejos. Então não acho que eu esteja fazendo escolhas "elevadas". Sempre tento escolher papéis em que eu acredite e projetos que me interessem.

TR – Se você quer sobreviver neste negócio, não dá para pensar em fazer coisas que só cinco pessoas queiram ver. Eu não quero fazer isso.

Morgan, você disse que gostaria de se aposentar depois que tivesse feito dois ou três bons filmes. Essa hora já chegou?

MF – Quase. Quase. Acho que não tenho mais do que trinta ou quarenta anos de trabalho pela frente.

Morgan, a revista *Newsweek* disse que você é o ator mais subutilizado do mundo. Você concorda?

MF – Não acho que isso seja justo. Recebo muitas oportunidades, mas não agarro tudo que aparece pelo meu caminho. Seja lá o que for que dizem sobre mim, eu recuso muita coisa. Freqüentemente minha decisão é que, se os roteiros não são bons, então os papéis não são bons.

Tim, em vários filmes já o vimos muito à vontade em cenas de nudez. Você sempre se sentiu confortável em filmar nu?

MF – Diga que sim.

TR – Sim. Nunca me sinto completamente à vontade em ficar nu na frente de duzentos estranhos, num set de filmagens. Não é minha atividade favorita, mas em alguns casos é preciso. Em *O Jogador* parecia necessário que o personagem emergisse daquela lama, desnudasse sua alma, tudo. Em *Um Sonho de Liberdade* era preciso que aqueles prisioneiros marchassem nus, porque fazia parte da humilhação a que eles eram submetidos ao iniciar o cumprimento de sua sentença. Mas quando entro num set eu não chego dizendo ao diretor "ei, eu adoraria interpretar isso aqui nu. Por favor, posso tirar minhas roupas?".

Tim, depois que você fez aquele famoso discurso na entrega do Oscar (*em 1993, Robbins e sua mulher Susan Sarandon aproveitaram sua presença no palco para defender o direito de entrada nos EUA de imigrantes HIV-positivos, provocando a ira do produtor da cerimônia*), você chegou a receber algum tipo de comunicação por parte da Academia?

TR – Não, e não acho que aquilo tinha a ver com a Academia. Isso foi coisa de um indivíduo que não gostou do que fizemos – e que era o produtor da cerimônia –, e o que ele disse depois é que, enquanto ele produzir o evento, nós não faremos parte dele. É uma prerrogativa dele, mas não tem nada a ver com a Academia.

Você prefere não trabalhar com Susan?

TR – Pelo contrário, eu adoraria trabalhar com ela. Só que ainda não encontramos o script certo. Não queremos trabalhar juntos apenas por trabalhar. Vamos fazer algo juntos se for especial, e é difícil encontrar isso.

***Um Sonho de Liberdade* tem duas horas e 22 minutos de duração. Parece muito mais curto quando se assiste a ele mas...**

TR – Bom, isso é bom.

É bem comprido. Vocês acham que é comercialmente...

MF – Antes as pessoas iam ao cinema e viam dois longas-metragens, mais um trailer, mais um desenho animado. Ficava-se no cinema por cinco horas. O que é esse negócio de duas horas e meia ser longo? Sabe o que é isso? Tem a ver com marketing. As exibidoras querem que os filmes circulem rápido, para que o público circule mais rápido. Você pode agüentar um filme de cinco horas se ele prender sua atenção. Se você for ver uma peça em três atos, você não vai sair do teatro em duas horinhas.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SEGREDOS DO CORAÇÃO

O remake número dois do clássico romântico de 1939, com o casal Warren Beatty e Annette Bening, não tem a inocência e o charme dos filmes anteriores

Entra ano, sai ano, e Hollywood desencava um clássico do passado ou um sucesso antigo, requenta o roteiro, adiciona elenco com os nomes populares do momento (às vezes, nem tanto), e serve o público com um remake alavancado nos méritos do filme original – por mais forte que seja o projeto novo, nunca se deixa de sublinhar o parentesco ou a linhagem. Falta de imaginação? Medo de testar novas idéias e, portanto, dependência absoluta em produtos já testados e de desempenho comprovado? Nostalgia? Seja qual for a resposta, no entanto, a mania dos remakes não é nenhuma novidade e um dos casos mais recentes, *Segredos do Coração*, vem a ser a segunda refeitura de um filme romântico lançado originalmente (e premiado com o Oscar de melhor filme) em 1939 e estrelado por Charles Boyer e Irene Dunne – *Love Affair*.

A bem da verdade, este novo *Love Affair* tem mais a ver com o remake realizado em 1957 e lançado com o título de *An Affair to Remember* (no Brasil, recebeu o título de *Tarde Demais para Esquecer*). Nos papéis então entregues a Cary Grant e Deborah Kerr – o casal protagonista – agora estão Warren Beatty e Annette Bening.

Desta vez, ele é um comentarista esportivo de TV e ela é uma consultora de grandes empresas. Mas as circunstâncias são basicamente as mesmas dos filmes anteriores. Embora, de início, eles se conheçam num vôo internacional, mais tarde Warren e Annette se reúnem num cruzeiro de navio (como Boyer & Dunne e Grant & Kerr fizeram) e culminam o romance com um reencontro no cocuruto do Empire State, em Nova York (como os predecessores fizeram). O propósito – tão bem explicado por uma Meg Ryan chorosa em *Sintonia de Amor* – é sempre o mesmo: testar e demonstrar a força do "verdadeiro amor".

O feitiço, porém, não funcionou uma terceira vez. A inocência do filme de 1939 e o charme do de 1957 são inexistentes na nova versão. O *Love Affair* de 1994 acaba sendo um remake raso, sem substância, sem contribuição alguma aos filmes anteriores, e sem muita razão de ser, além da tentativa do vaidosíssimo Warren Beatty, quase um sexagenário, em manter a fama de galã romântico.

Demonstrando essa falta absoluta de qualidades, o novo filme foi rigorosamente ignorado pelo público americano, nunca tendo atingido uma renda superior a US$ 19 milhões – o que o coloca, de tacada, entre os maiores fracassos do ano passado.

Parte dos problemas de *Segredos do Coração* pode estar na crise (abafada à época do lançamento do filme) entre Beatty e o diretor Glenn Gordon Caron. No cabo de guerra pelo roteiro e pela montagem final, Warren venceu, mas o público perdeu: quem saiu sofrendo mais no embate foi o filme.

José Emilio Rondeau

Love Affair, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Glenn Gordon Caron ■ ROTEIRO: Robert Towe e Warren Beatty, a partir do filme *Love Affair*, de Leo McCarey ■ FOTOGRAFIA: Conrad L. Hall ■ MONTAGEM: Robert C. Jones ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ Com Warren Beatty, Annette Bening, Katharine Hepburn, Garry Shandling, Chloe Weeb, Pierce Brosnan ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 108 min.

Fotos: Warner

Duas cenas que mostram o bucolismo e a afinidade romântica do casal Warren Beatty e Annette Bening

Os Antecedentes

Remake é tão antigo quanto Hollywood

A crescente onda de refilmagem em Hollywood talvez nem seja falta de autores com idéias novas ou custos inflados tornando mais econômico desengavetar velhos scripts, e sim uma prática tão antiga quanto a própria Hollywood.

Love Affair (94), a refilmagem de *Tarde Demais para Esquecer* (*An Affair to Remember*), do diretor Leo McCarey, com Cary Grant e Deborah Kerr, provavelmente represente menos uma volta ao romantismo que a reformulação de um gênero não necessariamente feminista, o *woman's picture*, o filme para mulheres. A versão de 1957 por sua vez era refilmagem de *Duas Vidas* (*Love Affair*, 1939), do mesmo diretor, com Charles Boyer e Irene Dunne. Era o protótipo da comédia romântica sofisticada (com toques de drama), num ano excepcional para Hollywood. Já quando McCarey rodou a segunda, Hollywood se apoiava na tela panorâmica e no som estereofônico para enfrentar a concorrência da TV. Com meia hora a mais que a primeira, também fazia rir e chorar em doses balanceadas, repetia muitos enquadramentos e invertia outros. A versão de 57 inspirou o delicioso *Sintonia de Amor*, em que o Empire State era também o ponto de um encontro. E num capítulo da telenovela *Deus nos Acuda* (1992) o autor Silvio de Abreu fez uma citação explícita de importante seqüência dos dois filmes, a visita à velha avó, que na primeira versão é mais marcante na interpretação de Maria Ouspenskaya, indicada para o Oscar.

Carlos M. Motta

BAD BOY

O mito do bom selvagem é recontado de forma criativa

Desde os tempos em que se adaptaram para as telas os clássicos personagens literários Mowgli e Tarzan até os dias atuais – em que Jodie Foster, por exemplo, interpreta uma mulher que se criou sozinha elaborando para si um código lingüístico muito particular (*Nell*) –, o cinema tem especial fascinação por imaginar o primeiro contato entre um bom selvagem e o mundo dito civilizado. O diretor australiano Rolf de Heer acrescenta mais um personagem a este panteão de inocentes sociais com *Bad Boy Bubby*.

Conhecido no Brasil por ter registrado a última participação de Miles Davis em um filme, na ficção *Dingo* (1991), de Heer declara ter realizado aqui uma homenagem à infância. O ator Nicholas Hope interpreta uma criança adulta, um ser humano que passou todos os dias de sua vida encalacrado em um pequeno e hediondo apartamento convivendo apenas com a mãe, gorda e velha. Ela afirma que o mundo externo está tomado por gases venenosos e assim submete seu filho de forma incestuosa e religiosa (ele vive para agradar à mãe e devota sua fé a uma figura decepada de Cristo).

Sem contato com o mundo externo nem mesmo por TV ou jornal, Bubby cresce com um código restrito de valores, com verdades absolutas e nenhuma capacidade de julgamento moral. Ele é abusado pela mãe, o que, segundo o diretor, é a fonte de boa parte dos desvios psicológicos que alimentam futuros *serial killers*. Depois de mais de trinta anos nesta convivência "harmoniosa", ressurge a figura do pai alcoólatra. Este fato inesperado desestrutura seu universo, o que o leva à explosão homicida. Livre das figuras paternas, Bubby descobre o mundo.

O filme é um bizarro e muitas vezes incômodo processo de revelação. A trilha sonora, que até então praticamente inexistia, passa a se manifestar, principalmente com sonoridades litúrgicas e um excelente uso do "Largo" de *Xerxes*, de Händel. A música assume caráter religioso, traduzindo o contato de um "infante" com as maravilhas da Criação. Bubby descobre a realidade com o único código comunicativo que lhe foi permitido desenvolver, o da imitação sonora e gestual. É um autodidata que conhece a miséria humana do preconceito e da incompreensão sem catecismos de terceiros.

Top Tape

Nicholas Hope, como Bubby, só expressa seu carinho com um gato anônimo

O diretor desenvolveu um novo sistema sonoro, o som bi-aural, para melhor representar o torpor de Bubby com o mundo externo. Um par de microfones e transmissores miniaturizados foram implantados na peruca usada pelo ator Hope para captar, em estéreo, todo e qualquer ruído próximo. O filme avança com uma dissonância ininterrupta e um específico conjunto de ruídos (portas, passos, objetos em queda etc.), como que definindo a perda da virgindade de seu sistema auditivo para com os sons "reais".

Já o diretor de fotografia Ian Jones comandou uma equipe de 31 fotógrafos, que trabalharam independentemente para cada externa diferente que o filme oferece. Mais uma tentativa do diretor de levar à percepção da câmera (e, em última instância, do espectador) o deslumbramento de Bubby com a diversidade do universo material. A trama, por sua vez, quase sempre desagradável, é uma representação de um segundo parto, o nascimento para uma vida natural.

De qualquer forma, de Heer elabora sua fábula introspectiva com passagens de poesia insuspeita (a primeira vez que Bubby transa com uma mulher que não é sua mãe, por exemplo – é uma voluntária do Exército da Salvação que durante o ato entoa um hino litúrgico em alemão). Com o inesperado final feliz que seu roteiro nos reserva, o filme acaba sendo uma celebração quase religiosa da diversidade humana, derrubando o mito da aparência. O filme é visualmente feio. Mas as aparências enganam...

Christian Petermann

Bad Boy Bubby, Austrália/Itália, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Rolf de Heer ■ MÚSICA: Graham Tardif ■ FOTOGRAFIA: Ian Jones ■ MONTAGEM: Suresh Ayyar ■ Com Nicholas Hope, Claire Benito, Carmel Johnson, Ralph Cotterill ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape ■ DURAÇÃO: 109 min.

ROTAÇÃO MÁXIMA

Filme de perseguição com Charlie Sheen faz crítica ao sistema judiciário americano

O diretor e roteirista Adam Rifkin já fez outra parceria com Charlie Sheen em *Sedutores Seduzidos*, filme de 1988 que já dava sinais da vocação da dupla para reproduzir e ironizar o "american way of life", ou a hipocrisia de uma cultura que promete um lugar ao sol para a juventude americana e imigrantes em geral, mas preserva velhos costumes de hierarquia e dominação e fica sempre devendo.

Depois de ficarem perdidos no deserto no filme de 1988, Rifkin e Sheen perdem-se agora na selva da cidade. Sheen encara o fugitivo Jack Hammond sem nenhum traço das sátiras que andou fazendo na série *Top Gang* e *Garra de Campeões*, e dá veracidade à história de um detento que foge da prisão na Califórnia, por não conseguir se livrar de uma injusta condenação – ele fora preso quando estava indo animar uma festa infantil vestido de palhaço e foi confundido com um assaltante de banco que também se veste de palhaço.

Durante a fuga, Jack pára num mercadinho para comprar cigarros e é surpreendido por dois policiais. Sem saber realmente a intenção dos tiras, ele reage com pânico ao encontro e foge no carro de uma cliente, levando-a como refém. Os dois desenvolvem, então, uma relação de amor e ódio, enquanto se encaminham para a fronteira do país com o México, isto com a polícia e toda a parafernália da televisão atrás deles.

Essa é a trama básica de *Rotação Máxima*, que se enriquece a cada minuto com as sacadas paralelas que o roteiro de Rifkin constrói com talento. A refém é Natalie Voss (Kristy Swanson), filha única do industrial mais rico da região. Numa das manobras arriscadas do presidiário para escapar da polícia, Jack sem querer chama a atenção de uma viatura onde dois tiras estão sendo entrevistados por jornalistas. Um dos homens da lei é interpretado pelo roqueiro Henry Rollins, que faz o gênero boçal com extrema competência.

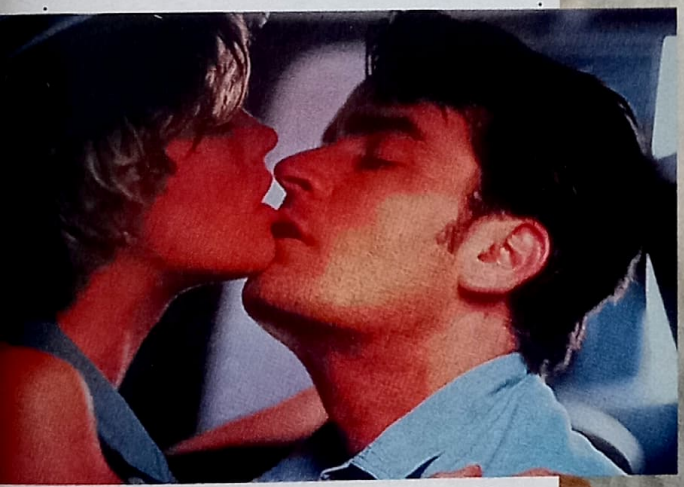
Aliás, Rifkin alterna inteligentemente os diálogos dos protagonistas com a agilidade da câmera. E como um jovem cineasta educado na cultura de imagens da sociedade moderna, ele usa a própria imagem como revelação, sem duplos sentidos, e com ela expõe a falsidade desse sonho americano que nunca se realiza objetivamente.

O problema é que *Rotação Máxima* tem uma contradição intrínseca, digna da ingenuidade de um jovem diretor: acaba reforçando esses falsos valores com um final irreal.

Fátima Gigliotti

The Chase, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Adam Rifkin ■ FOTOGRAFIA: Alan Jones ■ MONTAGEM: Peter Schink ■ MÚSICA: Richard Gibbs ■ Com Charlie Sheen, Kristy Swanson, Henry Rollins, Josh Mostel, Wayne Grace, Ray Wise ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 88 min.

Fotos: Look Filmes



Charlie Sheen, o injustiçado, às voltas com a "refém" Kristy Swanson

Fotos: Top Tape

O marido (Zhang Guoli) tenta escutar o coração de seu maior desejo: um filho de Xinghua (Jiang Wenli, também no destaque)

A HISTÓRIA DE XINGHUA

Um novo nome do cinema chinês trata de velhos assuntos num filme delicado

Uma nova geração de cineastas chineses surgiu no rastro deixado pela chamada Quinta Geração, onde despontaram nomes de quinta grandeza, como Chen Kaige (*Adeus Minha Concubina*) e Zhang Yimou (*Tempos de Viver*). É uma tremenda responsabilidade, da qual o diretor de *A História de Xinghua*, Yin Li, deve ter se ressentido. Embora este filme carregue uma feição própria, as marcas daquela geração segura e aberta à experimentação são difíceis de suplantar.

Yin Li, 37 anos, nascido em Beijing, percorreu 5.000 quilômetros através de províncias que acompanham a Grande Muralha para saber como viviam os povos daquelas localidades. Daí nasceu o filme, rodado em ruínas no nordeste do país. Xinghua (Jiang Wenli) é a mulher de um negociante inescrupuloso que enriquece retirando as pedras da Grande Muralha. Ele acaba comandando escavações sacrílegas atrás de um tesouro que estaria escondido sob as ruínas de uma das torres de observação. Xinghua, comprada pelo marido, não pode dar-lhe um herdeiro, pois ele é estéril. Ela se apaixona por um idealista que se revela covarde e conformista diante da gravidez da amante.

Yin Li pretendeu fazer uma fábula moral com a história desta mulher, algo que representasse os grandes temas em conflito na China de hoje: o que parece mover os novos e novíssimos cineastas chineses são as violentas transformações por que tem passado o país.

Tirando as mensagens óbvias, *A História de Xinghua* sustenta-se como um filme modesto, sim, mas delicado, pleno de boas imagens e boas interpretações, o que pode não ser um grande salto com relação a seus antecessores, mas significa um trabalho futuro a ser observado.

Cadão Volpato

The Story of Xinghua, China, 1993 ■ DIREÇÃO: Yin Li ■ ROTEIRO: Li Xiaoqing ■ MONTAGEM: Zhao Yihua ■ FOTOGRAFIA: Li Jianguo ■ MÚSICA: Liu Weiguang ■ Com: Jiang Wenli, Zhang Guoli, Tian Shaojun, Zhang Haiyan ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape ■ DURAÇÃO: 90 min.

DÉBI & LÓIDE – DOIS IDIOTAS EM APUROS

Um filme onde só dá para rir das patetices e dos esquetes armados para o ator Jim Carrey

Não adianta chorar. Enquanto continuar gerando centenas de milhões de dólares nas bilheterias, Jim Carrey prosseguirá fazendo chanchadas bobonas, cretinas – e ganhando sete milhões de dólares em cada.

O cara é um superastro. Então, relaxe e goze, porque não há mais nada a fazer a não ser esperar que as coisas melhorem. E sabe do que mais? É capaz até que você dê umas boas gargalhadas.

A questão não é tanto Carrey, mas os filmes horrorosos que ele tem estrelado. Não seria loucura imaginar que Jim ganharia respeito e prestígio (porque peso comercial ele já tem) fazendo um filme de humor tão atilado quanto o seu quase paranormal talento para comédia de humor físico. Mal comparando, ele seria um híbrido mais brega de Steve Martin com Robin Williams e Jerry Lewis (por si só, quase uma superdose de breguice, mas breguice clássica, faça o favor).

A bem da verdade, Jim é uma fera. Só que estão entregando a ele um determinado tipo de filme – pastelão, para um público infanto-juvenil não muito exigente.

Enquanto os bons filmes não vêm até o ator, tente descer a guarda para rir das patetadas de Carrey no capítulo mais recente de sua ascensão em Hollywood, *Débi & Lóide – Dois Idiotas em Apuros*. Trama praticamente não há muita no filme, além de uma viagem de Costa a Costa nos Estados Unidos empreendida pelo motorista de limusines Lloyd (Jim) e seu melhor amigo Harry (Jeff Daniels), em busca de uma passageira bonitona, Mary (Lauren Holly), que esqueceu uma pasta cheia de grana no carro. Ah, sim, tem uns vilões de olho na grana perdida.

Mas tudo isso é irrelevante – ou quase. Você vai pagar o ingresso do filme não para assistir a uma " história ", mas para ver Jim Carrey e Jeff Daniels se fazerem de bobos durante 106 minutos de esquetes, enquanto passam pelas agruras geralmente reservadas aos personagens de desenhos animados: a língua que gruda num pedaço de metal, tombos sucessivos, banhos de mostarda e catchup, daí para baixo.

Daniels é uma boa escolha para ser o par de Jim, porque sua persona caladona, catatônica, contrasta com o buscapé humano que é Carrey. É de Jeff, inclusive, um dos momentos mais hilariantes, quando seu personagem, depois de ter tomado purgante por engano, se vê numa emergência intestinal impossível de ser controlada.

Mesmo assim, Jim é ainda a melhor coisa do filme, nem que seja apenas pelo olhar demente, pelo dente lascado e pelo penteado beatle siderado.

José Emilio Rondeau

Dumb and Dumber, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Peter Farrelly ■ ROTEIRO: Peter Farrelly, Bennett Yellin, Bobby Farrelly ■ FOTOGRAFIA: Mark Irwin ■ MÚSICA: Todd Rundgren ■ Com Jim Carrey, Jeff Daniels, Lauren Holly, Teri Garr ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape ■ DURAÇÃO: 106 min.

Top Tape

Harry (Jeff Daniels) e Lloyd (Jim Carrey) amparam-se mutuamente: catatonia e buscapé humano

O CASAMENTO DE MURIEL

Estréia de diretor australiano tem tudo para repetir o sucesso das obras off Hollywood

Depois do cinema escandinavo e chinês, chegou a hora do cinema australiano. Se os dois primeiros tinham uma nítida vocação épica, a nova safra cinematográfica australiana contabiliza dramas e costumes recentes com o desprendimento de quem observa tudo fora do centro das influências – leia-se Europa e Estados Unidos. Algo como fazer cinema no Brasil, mas com uma diferença: a produção australiana exibe um vigor/rigor difícil de ser encontrado na intermitente produção nacional. *A Prova* e *Priscilla, a Rainha do Deserto* são os primeiros exemplos desta filmografia crescente.

O Casamento de Muriel, filme de estréia de Paul J. Hogan (não confundir com o homônimo ator de *Crocodilo Dundee*, também australiano), tem tudo para repetir o sucesso de *Priscilla* e escolhe o caminho do ridículo para exibir o que há de engraçado nos dramas cotidianos. Jocelyn Moorhouse, diretora de *A Prova*, aliás, é co-produtora desse roteiro (escrito por Hogan) que mostra a vida da gorducha Muriel (Toni Collete). A moça é uma espécie de patinho feio de sua turma de amiguinhas, sempre ansiosas para cobiçar o homem mais próximo, mesmo que seja de uma colega.

Filha de um político, Muriel só arruma empregos com a ajuda do pai, que a trata como uma imbecil – aliás, o mesmo tratamento dispensado a todos da família. Louca pelo grupo sueco Abba (que também consta da trilha sonora de *Priscilla*), Muriel prefere os acordes de "Fernando" a enfrentar a vida de frente. Enquanto isso, sonha com um casamento ideal, vestida de noiva, como bem cabe a quem alimenta sonhos românticos.

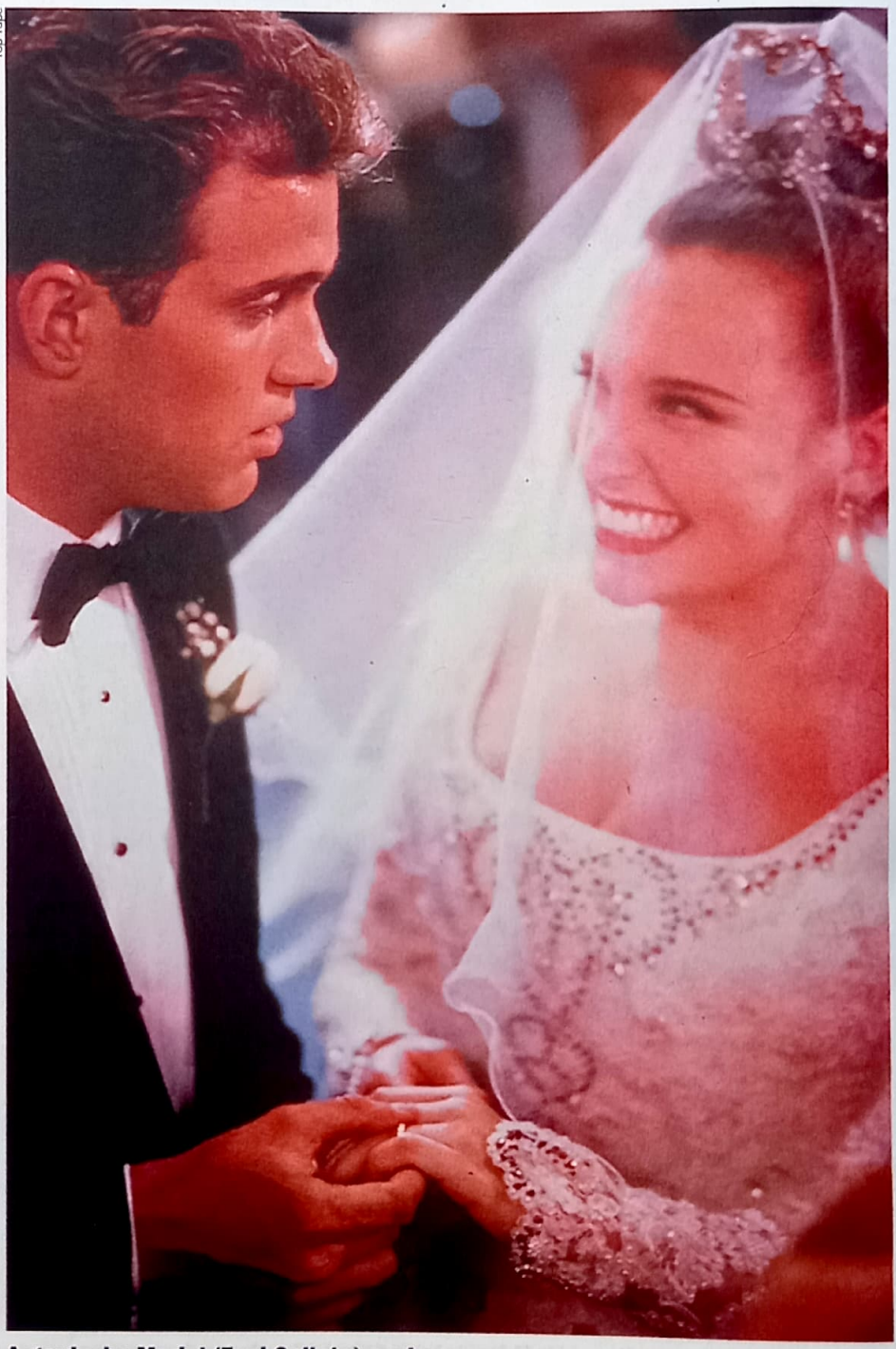
Ao ser expulsa da turma por envergonhar as colegas com sua espontaneidade e deselegância, Muriel rouba um cheque do pai e vai passar as férias numa ilha paradisíaca. Lá, encontra uma colega dos velhos tempos, uma ninfomaníaca que a leva para morar com ela em Sidney. Em sua nova vida, a moça muda o visual, mas não desiste do sonho de casar de véu e grinalda. Toda essa expectativa é conduzida com ironia e bom-humor, já que os sonhos de Muriel vão se concretizando, mas não exatamente num tom cor-de-rosa, como se as convenções sobre o que é felicidade desmoronassem uma a uma. Hogan mostra aí seu tom mais contundente, combinando risos e lágrimas na mesma seqüência falando não só da sociedade australiana, mas de um modo de vida que privilegia a hipocrisia e se disfarça em sonhos, em geral cultivados desde a infância e adolescência.

Se tudo isso parece sério ou domesticamente enfadonho, os toques de humor permeiam toda a história com inteligência e ritmo, como se o momento fosse de um apocalipse existencial, em que o futuro tem de ser inventado para se tornar possível.

Cesar Garcia Lima

Muriel's Wedding, Austrália, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: P.J. Hogan ■ FOTOGRAFIA: Martin McGrath ■ MÚSICA: Peter Best ■ Com Toni Collete, Bill Hunter, Rachel Griffiths, Jeanie Drynan, Gennie Nevinson, Matt Day ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape ■ DURAÇÃO: 126 minutos.

Top Tape



A gorducha Muriel (Toni Collete) sonha com um casamento cheio de romantismo

AS ILEGÍTIMAS AUSTRALIANAS

Side Walk

INTERVIEW

EDITORA AZUL

Georgia Wortmann se revela.

Nas bancas

Dulce Damasceno de Brito

À ESPERA DO OSCAR

Desde meus tempos de correspondente em Hollywood, sempre preferi entrevistar os belos astros em vez dos respeitáveis diretores endeusados pelos críticos. Por isso, às vezes fui considerada fútil e deslumbrada, o que em nada prejudicou minha carreira jornalística. Sem falsa modéstia, posso dizer que sempre tive olho clínico para os rapazes bonitos que me atraíam na tela porque, no fundo, possuíam carisma e talento. A prova é a recente consagração de Tom Hanks e John Travolta pela crítica intelectualizada, bem como pelos membros da Academia de Hollywood. Em 1993, Tom recebeu o Oscar de melhor ator pelo seu sensível trabalho em *Filadélfia* e deverá estar entre os cinco finalistas de 1994 por *Forrest Gump, o Contador de Histórias*. E, para meu deleite, seu maior competidor será John Travolta pelo seu ótimo desempenho em *Tempo de Violência – Pulp Fiction*, o filme que arrebatou a Palma de Ouro no último Festival de Cannes. Travolta já recebeu o prêmio de melhor ator dos críticos de Los Angeles – os mesmos críticos que o haviam ridicularizado por tentar reativar sua carreira com nulidades como as comédias *Olha Quem Está Falando*. Também disseram que o ator é "o Lázaro hollywoodiano que ressuscitou dos mortos...dos musicais como *Os Embalos de Sábado à Noite* e *Grease*".

Na realidade, John – que já é quarentão desde 18 de fevereiro de 1994 – não está interessado em voltar à popularidade do passado e até concordou em satirizar a si próprio em uma cena de dança com Uma Thurman bolada pelo diretor Quentin Tarantino em *Pulp Fiction*. O jovem Tarantino (ele tem apenas 32 anos) foi quem acreditou no talento de Travolta entregando-lhe o papel de um bandido viciado, maldoso e divertido, que provou a versatilidade do ator. Confiante no resultado, John concordou com o pequeno cachê de 140 mil dólares, mas valeu o sacrifício, porque receberá 5 milhões pelo seu próximo filme, *Get Shorty*, do livro de Elmore Leonard.

Infelizmente, ainda não conheço Tom Hanks pessoalmente, mas tenho uma agradável lembrança de John Travolta, que fui receber no Rio de Janeiro em fins de 1981 por ocasião do lançamento no Brasil de *Um Tiro na Noite* (*Blow-Out*). Almoçamos juntos e, depois, posou para minha câmera, sempre fumando um cigarro após outro (seu único vício). Pessoalmente, é ainda mais bonito do que na tela – os olhos azuis fixando intensamente em nosso rosto com um quê de interesse e sinceridade raro nos ídolos. Foi elogiado pela imprensa por *Um Tiro na Noite*, mas ainda atribuíram seu bom desempenho ao diretor Brian De Palma.

Tom Hanks também não era muito respeitado – encarado apenas como o comediante inconseqüente de *Splash, uma Sereia em Minha Vida* ou *Quero Ser Grande* (*Big*). Daí seu incrível sabor de vingança e vitória pela consagração da Academia por *Filadélfia* e, agora, pelo maravilhoso *Forrest Gump*.

Mas os meus dois carismáticos garotões de Hollywood não serão os únicos que causarão *frisson* na próxima entrega dos Oscar em 27 de março. Antes disso, em 14 de fevereiro – quando esta edição de SET já estiver circulando – estarão sendo divulgados os nomes dos cinco finalistas indicados como candidatos às 67 estatuetas da Academia em variadas categorias, mas vale a pena lembrar os favoritos da imprensa americana durante o ano de 1994.

Melhores filmes: *Pulp Fiction*, *The Crossing Guard*, *The Shawshank Redemption*, *O Rio Selvagem*, *Blue Sky*, *Quiz Show – A Verdade dos Bastidores*, *Bullets Over Broadway*.

Melhores atores: Morgan Freeman e Tim Robbins por *The Shawshank Redemption*, Paul Newman por *Nobody's Fool*, Kenneth Branagh por *Frankenstein de Mary Shelley*, Ralph Fiennes por *Quiz Show*, Peter Falk por *Roommates* (em que envelhece dos 70 aos 107 anos), John Travolta por *Pulp Fiction* e Tom Hanks por *Forrest Gump*.

Melhores atrizes: Jessica Lange (já premiada pelos críticos de Los Angeles) por *Blue Sky*, Jodie Foster por *Nell* (sua primeira produção da Egg Pictures), Demi Moore por *Assédio Sexual*, Sigourney Weaver por *Death and the Maiden*, Susan Sarandon por *Safe Passage*, Meryl Streep por *O Rio Selvagem* e Jennifer Jason Leigh por *Mrs. Parker*.

Dulce Damasceno de Brito

Dulce recebe Travolta em 1981 e, no destaque, o ator em *Pulp Fiction*

Melhores coadjuvantes masculinos: Robert De Niro por *Frankenstein*, Gary Sinise por *Forrest Gump*, Martin Landau por *Ed Wood*, Bruce Willis por *Nobody's Fool*, Tommy Lee Jones por *Blue Sky* e Paul Scofield por *Quiz Show*.

Melhores coadjuvantes femininas: Dianne Wiest por *Bullets Over Broadway*, Robin Wright por *Forrest Gump*, Uma Thurman por *Pulp Fiction*, Katharine Hepburn (recordista de quatro Oscar principais) por *Love Affair*, Natasha Richardson por *Nell*.

Melhores diretores: Robert Redford por *Quiz Show*, Quentin Tarantino por *Pulp Fiction*, Robert Zemeckis por *Forrest Gump*, Robert Benton por *Nobody's Fool*, Kenneth Branagh por *Frankenstein*, Neil Jordan por *Entrevista com o Vampiro*, Sean Penn por *The Crossing Guard*, Tim Burton por *Ed Wood* e Frank Darabont por *The Shawshank Redemption*. Este último é estreante, tendo se recusado a vender seu roteiro, a não ser que o deixassem dirigir o filme. Outra curiosidade: o ex-marido de Madonna, Sean Penn, dirigiu com muita habilidade Jack Nicholson e Anjelica Huston, que vivem em *The Crossing Guard* um romance parecido com o da realidade: separam-se após um relacionamento de dezesseis anos. Da sua parte, Sean parece muito feliz com a atriz Robin Wright (de *Forrest Gump*), de quem tem dois filhos, Dylan, de 3 anos e Hopper, de 1.

Fotos: Warner.

LAUREN BACALL

FEITA, REFEITA, PERFEITA

Ela saiu de uma capa da *Harper's Bazaar* para *Uma Aventura na Martinica* e os braços de Humphrey Bogart. Ficou viúva,mas levou a vida adiante, com dignidade. A tela eternizou sua beleza cristalina, feita de sobrancelhas espessas e um olhar, *o* olhar

Entre 1942 e 1944, enquanto as tropas aliadas decidiam o destino da guerra, Betty Joan Perske cuidava do próprio destino. Ou seria o caso de dizer o contrário, que o destino é que se ocupou generosamente de Betty? De repente, uma carreira teatral que parecia empacada se interrompe porque ela é descoberta por Diane Vreeland, a famosa editora de moda, posa para a não menos famosa fotógrafa Louise Dahl-Wolfe e termina na capa da revista *Harper's Bazaar*.

A coisa não ia parar por aí. Bastou a revista sair, em janeiro de 43, e não menos de quatro propostas apareceram: David O. Selznick, Howard Hughes, Howard Hawks e Columbia. A proposta da Columbia deixou Vreeland

especialmente fascinada. Ela iria aparecer em *Modelos*, o filme com Rita Hayworth, e entraria justamente como representante da revista.

Betty teve de dizer não. A Columbia não oferecia uma grande segurança, em termos de continuidade. Ela preferiu pôr em prática a obstinação para a qual sua mãe tanto chamava a atenção, e escolheu fazer o teste proposto por Hawks. E lá foi ela atravessar o país: de Nova York para a Califórnia. É verdade que Charlie Feldman, o agente de Hawks em Nova York, queria corrigir seus dentes. E que na véspera do teste o maquiador Perc Westmore pretendia adocicar sua aparência, diminuindo a espessura das sobrancelhas. Hawks disse não. Se a escolhera era exatamente por isso: sobrancelhas espessas e dentes ligeiramente desalinhados.

O fato é que, feito o teste, Hawks não hesitou: passou-lhe um contrato de sete anos e pôs-se a investir nela como a grande descoberta feminina que sempre sonhou fazer (foi a única, na verdade, que vingou plenamente).

Tomava cuidados com ela. Proibiu-a de dar entrevistas. Mandou-a fazer cursos de aperfeiçoamento de voz e dicção, o que parece uma piada, considerada sua voz tal como a conhecemos. Se eram necessários esses cursos, em todo caso, o fato é que funcionaram. No mais, mandou-a tomar aulas de canto. Achava que poderia cantar.

No Natal de 43, com apenas 19 anos, Betty foi informada de que chegara sua vez: Hawks ia rodar *Uma Aventura na Martinica*, com Bogart. As coisas não foram rápido assim. Os testes passaram por Jack Warner (que aprovou); Hawks tratou de inventar-lhe um novo nome (Lauren – que ela detestava – Bacall). Enfim, Humphrey Bogart viu os testes e fez o comentário final: "Vamos nos divertir muito juntos".

Primeiro dia de filmagem. Cabe a Lauren chegar até a porta do quarto de Bogart e perguntar: "Alguém tem fósforos?" Bogart joga a caixa para a garota, que está na soleira da porta. Ela acende o cigarro.

Nada muito complicado, para quem não esteja tremendo feito vara verde. Lauren estava. E, depois de algum tempo, notou que a tremedeira não seria tão perceptível caso abaixasse ligeiramente a cabeça. Não deu outra. É nessa cabeça um pouco forçada para baixo que está toda sua carreira, toda sua vida: na iluminação que a fez converter o temor em altivez. Talvez tenha sido a única coisa que Hawks não lhe ensinara. Mas era tudo o que ele queria.

Também era, pelo jeito, tudo o que Bogart queria. Algumas semanas depois, encontrou-a no camarim, deu-lhe um beijo e pediu que escrevesse o número do telefone numa caixa de fósforos.

O destino parecia decidir as coisas rapidamente para Lauren Bacall. Bem que Hawks tentou melar a história. Não adiantava. Bogart estava disposto a trocar um casamento tumultuado por Lauren. E ela o seguiria por onde fossem, em qualquer circunstância.

É um desses casos em que a cena e o destino se encontram plenamente. O que ela fez, o fez graças a Bogart (embora o mentor fosse outro, Hawks). Ele tinha o dobro da idade dela, e uma mulher alcoólatra e complicada, Mayo.

Mayo, que não tinha papas na língua. E que um dia, quando Bogart telefonou a Lauren de casa, pegou o aparelho e berrou para ela: "Escuta aqui, sua putinha judia. Quem vai lavar as cuecas dele? Você?".

Setor Hawks, novos dilemas: ele a pressionava a esquecer Bogart. Ela não conseguia. Razão versus Coração. É praticamente a história de *The Big Sleep* (1946), segundo e último filme em que o trio se encontrou.

Lauren foi viver com Bogart. Hawks vendeu o contrato de Lauren. Ela e Humphrey fariam juntos *Key Largo*, de John Huston, em 48. Mas nunca mais ela parece ter mostrado essa tensão formidável dos primeiros filmes.

Foi uma mulher digna. Na caça às bruxas, esteve ao lado de Bogart, protestando contra a perseguição aos esquerdistas de Hollywood. Esteve com Bogart até sua morte, em janeiro de 1957. Ela, que escolheu – e foi – a mulher, tornou-se assim a viúva de Hollywood.

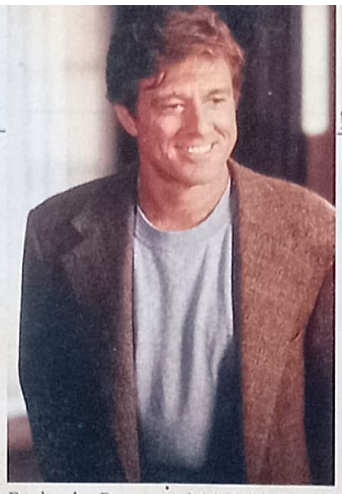
Faço um salto no tempo. Quase vinte anos. Entro no cinema para ver *O Último Pistoleiro*. O filme de Don Siegel reúne três veteranos. John Wayne, James Stewart, e Lauren Bacall. Ela faz a viúva. Quem mais poderia ser? Ela hospeda John Wayne, um pistoleiro com câncer (também na vida real seu câncer já havia sido detectado). O filme tem um cheiro de coisas mortas. Mas, que majestade em cada gesto. Em cada olhar. Lauren não é mais a menina assustada de 1944. É a senhora altiva, íntegra. O olhar, ainda uma vez: de quem existiu de 44 a 57. Treze, doze anos, como num sonho. Agora, era a mulher real, mas não qualquer mulher. A mulher feita, refeita, perfeita – de que falou Machado de Assis. Ele entendia o que era um batimento do coração. Lauren certamente nunca soube quem ele era. Azar. Nem todos os encontros são possíveis nessa vida.

Inácio Araujo

Lauren e Bogart em *À Beira do Abismo*, segundo e último filme do trio formado com Howard Hawks

***Uma Aventura na Martinica*: o começo num cigarro**

Filmografias


UIP

ROBERT REDFORD

Ator, também diretor e produtor, nascido Charles Robert Redford, Jr. a 18 de agosto de 1937 em Santa Monica, Califórnia, EUA.

Como ator: 1962: OBSESSÃO DE MATAR (*War Hunt*, de Denis Sanders) ■ 1965: À PROCURA DO DESTINO (*Inside Daisy Clover*, de Robert Mulligan); SITUAÇÃO CRÍTICA PORÉM JEITOSA (*Situation Hopeless – But Not Serious*, de Gottfried Reinhardt) ■ 1966: CAÇADA HUMANA* (*The Chase*, de Arthur Penn); ESTA MULHER É PROIBIDA (*This Property Is Condemned*, de Sydney Pollack) ■ 1967: DESCALÇOS NO PARQUE* (*Barefoot in the Park*, de Gene Saks) ■ 1969: BUTCH CASSIDY* (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, de George Roy Hill); AMANTES DO PERIGO* (*Downhill Racer*, de Michael Ritchie, também como produtor executivo); WILLIE BOY* (*Tell Them Willie Boy Is Here*, de Abraham Polonski) ■ 1970: MÁQUINAS QUENTES (*Little Fauss and Big Halsy*, de Sidney J. Furie) ■ 1972: O CANDIDATO (*The Candidate*, de Michael Ritchie, também como co-produtor executivo); OS QUATRO PICARETAS (*The Hot Rock*, de Peter Yates); MAIS FORTE QUE A VINGANÇA* (*Jeremiah Johnson*, de Sydney Pollack) ■ 1973: GOLPE DE MESTRE* (*The Sting*, de George Roy Hill); NOSSO AMOR DE ONTEM* (*The Way We Were*, de Sydney Pollack) ■ 1974: BROKEN TREATY AT BATTLE MOUNTAIN (documentário de Joel L. Freeman, como narrador); O GRANDE GATSBY (*The Great Gatsby*, de Jack Clayton) ■ 1975: QUANDO AS ÁGUIAS SE ENCONTRAM (*The Great Waldo Pepper*, de George Roy Hill); OS TRÊS DIAS DO CONDOR* (*Three Days of the Condor*, de Sydney Pollack) ■ 1976: TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE* (*All the President's Men*, de Alan J. Pakula, também como produtor executivo) ■ 1977: UMA PONTE LONGE DEMAIS* (*A Bridge Too Far*, de Richard Attenborough); FREE CLIMB – THE NORTH-WEST FACE OF HALF DOME (documentário de Robert Godfrey, como narrador) ■ 1979: O CAVALEIRO ELÉTRICO* (*The Electric Horseman*, de Sydney Pollack) ■ 1980: BRUBAKER* (de Stuart Rosenberg) ■ 1984: UM HOMEM FORA DE SÉRIE* (*The Natural*, de Barry Levison) ■ 1985: ENTRE DOIS AMORES* (*Out of Africa*, de Sydney Pollack) ■ 1986: PERIGOSAMENTE JUNTOS* (*Legal Eagles*, de Ivan Reitman) ■ 1988: YOSEMITE: THE FATE OF HEAVEN (documentário, também como produtor executivo) ■ 1989: TO PROTECT MOTHER EARTH (documentário) ■ 1990: HAVANA* (de Sydney Pollack) ■ 1992: QUEBRA DE SIGILO* (*Sneakers*, de Phil Alden Robinson) ■ 1993: PROPOSTA INDECENTE* (*Indecent Proposal*, de Adrian Lyne)

Como diretor: 1980: GENTE COMO A GENTE* (*Ordinary People*) ■ 1987: REBELIÃO EM MILAGRO* (*The Milagro Beanfield War*, também como co-produtor) ■ 1992: NADA É PARA SEMPRE* (*A River Runs Through It*) ■ 1994: QUIZ SHOW – A VERDADE DOS BASTIDORES (*Quiz Show*, também como co-produtor)

Como produtor: 1987: TERRA PROMETIDA* (*Promised Land/Young Hearts*, de Michael Hoffman, como co-produtor executivo) ■ 1988: SOME GIRLS (de Michael Hoffman, como produtor executivo) ■ 1991: A BRISA DA MORTE* (*The Dark Wind*, de Errol Morris, como co-produtor executivo) ■ 1992: INCIDENT AT OGLALA (de Michael Apted, também como narrador)

Gamma

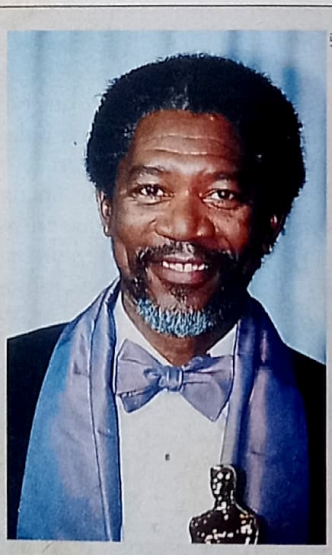
LAUREN BACALL

Atriz, nascida Betty Joan Perske a 16 de setembro de 1924 em Nova York, EUA.

1944: UMA AVENTURA NA MARTINICA (*To Have and Have Not*, de Howard Hawks) ■ 1945: QUANDO OS DESTINOS SE CRUZAM (*Confidential Agent*, de Herman Shumlin) ■ 1946: UM TRONO POR UM AMOR (*Two Guys From Milwaukee*, de David Butler); À BEIRA DO ABISMO (*The Big Sleep*, de Howard Hawks) ■ 1947: PRISIONEIRO DO PASSADO (*Dark Passage*, de Delmer Daves) ■ 1948: PAIXÕES EM FÚRIA (*Key Largo*, de John Huston) ■ 1950: ÊXITO FUGAZ (*Young Man With a Horn*, de Michael Curtiz); CINZAS AO VENTO (*Bright Leaf*, de Michael Curtiz) ■ 1953: COMO AGARRAR UM MILIONÁRIO* (*How to Marry a Millionaire*, de Jean Negulesco) ■ 1954: O MUNDO E DAS MULHERES (*Woman's World*, de Jean Negulesco) ■ 1955: PAIXÕES SEM FREIOS (*The Cobweb*, de Vincente Minnelli); ROTA SANGRENTA (*Blood Alley*, de William Wellman) ■ 1957: PALAVRAS AO VENTO (*Written on the Wind*, de Douglas Sirk); TEU NOME É MULHER (*Designing Woman*, de Vincente Minnelli) ■ 1958: A ANGÚSTIA DE TUA AUSÊNCIA (*The Gift of Love*, de Jean Negulesco) ■ 1959: SANGUE SOBRE A ÍNDIA* (*North West Frontier/Flame Over India*, de J. Lee Thompson) ■ 1964: CONDENADO POR VINGANÇA (*Shock Treatment*, de Denis Sanders) ■ 1965: MÉDICA, BONITA E SOLTEIRA (*Sex and the Single Girl*, de Richard Quine) ■ 1966: HARPER, O CAÇADOR DE AVENTURAS (*Harper/The Moving Target*, de Jack Smight) ■ 1974: ASSASSINATO NO EXPRESSO ORIENTE* (*Murder on the Orient Express*, de Sidney Lumet) ■ 1976: O ÚLTIMO PISTOLEIRO* (*The Shootist*, de Don Siegel) ■ 1978: PERFECT GENTLEMEN (de Jackie Cooper, para a TV) ■ 1979: POLÍTICA DO CORPO E SAÚDE (*H.E.A.L.T.H.*, de Robert Altman) ■ 1981: O FÃ – OBSESSÃO CEGA* (*The Fan*, de Edward Bianchi) ■ 1988: ENCONTRO MARCADO COM A MORTE* (*Appointment With Death*, de Michael Winner); O ELÉTRICO MR. NORTH* (*Mr. North*, de Danny Huston) ■ 1989: JANTAR ÀS OITO* (*Dinner at Eight*, de Ron Lagomarsino, para a TV); TRAMA PERIGOSA* (*Innocent Victim/Tree of Hands*, de Giles Foster) ■ 1990: LOUCA OBSESSÃO* (*Misery*, de Rob Reiner) ■ 1991: STAR FOR TWO; UM PEDIDO DE NATAL* (*All I Want for Christmas*, de Robert Lieberman) ■ 1993: O RETRATO* (*The Portrait*, de Arthur Penn, para a TV a cabo) ■ 1994: PRÊT-À-PORTER (de Robert Altman)

MORGAN FREEMAN

Ator, nascido a 1º de junho de 1937 em Memphis, Tennessee, EUA.

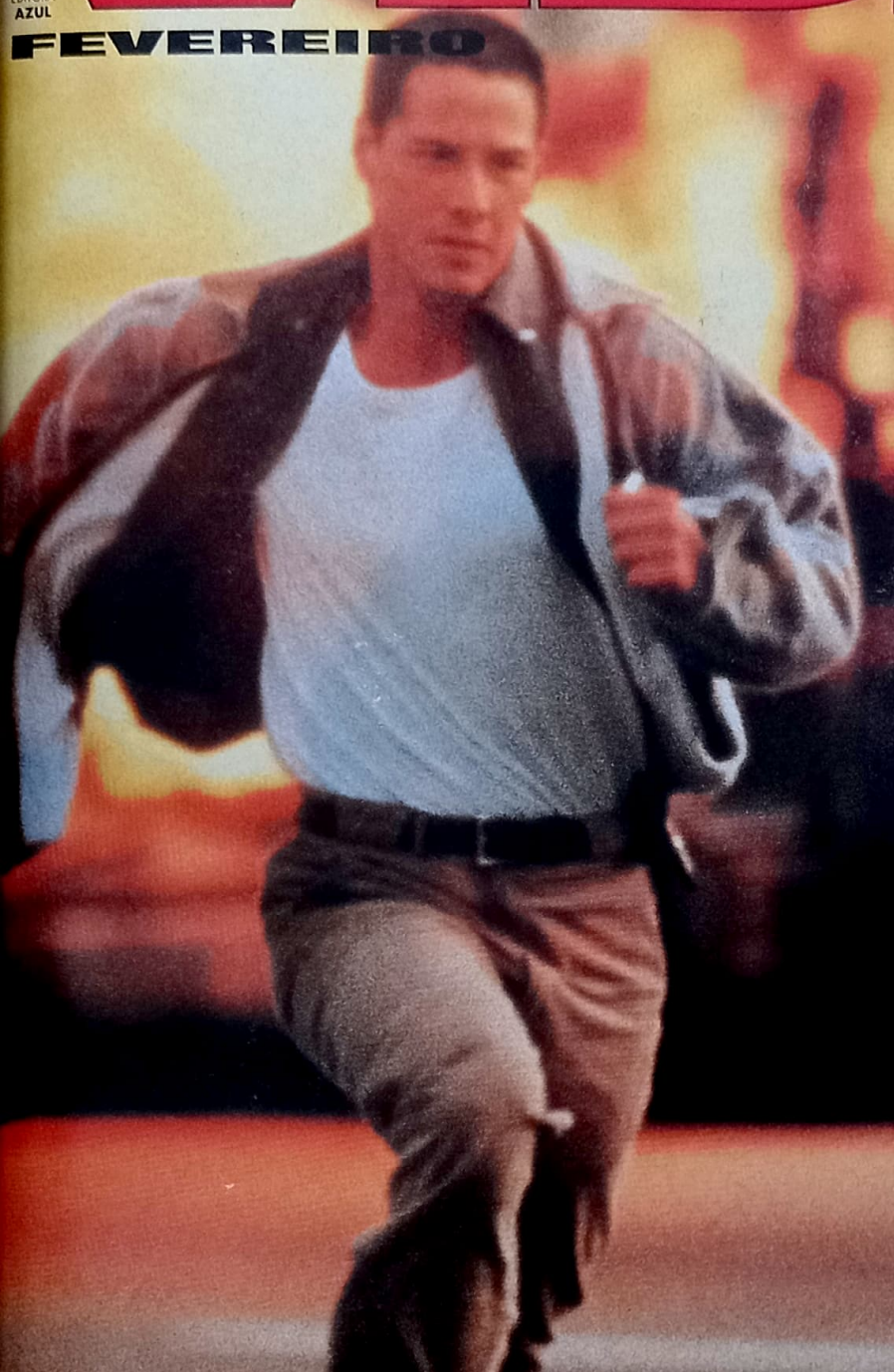

UFI

1971: (*Who Says I Can't Ride a Rainbow?*, de Edward Mann) ■ 1979: HOLLOW IMAGE (de Marvin J. Chomsky, para a TV) ■ 1980: ATTICA (de Marvin J. Chomsky, para a TV); BRUBAKER* (de Stuart Rosenberg) ■ 1981: TESTEMUNHA FATAL/O CASO MALDITO* (*Eyewitness*, de Peter Yates); DEATH OF A PROPHET (de Woodie King, Jr.); THE MARVA COLLINS STORY (de Peter Levin, para a TV) ■ 1984: MEU PAI, ETERNO AMIGO* (*Harry and Son*, de Paul Newman); ESCOLA DA DESORDEM* (*Teachers*, de Arthur Hiller) ■ 1985: THE ATLANTA CHILD MURDERS (de John Erman, para a TV); MARIE – A VERDADE DE UMA MULHER* (*Marie, a True Story*, de Roger Donaldson); A FORÇA DA INOCÊNCIA* (*This Was Then... This Is Now*, de Christopher Cain) ■ 1986: A ÚLTIMA BATALHA* (*Resting Place*, de John Korty, para a TV) ■ 1987: LUTA PELA VIDA* (*Fight for Life*, de Elliot Silverstein, para a TV); ARMAÇÃO PERIGOSA* (*Street Smart*, de Jerry Schatzberg) ■ 1988: DINHEIRO SANGRENTO* (*Blood Money/Clinton and Nadine*, de Jerry Schatzberg, para a TV); MARCAS DE UM PASSADO* (*Clean and Sober*, de Glenn Gordon Caron) ■ 1989: MEU MESTRE, MINHA VIDA* (*Lean on Me*, de John G. Avildsen); PHANTOM OF THE MALL; CONDUZINDO MISS DAISY* (*Driving Miss Daisy*, de Bruce Beresford); TEMPO DE GLÓRIA* (*Glory*, de Edward Zwick) ■ 1990: UM ROSTO SEM PASSADO* (*Johnny Handsome*, de Walter Hill); A FOGUEIRA DAS VAIDADES* (*The Bonfire of the Vanities*, de Brian De Palma) ■ 1991: ROBIN HOOD – O PRÍNCIPE DOS LADRÕES* (*Robin Hood: Prince of Thieves*, de Kevin Reynolds) ■ 1992: O PODER DE UM JOVEM* (*The Power of One*, de John G. Avildsen); OS IMPERDOÁVEIS* (*Unforgiven*, de Clint Eastwood) ■ 1993: BOPHA! – À FLOR DA PELE* (apenas como diretor) ■ 1994: THE SHAWSHANK REDEMPTION (de Frank Darabont)

*disponível em vídeo

VIDEO SET

EDITORA AZUL
FEVEREIRO



VESTÍGIOS DO DIA
A paixão contida de Anthony Hopkins e Emma Thompson

RAINHA MARGOT
Um banho de sangue com Isabelle Adjani

PRISCILLA
O Reino das drag queens

RAPA NUI
Uma aventura na Ilha de Páscoa

E MAIS
Hitchcock, Bergman e Murnau

VELOCIDADE MÁXIMA

KEANU REEVES NUM FILME DE TIRAR O FÔLEGO

JÁ DISPONÍVEL NA

SUA LOCADORA !

A SUBSTITUTA

ELA QUERIA DEIXAR UMA VIDA MELHOR PARA TODOS ASSIM QUE SE FOSSE. ATÉ PARA SEU MARIDO...

FARRAH FAWCETT
"Seduzida ao Extremo", "Entre Duas Mulheres", "O Sacrifício Final"

LEA THOMPSON
"De Volta Para o Futuro I, II, III", "Dennis, O Pimentinha"

PETER WELLER
"Robocop I e II", "Um Tira Implacável", "Sedução"

direção PETER WERNER

AMÉRICA A ~~MAGIA~~ DO VÍDEO

Programa

CASAIS EM CRISE

Look Filmes

68 INTERSECTION – UMA ESCOLHA, UMA RENÚNCIA
Richard Gere e Sharon Stone nunca entram em acordo

69 QUANDO UM HOMEM AMA UMA MULHER
Meg Ryan testa a paciência de Andy Garcia

70 SMOKING / NO SMOKING
Alain Resnais brinca com dois triângulos amorosos

71 CIÚME – O INFERNO DO AMOR POSSESSIVO
Claude Chabrol intriga o espectador com a dúvida da traição

72 CENAS DE UM CASAMENTO
Liv Ullmann e Erland Josephson mergulham na psicologia de Bergman

IMPACTO VISUAL

Paris

64 RAPA NUI – UMA AVENTURA NO PARAÍSO
As belas paisagens da Ilha de Páscoa

68 VESTÍGIOS DO DIA
As imagens austeras de James Ivory traduzem uma paixão silenciosa

70 A RAINHA MARGOT
Uma ópera grandiloqüente de sangue e sombras

74 PRISCILLA, A RAINHA DO DESERTO
Nunca o deserto australiano foi visto desta forma!

AUTORES

71 A CAUSA SECRETA
Sergio Bianchi elabora seu grito de sobrevivência

72 A ÚLTIMA GARGALHADA
Murnau cria uma obra-prima sobre a vaidade humana

Sogres / Rio Filme

75 A DAMA OCULTA
Hitchcock extrai beleza do mistério e da ocultação

Warner

CARAS-DE-PAU

73 CAROS E... AMIGOS
Falsos boxeadores perambulam pela Itália pós-guerra

73 ACE VENTURA, UM DETETIVE DIFERENTE
Jim Carrey exercita sua flexibilidade facial em meio aos animais

HIT

Abril / Fox

62 VELOCIDADE MÁXIMA
Um dos sucessos mais surpreendentes de 1994

DESENHO

64 MEU AMIGO TOTORO
Obra-prima lírica e perfeccionista da animação japonesa

DOCUMENTÁRIO

66 UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO
Stephen Hawking teoriza a origem do universo

CONCORDE

APRESENTA

O IDIOTA

(HAKUCHI)

Dois grandes mestres se unem:

Um filme de A. Kurosawa baseado na obra de Dostoiévski.

TOSHIRO MIFUNE
MASAYUKI MORI
YOSHIKO KOGA
SETSUKO HARA

As incríveis aventuras do herói mascarado

Estrelando **CLAYTON MOORE** - O Zorro

O ZORRO
LONE RANGER

em mais dois sensacionais episódios

Direção

GEORGE SELTZ

Estrelando John Hargreaves e Briony Behets

Um longo fim de semana

"The Long Weekend"

Premiado no Festival de Avoriaz

Direção

COLIN EGGLESTON

CONCORDE VIDEO

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA. - R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde
CEP 02517-190 São Paulo-SP Fone: (011) 266-6999 Fax: (011) 857-4064 Telemarketing: (011) 858-6621 858-6654 857-1626

COSTA & MORENO - 211-1052

AVENTURA

VELOCIDADE MÁXIMA ★★★★

Overdose de adrenalina

Antes mesmo de escrever sobre este thriller de ação, um pedido: vamos evitar polêmicas, porque a estréia na direção do diretor de fotografia Jan De Bont merece as quatro estrelas acima. Uma lista de motivos técnicos bastaria para justificá-las, mas o que interessa na verdade é que o filme cumpre o que promete: é um dos melhores momentos do cinema de entretenimento dos últimos tempos. *Velocidade Máxima* deixa qualquer um grudado na cadeira, é uma overdose de adrenalina no sangue.

Além do mais, Keanu Reeves é o novo substituto de Mel Gibson neste gênero de filme. Com seu cabelo curtíssimo e sem aquele ranço grunge (que também lhe caía muito bem), ele está o próprio galã. Pode-se dizer que o papel do policial do esquadrão antibombas da SWAT foi um presente dos céus: quem sabe assim, embora antes tenha sido o príncipe Siddharta no filme de Bernardo Bertolucci, sua carreira poderá ser levada a sério.

Quanto ao filme, este foi chamado de *Duro de Matar* dentro de um ônibus. A semelhança tem suas razões – De Bont foi o diretor de fotografia não só deste mas também de *Máquina Mortífera 3*. É um bom sinal: quer dizer que o holandês aprendeu muito bem o novo ofício. E ainda sabe dirigir atores – tirou de Keanu uma atuação que o veterano Bertolucci não conseguiu.

Afora isso, há a história que move a ação: um ex-policial (o sempre perfeito vilão Dennis Hopper) resolve detonar um elevador cheio de executivos se não lhe pagarem um resgate de US$ 4 milhões; mas a bomba é desarmada pelo corajoso Jack Traven (Reeves). Pra lá de "p... da vida", o malvado muda o plano e coloca explosivos em um ônibus que cruzará Los Angeles no rush matutino. Detalhe: no momento em que a velocidade alcançar os 80 km/h, não poderá mais ser reduzida sem o risco de as bombas explodirem. Assim começa a *adrenalinação*, que não pára por aí – há ainda os perigos no metrô e, lógico, o tão esperado beijo entre o herói e a heroína (Sandra Bullock), que conquista o coração do rapaz dirigindo o ônibus enquanto ele tenta se livrar das bombas. É demais!

(Speed, EUA, 1994) Direção: Jan De Bont. Com Keanu Reeves, Dennis Hopper, Sandra Bullock, Jeff Daniels, Joe Morton. 115 min. Abril/Fox.

DEBORAH PELEIAS

Abril vídeo / Fox

Keanu Reeves e Sandra Bullock encaram o perigo de frente no momento em que o ônibus em que estão não pode mais desacelerar

VÔO NOTURNO ★★

(Fly by Night, EUA, 1992) Direção: Steven Gomer. Com Jeffrey D. Sams, MC Lyte, Ron Brice. 91 min. 20/20 Vision.

Nesta aventura dramática realista que fala da ascensão e queda de um grupo de rap, Rich (Sams) é um funcionário do metrô de Nova York que abandona mulher e filho para se tornar astro de rap. Depois de formar sua banda, percebe que o sucesso não é tão divertido assim. O filme mostra o lado chato do rap: as pessoas não dão a mínima para as mensagens das letras, as gravadoras só pensam em faturar e o *rapper* que se diz "consciente" gosta mesmo é de encher a cara. Tudo é contado, porém, de uma maneira tão burocrática e sem paixão que chega a ser cansativo. Melhor mesmo ficar com as apresentações que rolam durante o filme.

SÉRGIO MARTINS

PÉ GRANDE ★★

(Big Foot, EUA, 1994) Direção: Cory Michael Eubanks. Com Matt McCoy, Rance Howard, David Rasche, Clint Howard. 90 min. Betta.

Um lendário bicho das florestas americanas, conhecido como Pé Grande, é acusado da morte de um caçador. Um milionário oferece uma fortuna para quem encontrá-lo, enquanto cientistas tentam capturar o animal

para provar sua existência. Indiferente a tudo isso, Pé Grande salva um garoto perdido. O menino o leva então até uma reserva segura nesta aventura infantil que prende a atenção pelo suspense e pela empatia dos personagens. O roteiro convencional, mas bem amarrado, transmite a mensagem ecológica de forma lúdica e sutil.

F.G.

INTERCEPTOR 2 – PROJETO SECRETO AURORA ★★

(*Aurora: Operation Intercept, EUA, 1994*)

INÉDITO NO CINEMA

Direção: Paul Levine. Com Bruce Payne, Lance Henriksen, Corbin Bernsen, John Stockwell. 98 min. Sunset.

Reunião das fórmulas consagradas de *Ases Indomáveis*, filmes-catástrofe como *Inferno na Torre* e um quê mais moderninho de *Duro de Matar*. A história de um piloto da Força Aérea americana designado para interceptar boicotes eletromagnéticos que fazem aviões civis caírem sem explicação alguma é mera desculpa para alinhavar segredos de guerra, seqüestros de cientistas malucos e perseguições impossíveis. Prende a atenção, pelas tramas paralelas e pela presença do eterno vilão Lance Henriksen como o Secretário de Defesa da América. Repetirá o mesmo sucesso em vídeo da primeira parte.

F.G.

SPIDER E ROSE ★★
(Spider and Rose, Austrália, 1994) Direção: Bill Bennett. Com Ruth Cracknell, Simon Bossell, Max Cullen. 94 min. Mundial.

O roteiro do diretor Bill Bennett remete-nos ao famoso *Ensina-me a Viver* (1972), de Hal Ashby. Não é exatamente a história do amor entre uma senhora idosa e cheia de vida – mesmo recém-viúva – e um jovem rebelde. É a situação-clichê de dois opostos que são obrigados a conviver: uma senhora que precisa atravessar a Austrália para ir ter com o filho e um jovem motorista de ambulância em seu último trabalho. Claro, do conflito nasce uma forte amizade. A bela interpretação de Ruth Cracknell segura o interesse por um roteiro que, apesar de humano, é esquemático e previsível. A ação cede espaço para a palavra, e esta não traduz a intensidade que os personagens transmitem. A emoção sugerida supera a literatura oferecida.

C.H.P.

Paris Filmes

Jason Scott Lee revela sua fúria durante a luta pelo poder e por seu amor

RAPA NUI – UMA AVENTURA NO PARAÍSO ★★

Parceria infeliz

Nem sempre as coisas dão certo quando Kevin Costner se junta com Kevin Reynolds para fazer cinema. Vide *Robin Hood, o Príncipe dos Ladrões* (1991), que não é lá essas coisas. Costner, no caso de *Rapa Nui*, fica atrás das câmeras – é apenas produtor.

A melhor coisa do filme é a beleza exuberante de Rapa Nui, o nome original da Ilha de Páscoa, situada a 3.520 quilômetros da costa do Chile. O mérito é da natureza, mas o diretor de fotografia Stephen Windon soube ao menos aproveitá-la muito bem.

Apesar disso, o filme é uma boa diversão quando assistido em vídeo. A história em si é simples: conta a saga romântico-ecológica da disputa entre um orelha-comprida (a casta superior), o herói Jason Scott Lee (o Bruce Lee na cinebio de 1993), e seu amigo orelha-curta – a tribo escravizada – Make (Morales), tanto pelo amor de Ramana (Holt) como pela posição de novo chefe das duas tribos.

(Rapa Nui, EUA, 1994) Direção: Kevin Reynolds. Com Jason Scott Lee, Esai Morales, Sandrine Holt, Eru Potaka-Dewes, George Henare. 107 min. Paris.

Deborah Peleias

DESENHO

TINY TOONS – CONFUSÕES AO VIVO ★★★★
(Tiny Toon Live, EUA, 1994) Direção: Rich Arons, Byron Vaughns. Desenhos dublados. 41 min. Warner.

Confusões ao Vivo traz quatro histórias e tem como ponto de partida uma paródia ao programa humorístico americano *Saturday Night Live*. A gozação é perfeita, brincando com os quadros de humor (os Coneheads, por exemplo, são transformados em Corneheads) e contando ainda com um convidado especial. Os fãs de *Os Simpsons* vão reconhecer uma brincadeira com Bart Simpson, que sofre nas mãos de Lilica e Perninha. Já os esotéricos espumarão à vontade quando Plucky tentar entrar de penetra na festa de Shirley MacLaine. As crianças, que não entenderão algumas das "sacadas", podem se divertir em "Cachorrinho Perdido" e se emocionar bastante com a piegas "De Volta para Casa".

S.M.

MEU AMIGO TOTORO ★★★★★

Obra-prima japonesa

Totoro é um espírito da floresta, parte urso, parte gato, parte coruja, responsável pelos ventos e protetor das árvores. Só as crianças podem vê-lo. É o que acontece com as irmãs Satsuki e Mei quando se mudam para uma casa próxima a uma imensa árvore. Totoro e seus amigos, entre eles um imenso gato-ônibus, ajudarão as meninas a visitar a mãe, que está hospitalizada há muito tempo.

Esta é uma das obras-primas de Hayao Miyazaki, tido como o "Disney japonês". É um rótulo limitado. Ele é o mais nipônico dos animadores japoneses, e também o mais lírico e perfeccionista. Basta ver em *Totoro* que ninguém representou a luz do dia em animação da forma que Miyazaki conseguiu. É de se esperar que suas outras jóias, como *Nausicaa, Laputa* e *Kiki's Delivery Service*, apareçam por aqui na trilha deste lançamento.

(My Neighbor Totoro, Japão, 1988) Direção: Hayao Miyazaki. Desenho dublado. 86 min. Cartoon.

Marcos Smirkoff

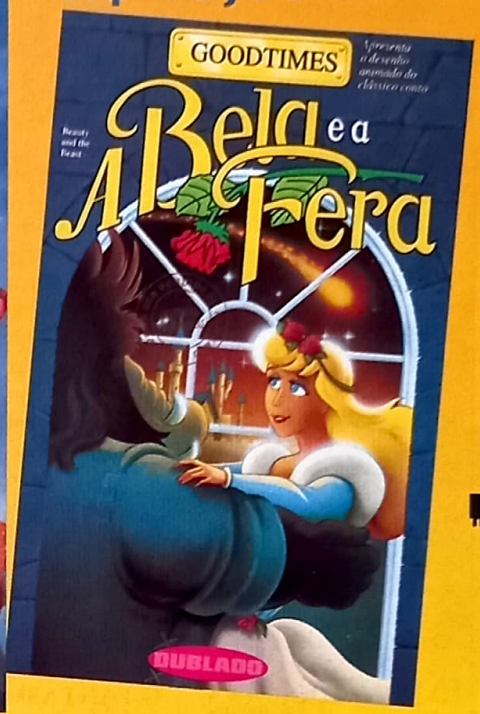
Cartoon

Satsuki toma chuva com o seu amigo Totoro

ESPERAR É DOSE PRA LEÃO!

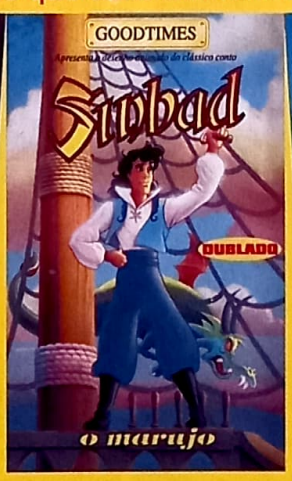
O reino de fantasia que seu filho sempre sonhou

Peça já R$ 18,00 cada



ÊNFASE COMUNICAÇÕES

A JOINTVIDEO leva até você (*), sem demora, os melhores filmes infantis da Goodtimes. Um autêntico manual de sobrevivência na selva, para sossegar os leõezinhos que cada um tem em casa.



(*)Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde. São Paulo.Para as demais regiões do País, remessa via Sedex, com despesas por conta do cliente.

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 18,00 cada: SET 92

☐ LEO - O REI LEÃO ☐ A BELA E A FERA ☐ O QUEBRA NOZES ☐ A POLEGARZINHA ☐ SINBAD - O MARUJO ☐ PINÓQUIO
☐ ALADDIN ☐ OS TRÊS MOSQUETEIROS ☐ A PEQUENA SEREIA Total do pedido_____ fitas/Custo total R$_____

Forma de pagamento:
- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMERCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: ___/___/___
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:_____

Nome:_____
R.G.:_____ C.I.C.:_____
End.:_____
Bairro:_____ Cidade:_____
Estado:_____ CEP:_____ Fone: (___)_____
ASSINATURA_____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

TERROR

DE TOBE HOOPER NOITES DE TERROR ★★

INÉDITO NO CINEMA

Sadismo para masoquistas

O que houve com Tobe Hooper? O diretor estabeleceu seu nome na renovação do terror nos anos 70 com o clássico *O Massacre da Serra Elétrica* (1974) e recebeu uma nova injeção em sua carreira com a produção de Steven Spielberg para *Poltergeist, o Fenômeno* (1982). Ao entrar nos anos 90, porém, cometeu o hediondo *Conspiração Atômica* (1990). Tripudia agora da imagem do Marquês de Sade.

A verdadeira razão de ser do filme, inteiramente rodado em Alexandria (Egito), é ver o ator Robert Englund, o famoso Freddy Krueger, personificando o marquês e um de seus descendentes. Para cinéfilos, há ainda em papel secundário o "veterano" William Finley, o fantasma da ópera na versão de Brian De Palma, *O Fantasma do Paraíso* (1974). Englund, curiosamente, já foi o mesmo fantasma na versão de 1989.

Deixando de lado estas referências, o filme que Hooper nos oferece é um cozido híbrido de um roteiro adolescente e medíocre, um Marquês de Sade com tiques de Freddy Krueger e uma libertinagem de tratamento ao apresentar Sade associado a um culto demoníaco. Sem falar nos outros atores, que forçam o espectador a uma posição masoquista de submissão ante tanta ruindade.

(Tobe Hooper's Night Terrors, EUA, 1993) Direção: Tobe Hooper. Com Robert Englund, Zoe Trilling, Alona Kimhi, William Finley. 92 min. Warner.

CHRISTIAN PETERMANN

Warner

Robert Englund abraça sadicamente a heroína Zoe Trilling

O PORTADOR ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Carrier, EUA, 1988) Direção: Nathan J. White. Com Gregory Fortescue, Steve Dixon. 99 min. Concorde.

Epidemia se alastra numa cidadezinha americana ilhada por uma tempestade. O vírus – que se alimenta de células humanas – é considerado um "aviso divino" pelos moradores do local, que se cobrem de plástico da cabeça aos pés e promovem uma caçada ao portador da "doença". Aos poucos, elas deixam a normalidade aparente e jogam sua fúria em cima de crianças, chefes de família etc. (Bem) contada por uma sobrevivente, a história tem alguns furos – ninguém sabe como surgiu a doença, por exemplo –, mas dispensa o tradicional final feliz e consegue agradar.

S.M.

O FANTASMA DA MÁQUINA ★

(Ghost in the Machine, EUA, 1993) Direção: Rachel Talalay. Com Karen Allen, Chris Mulkey, Ted Marcoux. 95 min. Abril/Fox.

Um assassino serial, especializado em matar pessoas relacionadas em agendas, é "digitalizado" por descuido depois de um acidente de carro. Traduzido em bits, dedica-se a matar os amigos da mãe solteira Terry Munroe (Allen), atacando através de computadores ligados a uma "infovia". Essa "abobrinha" da era da informação digital é fartamente decorada por efeitos ao estilo de *O Passageiro do Futuro*, que podem agradar aos fãs do gênero. Mas a diretora Talalay (de *A Hora do Pesadelo 6*) parece que não juntou as páginas do roteiro, tantas são as lacunas da história.

M.S.

DOCUMENTÁRIO

UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO ★★★

O fim do início

Stephen Hawking está de volta, em sua cadeira de rodas, dizendo como funciona o universo. A teoria toda pode ser resumida em umas poucas palavras: o universo, aparentemente, se expande. Tudo o que se expande deve ter tido um início. Logo, o universo deveria ter começado em algum momento. Aí aparece Hawking, postulando a teoria segundo a qual esse tal começo não existe. Não há algo como "a Criação". O universo está aí, como sempre esteve, e é só isso. É possível explicar melhor?

Hawking, em seu best-seller *Uma Breve História do Tempo*, de 1988, não foi lá muito bem-sucedido. O assunto exige matemática e física além do recomendável a qualquer ser humano são. O diretor Errol Morris (*Na Linha da Morte*) tentou dar ao livro um invólucro visual, misturando um pouco da teoria com depoimentos sobre seu autor. As recordações familiares acabam sendo o melhor do filme. Quanto à parte "científica", fica apenas que alguém muito doente inventou uma teoria muito complicada e que muita gente diz que ela é muito importante. E já é muito.

Europa / Carat

Hawking, à direita, vislumbra o universo

(A Brief History of Time, EUA/Inglaterra, 1992) Direção: Errol Morris. 84 min. Europa/Carat.

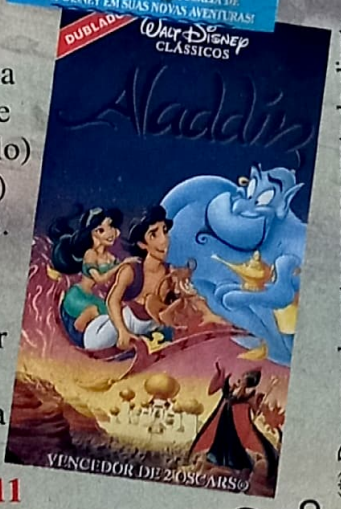
JESUS DE PAULA ASSIS

IRRESISTÍVEL RECORDAÇÃO

Branca de Neve e os Sete Anões

A primeira obra-prima de Walt Disney agora em vídeo.

R$ 25,00 CADA



Do famoso conto de fadas, um presente inesquecível que encantou gerações. Na **JOINTVIDEO**, ***Branca de Neve e os Sete Anões*** – o clássico que completa a sua coleção da Disney. Preencha o cupom ou peça pelo telefone qualquer fita e receba, sem demora, uma doce e irresistível recordação: em 24 horas (entrega gratuita para São Paulo e Grande São Paulo) ou via Sedex (*) para todo o País. Como ceder à tentação se você ainda pode pagar com o cartão de crédito? Tenha em casa para sempre Branca de Neve e seus amigos. Ligue já: **(011)290.0811**

(*) Despesas de postagem por conta do cliente.

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 25,00 cada: SET 92

☐ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES ☐ O ANIVERSÁRIO DO PATO DONALD ☐ A PEQUENA SEREIA - EM HARMONIA

☐ ALADDIN ☐ PETER PAN ☐ BAMBI ☐ PINÓQUIO Total do pedido____ fitas/Custo total R$____

Forma de pagamento:
- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: __/__/__
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:____

Nome:____
R.G.:____ C.I.C.:____
End.:____
Bairro:____ Cidade:____
Estado:____ CEP:____ Fone: (__)____
ASSINATURA____

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

D R A M A

VESTÍGIOS DO DIA ★★★★

Espécies em extinção

Em meio à contida tristeza que perpassa *Vestígios do Dia*, nenhuma cena é mais pungente que aquela em que Emma Thompson tenta arrancar um livro das mãos de Anthony Hopkins para saber o que ele lê em seus momentos de privacidade – e assim descobrir quem é o homem que se oculta por trás de tanta formalidade. Como todas as outras tentativas de aproximação entre os dois, esta aqui terminará em frustração. Afinal, esta é a história de um mundo que não existe – ou que está prestes a se extinguir. Um mundo em que bons patrões nunca cometem erros de julgamento, em que nazistas firmariam acordos de paz, em que servir a um cavalheiro bastaria para conferir identidade a um homem.

É nessa Inglaterra do pré-guerra que vivem Hopkins, o ultra-eficiente e dedicado mordomo do ingênuo Lord Darlington (o que flertava com a Alemanha nazista), e Emma, a também eficiente, mas apaixonada, governanta da mansão. Durante os vários anos de convivência, eles ficarão presos a esse círculo representado pela cena do livro: a dúvida entre existir para o mundo ou se esconder dele num casulo em que todas as contradições – de classe, políticas, emocionais – parecem ter sido eliminadas. E, quando se derem conta de que deixaram a vida para trás, só terão restado vestígios dos dias que guardaram na memória como seus melhores.

Esta é a 17ª tentativa do trio James Ivory (diretor), Ismail Merchant (produtor) e Ruth Prawer Jhabvala (roteirista) de se aproximar da perfeição cinematográfica. Tem contra eles uma convencionalidade por vezes excessiva. Mas contabilizam a seu favor dois excelentes intérpretes, o apuro da produção e um tema que transcende qualquer época ou país: o medo que leva os homens a crer que já têm tudo que desejam ou precisam, enquanto deixam seu verdadeiro objeto do desejo escapar por entre as mãos.

(The Remains of the Day, Inglaterra/EUA, 1993) Direção: James Ivory. Com Anthony Hopkins, Emma Thompson, James Fox, Christopher Reeve, Hugh Grant. 135 min. LK-Tel/Columbia.

ISABELA BOSCOV

Columbia / Tri-Star Pic.

Thompson e Hopkins na cena que sintetiza a

UM SONHO PARA DOIS AMIGOS ★★★

(Digger, Canadá, 1993) Direção: Robert Tiner. Com Adam Hann-Byrd, Joshua Jackson, Timothy Bottoms, Olympia Dukakis, Leslie Nielsen. 92 min. HVC.

INÉDITO NO CINEMA

Abalado com a separação dos pais, o menino Digger (Hann-Byrd, de *Mentes que Brilham*) vai passar uma temporada na casa de parentes em ilha canadense. Lá conhece Billy (Jackson), um garoto estranho e doente. Ambos são tristes, mas o segundo, mais destemido, envolve o primeiro em seu universo fantástico. Mistério, desamparo e morbidez encontram realces positivos na direção, que soube explorar as belas locações. Há, porém, algumas situações supérfluas, como o desenxabido romance de terceira idade vivido por Dukakis e Nielsen. A.S.

INTERSECTION – UMA ESCOLHA, UMA RENÚNCIA ★

Equívoco confuso

Desde o título em português, este drama é um completo equívoco. Relato de um triângulo amoroso sem sal, o filme – adaptação do francês *As Coisas da Vida*, de Claude Sautet, de 1969 – ambienta no luxuoso mundo de museus e casas de cultura de Vancouver (Canadá) a história de Vincent (Gere), um arquiteto brilhante dividido entre o amor *caliente* de uma jornalista de sucesso (Davidovich) e a dúvida sobre a frigidez de sua ex-esposa e sócia (Stone).

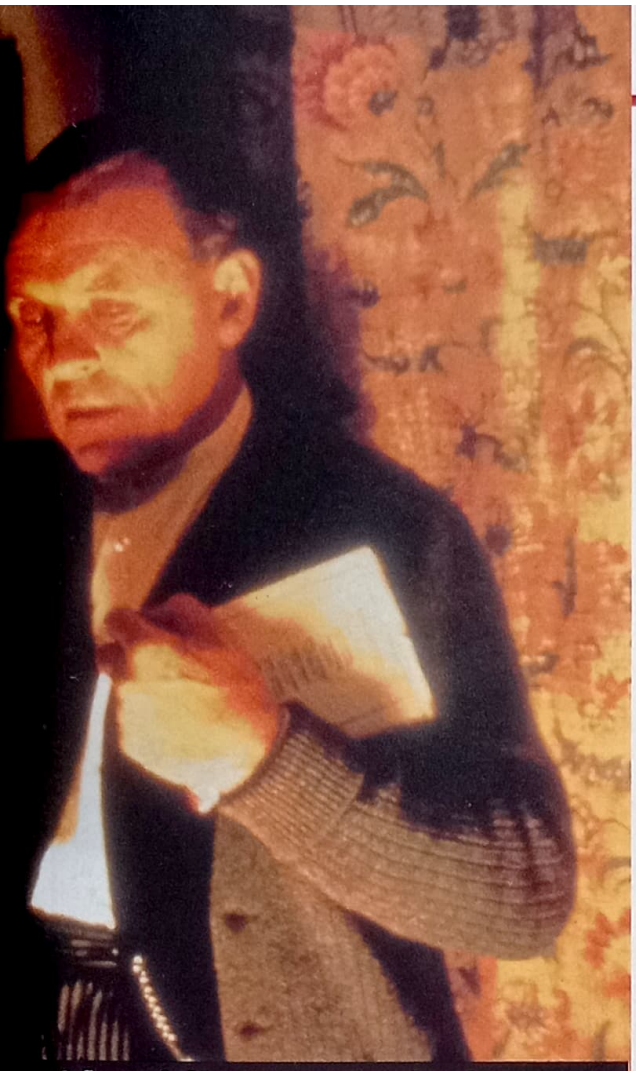
Stone exigiu fazer o papel da esposa traída, originalmente de Lolita. Mas a atriz confundiu frigidez e mistério com inexpressão e passa pelo filme quase sem ser notada. O galã Gere faz as mesmas caras de coitadinho que seduziram meio mundo em *Uma Linda Mulher*, mas também não se acha, em meio a tantos flashbacks mal costurados e que confundem o espectador. Diante disso, o diretor Mark Rydell (*Palco de Ilusões*) não teve muito o que fazer. A exceção do equívoco é a presença de Martin Landau, que fica poucos minutos em cena mas mostra como trabalha um ator de classe. O problema são todos os outros intermináveis minutos.

(Intersection, EUA, 1994) Direção: Mark Rydell. Com Richard Gere, Sharon Stone, Lolita Davidovich, Martin Landau. 98 min. CIC.

FÁTIMA GIGLIOTTI

UIP

Sharon Stone e Richard Gere só encontram a paz quando falam de arquitetura



paixão reprimida que um sente pelo outro

COM MÉRITO ★★
(With Honors, EUA, 1994) Direção: Alek Keshishian. Com Joe Pesci, Brendan Fraser, Moira Kelly, Patrick Dempsey. 103 min. Warner.

Keshishian abandona o registro documental (*Na Cama com Madonna*) e a linguagem clip (bem, quase...) para estrear na ficção com uma fábula que investe mais no drama que no humor. Pesci exercita suas caretas no papel de um mendigo que mora no porão da Universidade de Harvard (inteligente e culto!) que, por obra do destino, acaba de posse da tese de um aluno metido (Fraser, o ex-*Homem da Califórnia*). Aceita trocar cada página da tese por uma boa ação. Sentiu o peso da moral? A única cena que chamusca intensidade, apesar de artificial, é quando Pesci desafia um professor pomposo interpretado pelo escritor Gore Vidal. A música-tema? Madonna, claro! *C.P.*

QUANDO UM HOMEM AMA UMA MULHER ★★★

Na alegria e na tristeza

Quem conheceu Meg Ryan antes de ela ser virgem não vai estranhar encontrá-la aqui no papel de uma mulher moderninha e muito bem casada (com o galã Andy Garcia), porém fã de uma garrafa. É verdade que, mesmo tropeçando nas próprias pernas, a estrela de *Sintonia de Amor* não perde a pose. Em nenhum momento a vemos dando aqueles clássicos vexames em festas, ou com a cara inchada, ou passando mal no banheiro – que ela só usa para chuveiradas terapêuticas. É uma verdadeira Doris Day de porre, como convém a um filme produzido pela bem-comportada Touchstone (leia-se Disney).

Apesar disso, trata-se de um drama que pede lencinhos de papel. A história acompanha o casal Andy/Meg a partir do momento em que esta começa a perder o controle sobre sua dependência de álcool. Sofre o marido, que não consegue dominar a situação, sofrem as filhas pequenas do casal, que não compreendem essa mãe nova e estranha, e sofre Meg, que se vê compelida a passar por um doloroso processo de desintoxicação. Mas, como diz o título, casamento é isso aí, na alegria e na tristeza. Um perfeito filme para a TV, só que com um elenco de classe.

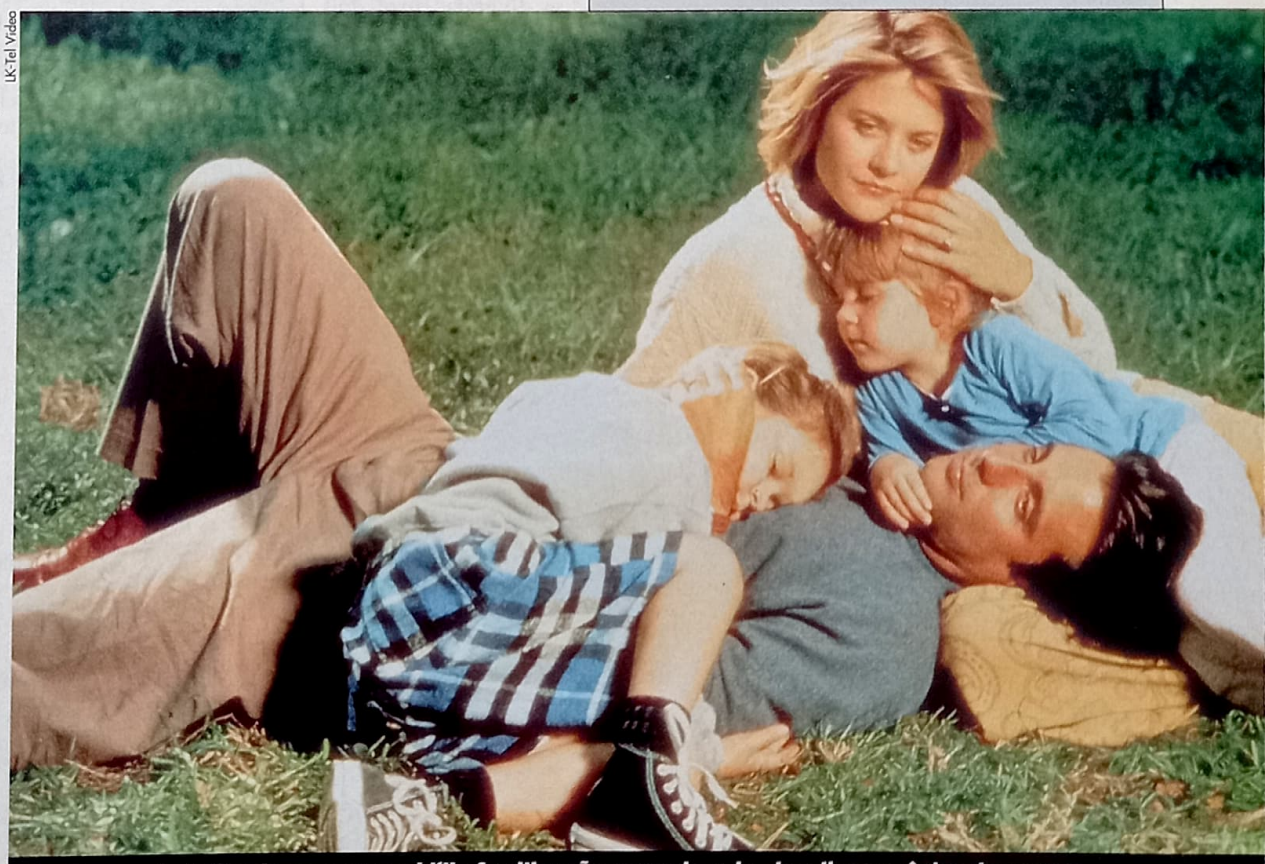
(When a Man Loves a Woman, EUA, 1994) Direção: Luis Mandoki. Com Andy Garcia, Meg Ryan, Tina Majorino, Ellen Burstyn. 125 min. Abril Vídeo.

Isabela Boscov

UMA VIDA EM UM DIA ★★★
(Breathing Lessons, EUA, 1993) Direção: John Erman. Com James Garner, Joanne Woodward, Paul Winfield. 98 min. Paris.

Telefilme acima da média por reunir dois atores talentosos em uma aventura cotidiana e divertida. Woodward, a sra. Paul Newman, é uma esposa dedicada e otimista, daquelas que falam demais e tentam resolver os problemas do mundo. James Garner faz o marido sério e equilibrado. O casal, feliz há 29 anos, vai ao funeral de um amigo. No caminho, encontra uma garçonete divertida, um velho e mau motorista e a netinha perdida entre brigas familiares. Apesar de verborrágico, o filme é humano e por vezes tocante, com situações dramáticas interessantes.

F.G.



LK-Tel Vídeo

Meg Ryan e Andy Garcia em um raro idílio familiar não marcado pelo alcoolismo crônico da esposa

A RAINHA MARGOT ★★★★
Visão contemporânea da História

Nunca os corredores e aposentos do Louvre foram palco de intrigas e paixões tão intensas quanto nesta segunda adaptação para cinema do romance de Alexandre Dumas – a primeira, *Os Amores de uma Rainha* (1954), de Jean Dreville, trazia Jeanne Moreau aos 26 anos no papel de Margot. Isabelle Adjani tinha 38 durante as filmagens, presenteando o diretor e co-roteirista Patrice Chéreau com uma interpretação arrebatadora que mescla inocência e maturidade.

Seria injusto, no entanto, atribuir apenas a Adjani o impacto do filme. Chéreau pediu aos atores que fossem "contemporâneos" ao recriar personagens do século 16, para aproximá-los do público. De fato, não é difícil vivenciar seus dramas, a começar pelo da católica Margot, entregue pela mãe ao protestante Henri de Navarre (Auteuil) como tentativa de apaziguar a França.

Sucedem-se armadilhas que levam ao massacre dos protestantes e que jogam nos braços de Margot um dos poucos sobreviventes, La Môle (Pérez). Homem de teatro, Chéreau acertou em cheio na escolha de seus colaboradores, como o veterano fotógrafo Philippe Rousselot e o músico Goran Bregovic. Iugoslavo como Emir Kusturica, para quem costuma trabalhar, Bregovic compôs uma trilha discreta mas excepcional, que oferece ao filme uma possibilidade de leitura bem atual, ao gosto do diretor: a intolerância religiosa hoje mora na Europa Oriental.

(La Reine Margot, França/Alemanha/Itália, 1994) Direção: Patrice Chéreau. Com Isabelle Adjani, Daniel Auteuil, Jean-Hugues Anglade, Vincent Pérez, Virna Lisi, Dominique Blanc, Miguel Bosé, Jean-Claude Brialy. 161 min. Europa/Carat.

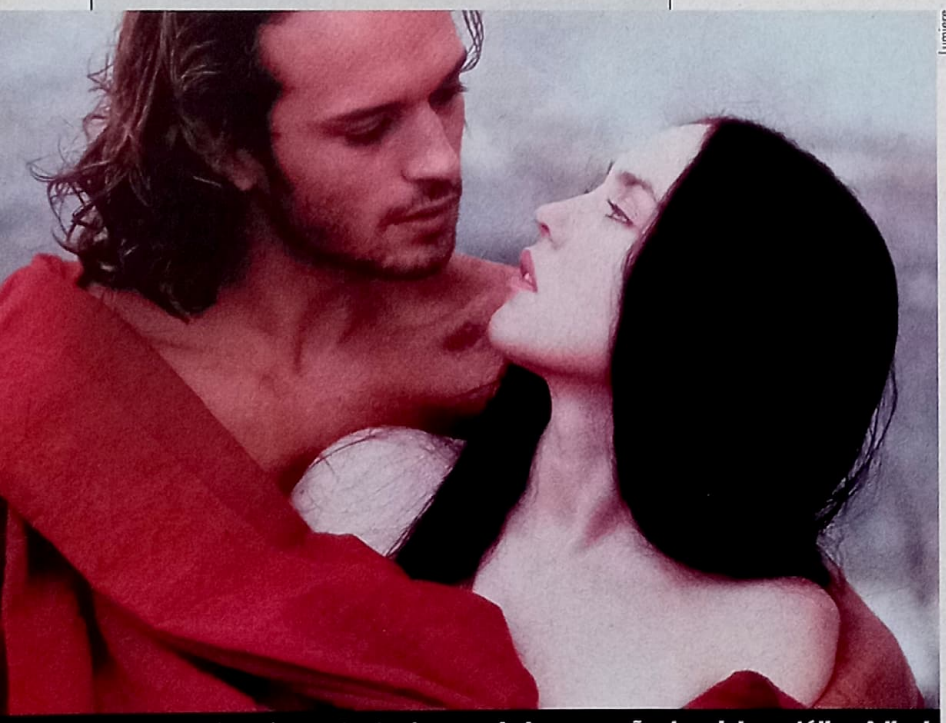
SÉRGIO RIZZO

INTRUSO ★★★

(Espanha, 1993) Direção: Vicente Aranda. Com Victoria Abril, Imanol Arias, Antonio Valero. 90 min. Top Tape.

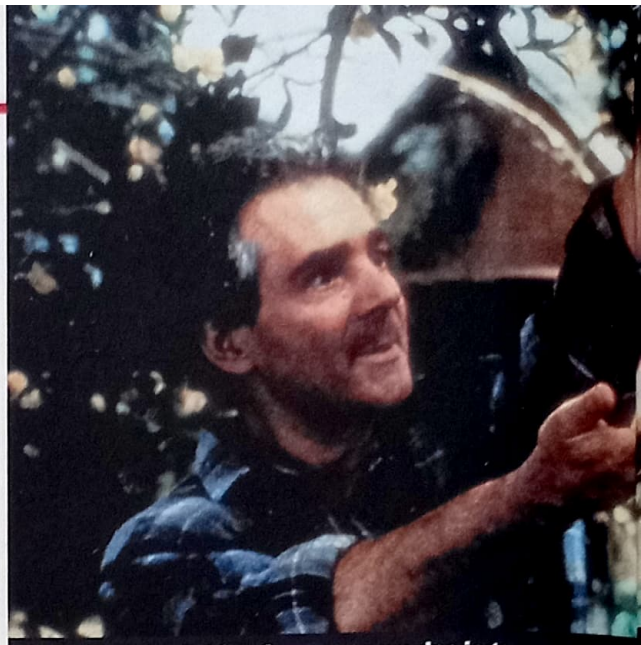
Como já demonstrara em *Os Amantes* (1990) e *O Amante Bilíngüe* (1993), Vicente Aranda adora trabalhar com o tema do triângulo amoroso. Das três incursões, *Intruso* é o de impacto mais mediano, perdendo em qualidade apenas para o filme de 90. Nesse drama tocante, Angel (Arias) e Ramiro (Valero), amigos desde a infância, têm em comum a paixão por Luisa (Abril), casada com Ramiro e ex-esposa de Angel. Após ter se separado de Luisa, Angel passa a viver como um mendigo; quinze anos depois, ela o encontra por acaso em um parque. Abalada com a pobreza do amigo, Luisa o recebe em sua casa. Assim que descobre que ele é um doente terminal, vê-se dividida entre dois amores, a ponto de sair do leito matrimonial para a cama do ex-marido.

D.P.



Lumiere

Vincent Pérez é o protestante que abala o coração da rainha católica Adjani



Pierre Arditi e Sabine Azema em um dos jogos

SMOKING e NO SMOKING ★★★★
Estripulias de amor

Em geral, a obra do francês Alain Resnais (*O Ano Passado em Marienbad*) é recebida como algo difícil, intelectualizado e até por vezes hermético. Não é mentira, embora estas características provoquem arrepios nos cultores do cinema tolo e não revelem a grande força dos filmes de Resnais, que é o seu espírito completamente lúdico. O duo *Smoking e No Smoking* – dois filmes que se utilizam de mesmo cenário, atores e personagens – é a mais pura tradução desse espírito, sendo uma brincadeira sobre o tempo e as variadas possibilidades apresentadas pelo destino.

Este jogo é inteiramente protagonizado por Sabine Azema e Pierre Arditi, que interpretam uma dezena de papéis. Baseados na peça *Intimate Exchanges*, do inglês Alan Ayckbourn, contam a história de dois triângulos amorosos, um em cada filme, e examinam todas as possibilidades de conclusão desta confusão. Resnais trabalha com o que pode se chamar de estética do "ou". Como uma criança brincando de contar histórias, o diretor joga uma trama simples no ar e torce e retorce suas conseqüências. É preciso ter olhos lúdicos para se divertir com as estripulias – que no fundo são grande cinema – de Alain Resnais.

(França, 1993) Direção: Alain Resnais. Com Sabine Azema, Pierre Arditi. 140 min e 145 min. Centaurus Hipervídeo.

HUGO SUKMAN

JFK – A ESCALADA DO PODER ★★

(JFK – Reckless Youth, EUA, 1993) Direção: Harry Winer. Com Patrick Dempsey, Diana Scarwid, Loren Dean. 105 min. New Line.

O mito Kennedy reaparece nesta adaptação para a TV do livro de Nigel Hamilton que vasculha a juventude de John, destacando seu relacionamento com o irmão mais velho, Joseph, que vinha sendo preparado para a Casa Branca. Morto em combate na Segunda Guerra, Joseph cede a vez a John – um estudante apenas medíocre, boa vida e mulherengo –, que vê cair sobre seus ombros a "missão" de liderar o país. O filme não oferece um ponto de vista original sobre o mito, mas flui de maneira agradável, graças sobretudo ao elenco.

S.R.

Art Films

conjugais de Resnais

OS CAMINHOS DO RIO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Where the Rivers Flow North, EUA/Canadá, 1993) Direção: Jay Craven. Com Rip Torn, Michael J. Fox, Treat Williams. 106 min. Odessa.

Salvo Elia Kazan em *Rio Violento* (1960), os cineastas que descrevem a luta daqueles que querem permanecer em suas terras, ameaçadas pelo progresso, sempre o fazem com enlevo pela figura coagida e retratando de forma antipática o opressor. Esse maniqueísmo existe nesta história ambientada em Vermont (Canadá), em 1927. A construção de uma hidrelétrica exige a desapropriação da área onde vive Noel Lord (Torn, artificial) e sua mulher. O filme tem alguns momentos bonitos e evita soluções convencionais. Acomoda-se, porém, nas longas conversas do casal central, resultando arrastado, com pouca densidade.

A.S.

CIÚME – O INFERNO DO AMOR POSSESSIVO ★★★★

A tragédia da dúvida

Chabrol (Madame Bovary) decidiu filmar o último roteiro do também diretor Henri-Georges Clouzot (1907-1977). Considerado o Hitchcock francês por mergulhar no mistério da psique de seus personagens, Clouzot elaborou um ensaio perturbador sobre o ciúme. Ficou semiparalisado, porém, por causa de um ataque cardíaco e não conseguiu filmar. Sugestivo...

Chabrol retoma o texto e carrega nas pinceladas que situam o casal em crise na classe média. É a velha obsessão do diretor com a burguesia. Conseguiu, no mínimo, realizar o filme de final mais perturbador do ano de 1994, ao lado do sino-americano *Prato Feito*, de Tony Chan. Chabrol queria trabalhar com um casal real de atores. Uma equipe de psicanalistas o desaconselhou. O roteiro, forte em seu estudo patológico, poderia abalar qualquer estrutura.

O que se vê é uma grande dupla de atores mergulhando quase fisicamente em um pesadelo delirante que aos poucos perde seus referenciais concretos para se transformar num processo febril e persecutório. O que mais incomoda ao espectador é a insistência do diretor em não revelar a verdadeira natureza de cada sentimento embutido no filme. Como não reagir com reservas a um filme cujos personagens não assumem o amor, a traição e a loucura, ao mesmo tempo em que só falam desses sentimentos e os consideram totalmente viáveis? A tragédia de *Ciúme* é arranhar com violência na ferida da dúvida.

(L'Enfer, França, 1994) Direção: Claude Chabrol. Com Emmanuelle Béart, François Cluzet, André Wilms, Jean-Pierre Cassel. 100 min. Mundial/Look.

CHRISTIAN PETERMANN

Look Filmes

Emmanuelle Béart: alvo do ciúme de François Cluzet

EM NOME DO DIABO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(La Visione del Sabba, Itália, 1988) Direção: Marco Bellocchio. Com Beatrice Dalle, Jacques Weber, Omero Antonutti. 104 min. Paris.

Depois de *O Diabo no Corpo* (1986), de Bellocchio, todos esperavam mais safadeza em *La Visione del Sabba*. Afinal, o filme trata de um assassino que, na era atual, afirma ser a reencarnação de uma bruxa queimada na fogueira. *A Visão do Sabá* não estreou nos cinemas brasileiros; passou na TV. Sai agora em vídeo com o título *Em Nome do Diabo*. Não tem muita safadeza e não é lá grandes coisas. Desde que passou a dividir roteiro e direção de seus filmes com o seu psiquiatra Massimo Faggioli, Bellocchio vem investigando, com obsessivo interesse, o mundo do inconsciente. A dramaturgia, porém, é pobre, por mais fascinante que seja a proposta de associar loucura e sexualidade. L.C.M.

Sagres / Riofilme

O elenco da peça concebida por Sergio Bianchi

A CAUSA SECRETA ★★★

A crueldade do ser humano

Este é daqueles filmes que fazem o espectador sentir-se mal – e sentir-se mau, também. Ao contar a história de um grupo teatral que faz "pesquisa de campo" para uma adaptação do conto *A Causa Secreta*, de Machado de Assis, Sergio Bianchi expõe, sem firulas ou concessões, toda a ruindade que existe no coração humano. Mais: mostra que a crueldade se erigiu em sistema em nosso mundo.

O filme suscitou reações contraditórias nos festivais em que foi apresentado. Em Gramado, parte do público saiu no meio. Em Brasília, foi aplaudido.

Há nele inúmeros defeitos. Os principais talvez sejam o demasiado peso dado à trama paralela do diretor tentando financiamento público para sua peça (decalque da saga de Bianchi em busca de verba para o filme) e o texto – redundante e reducionista – lido em *off* no final pelo cineasta. Mas *A Causa Secreta* sobrevive a isso tudo: é um dos filmes de maior impacto dos últimos tempos.

(Brasil, 1994) Direção: Sergio Bianchi. Com Renato Borghi, Rodrigo Santiago, Esther Góes, Claudia Melo. 94 min. Sagres/Riofilme.

JOSÉ GERALDO COUTO

Concorde

Liv Ullmann e Erland Josephson: típico casal bergmaniano

CENAS DE UM CASAMENTO ★★★★★

O inferno a dois é um paraíso

Bergman fez este filme para atender a uma encomenda da televisão sueca. Nem por isso o resultado é inferior. Muito pelo contrário. Sem o cerebralismo e a morbidez de *Gritos e Sussurros* – que dirigiu um ano antes – e com uma produção de aparência modesta, o cineasta logrou um dos pontos mais altos de sua expressiva filmografia e uma das melhores análises cinematográficas da relação conjugal.

Em seis partes, ele expõe um longo período da vida de um casal, a advogada Marianne (Liv Ullmann) e o pesquisador Johann (Erland Josephson). De início, são mostrados como exemplos de lúcida serenidade. Mas nem sempre o racionalismo é funcional contra a paixão. Nos outros episódios, todos com títulos, surgem as incertezas, o adultério. Amor e desamor, afeto e raiva se cruzam numa narrativa formalmente despojada – com planos longos e estáticos –, mas poderosa em calor humano.

Menos amargo do que em outras ocasiões, Bergman apoiou-se no diálogo e na extraordinária dupla central para criar um filme marcante sobre esse sentimento ilógico chamado amor. Deixa claro, ainda, como em *Sede de Paixões* (1949), que é preferível um inferno a dois do que a solidão.

(Scener ur ett Aktenskap, 1974) Direção: Ingmar Bergman. Com Liv Ullmann, Erland Josephson, Bibi Andersson, Anita Wall. 168 min. Concorde.

ALFREDO STERNHEIM

1969 – O ANO QUE MUDOU NOSSAS VIDAS ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(1969, EUA, 1988) Direção: Ernest Thompson. Com Kiefer Sutherland, Robert Downey Jr., Winona Ryder, Bruce Dern. 96 min. New Line.

Quem viveu a época do "paz e amor" vai se identificar com esta homenagem do diretor/roteirista Thompson aos jovens que saíram às ruas americanas para protestar contra a guerra do Vietnã. Os ícones da geração *flower power* são representados pelo trio de jovens atores. Kiefer e Robert vivem numa pequena e monótona cidade e ingressam na universidade apenas para fugir ao alistamento militar. Na escola, descobrem tanto a força repressiva da polícia quanto os prazeres do sexo e das drogas. Os dois amigos só caem na real quando o irmão mais velho de Kiefer é convocado para a guerra e, meses depois, é dado como "desaparecido". Apesar de um tanto arrastado, é um quadro sensível de como esses anos foram difíceis para a juventude americana.

D.P.

BASTIDORES DA VIDA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(A Life in the Theater, EUA, 1993) Direção: Gregory Mosher. Com Jack Lemmon, Matthew Broderick. 81 min. Cannes.

Jack Lemmon e Matthew Broderick são os atores principais de um grupo de teatro de repertório. A delicada relação entre mestre e discípulo vai se alterando à medida em que o jovem ator se prepara para a fama. O veterano vê sua carreira acabar, enquanto transmite ao pupilo suas experiências. O roteiro e a co-produção deste filme para a TV a cabo são de David Mamet, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro e cinema, que aqui adapta uma de suas peças. Mamet assinou os scripts de filmes como *O Destino Bate à Sua Porta*, *Os Intocáveis*, *Jogo de Emoções* e *As Coisas Mudam* (tendo dirigido os dois últimos). A atuação de Lemmon, em especial, valoriza essa homenagem à ribalta. *M.S.*

UM LUGAR PARA ANNIE ★★★

(A Place for Annie, EUA, 1993). Direção: John Gray. Com Sissy Spacek, Mary-Louise Parker, Joan Plowright. 89 min. América.

Meu Querido Companheiro e *Filadélfia* falaram de Aids do ponto de vista homossexual. Este filme mostra a doença em um paciente ainda mais frágil: um bebê soropositivo. Com a mãe viciada em heroína, Annie é abandonada ao nascer e recebe os cuidados de uma enfermeira, Susan (Spacek). Ela tenta adotar a menina, mas encontra resistência na família, que encara a morte anunciada como um perigo para sua segurança. E é neste ponto que a história real se torna mais tocante, apesar da modéstia de suas ambições políticas. *C.G.L.*

Continental

Emil Jannings: reflexos e sombras comentam sua decadência

A ÚLTIMA GARGALHADA ★★★★★

A expressividade do silêncio

A história da glória e decadência de um porteiro de hotel orgulhoso de seu uniforme engalanado (Jannings) é a base de um dos filmes mais ricos e complexos de todo o cinema mudo.

A primeira proeza de Murnau foi livrar-se das incômodas legendas explicativas que atravancavam a narração na maioria dos filmes silenciosos. Conseguiu isso graças a uma intensa mobilidade da câmera, a uma montagem inventiva e a alguns artifícios astuciosos, como colocar os poucos textos indispensáveis em bilhetes, cartas, notas de jornal etc.

A segunda proeza foi atingir o máximo de expressão quase sem recorrer (exceto numa seqüência de sonho) aos procedimentos mais batidos do expressionismo (deformação da imagem, estilização do cenário). O que Murnau usou foi puro cinema: o close, o foco, a luz, a montagem. Por isso essa obra-prima sobre a vaidade humana mantém o seu frescor até hoje. O final feliz não é culpa de Murnau, mas imposição dos produtores.

(Der Letzte Mann, Alemanha, 1924) Direção: Friedrich Wilhelm Murnau. Com Emil Jannings, Maly Delschaft, Max Hiller. 73 min. Continental.

JOSÉ GERALDO COUTO

COMÉDIA

UM TIME MUITO LOUCO★★

(Major League II, EUA, 1994) Direção: David S. Ward. Com Charlie Sheen, Tom Berenger, Corbin Bernsen. 105 min. Warner.

Seqüência de *Garra de Campeões* (1989), que a distribuidora, inteligentemente, não menciona na capinha. É melhor não associar os filmes: o elenco é o mesmo (à exceção de Wesley Snipes, substituído por Omar Epps), desenvolve a mesma história e sob a mesma direção. Com a ressalva de que todos estão cinco anos mais velhos. É difícil ver graça num bando de veteranos fazendo jogadas incompreensíveis e enfrentando situações absurdas – como a rivalidade entre dois jogadores por religião. O dublê de herói Charlie Sheen já fez tanta paródia no cinema (*Top Gang*) que virou, ele mesmo, uma piada.

F.G.

OS PUXA-SACOS ★

(Greedy, EUA, 1994) Direção: Jonathan Lynn. Com Michael J. Fox, Kirk Douglas, Nancy Travis, Olivia d'Abo. 113 min. CIC.

O título em português deveria ser alterado para *Os Pentelhos*: o roteiro histérico concebe apenas personagens muito antipáticos. São parentes-urubus esperando a morte do rico tio solteirão (Douglas). O que espanta é o fato de o roteiro – que parte do romance *Martin Chuzzlewit*, de Charles Dickens – ser assinado pela dupla Lowell Ganz e Babaloo Mandel (*Splash*, de 84; *Amigos, Sempre Amigos*, de 91). A única idéia digna de nota é o fato do clã se chamar McTeague, o mesmo da família de *Ouro e Maldição* (*Greed*, 1923/25), de Erich von Stroheim. É uma tortura, porém, assistir ao pior filme dirigido por Lynn (*Meu Primo Vinny*, de 92). A culpa é do mordomo, já que o diretor interpreta o mordomo do milionário.

Ch.P.

Look Filmes

A trupe de boxeadores em pausa para meditação

CAROS F... AMIGOS ★★

Adultos, porém infantis

Mario Monicelli realizou grandes comédias do cinema italiano. Não estava em seus melhores momentos quando fez *Caros F... Amigos*. É um filme na linha de *Meus Caros Amigos* (1975), que foi feito por ele em homenagem ao diretor e roteirista Pietro Germi, que morreu quando a produção estava começando (a continuação foi *Quinteto Irreverente*, 1982). O tema é sempre o relacionamento de adultos que se comportam como crianças.

Caros F... Amigos recua no tempo. Passa-se durante a Segunda Guerra. A estrada é metáfora da vida. É por onde passa uma caravana improvisada de miseráveis que viaja pelo interior do país promovendo lutas de boxe em troca de comida. Monicelli quer dar uma lição de tolerância. O que falta é o humor corrosivo de *Parente é Serpente* (1993). A rigor, não há uma piada nova, nem a preocupação de fazer com que o velho humor pareça novo. Decepcionante, apesar de ter levado uma Menção Honrosa para o diretor no Festival de Berlim do ano passado.

(Cari Fottutissimi Amici, Itália, 1994) Direção: Mario Monicelli. Com Paolo Villaggio, Massimo Ceccherini, Vittorio Benedetti, Eva Grimaldi. 110 min. Mundial/Look.

Luiz Carlos Merten

Warner

Jim Carrey no paraíso: o detetive delira em seu quartel-general/zoológico

ACE VENTURA, UM DETETIVE DIFERENTE ★★

Caras e bocas

Jim Carrey saltou de US$ 450 mil – salário que recebeu por este *Ace Ventura* – para respeitáveis US$ 7 milhões, seu cachê após o sucesso de *O Máskara*. É um ator que carrega nas caras e bocas, mas pelo menos sabe escolher os personagens adequados para o seu estilo de representação. O diretor Chuck Russell o viu na TV e sacou que só Carrey poderia ser o Stanley Ipkiss de *O Máskara*. Criou um astro. *Ace Ventura* é mais modesto, mas não é completamente destituído de encanto. Isto, é claro, se o espectador for ligado em bichos.

Carrey é um detetive especializado em recuperar animais desaparecidos. Procura um golfinho que é mascote de um time esportivo. Sem golfinho, nada de vitória. A torcida e os próprios jogadores se enervam. Carrey gesticula e escancara o sorriso. O filme, ao contrário do personagem, não chega a ser diferente. Com alguma boa vontade, dá para o gasto.

(Ace Ventura, Pet Detective, EUA, 1994) Direção: Tom Shadyac. Com Jim Carrey, Courteney Cox, Sean Young, Tone Loc, Randall "Tex" Cobb. 80 min. Warner.

Luiz Carlos Merten

Hugo Weaving, à frente de Stamp, sobe o morro para encontrar o seu verdadeiro eu

Top Tape

PRISCILLA, A RAINHA DO DESERTO ★★★★

Otimista e despretensioso

Por que um filme australiano sobre duas drag queens e um transexual a caminho de uma temporada de shows no deserto virou hit nos cinemas? Porque é divertido, despretensioso e, ao invés de fazer um discurso sobre a crise de identidade sexual, exibe um roteiro bem alinhavado. Ao fundo, som de discoteca, incluindo a famosa "I Will Survive", com Gloria Gaynor, e músicas do grupo Abba. Além disso, há uma outra explicação para esse sucesso: é uma história otimista, mesmo não ignorando a Aids.

O trio central é especialmente afinado. Terence Stamp (*O Colecionador*) é um transexual viúvo, Weaving (*A Prova*), o gay que tem um filho, e Guy – a cara de Errol Flynn, que já interpretou no cinema – é o histriônico da turma. A caminho de um hotel na cidade de Alice, onde farão alguns números musicais, o trio se encontra com aborígenes e com eles criam uma coreografia. Fazem também amizade com um mecânico carente (Hunter), numa espécie de ecumenismo existencial em que sempre cabe mais um.

Se tudo isso parece gay demais, de forma quase caricata, não se iluda: *Priscilla* – o nome do ônibus que vaga pelo deserto – é apenas uma boa história de gente não muito normal – como toda a humanidade. E, com sua narrativa *on the road*, é mais uma prova de que o caminho é tão (ou mais) importante do que o lugar onde se quer chegar.

(The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert, Austrália, 1994). Direção: Stephan Elliott. Com Terence Stamp, Hugo Weaving, Guy Pearce, Bill Hunter. 102 min. Top Tape.

CESAR GARCIA LIMA

O RETORNO DE HÉRCULES ★★★

(Hercules Returns, Austrália, 1992) Direção: David Parker. Com David Argue, Bruce Spense, Michael Carman. 90 min. NCA.

Os piores filmes, de tão ruins, costumam ser fortes candidatos a *cult*. Portanto, atenção para esta produção australiana que reúne dois rostos bastante estranhos (Argue, de *Gallipoli*, e Spense, de *Mad Max II* e *III*). Um funcionário dissidente de uma grande empresa cinematográfica resolve montar seu próprio negócio, um cinema no velho estilo. Na estréia, descobre que o filme a ser projetado, um épico italiano, não tem legendas. Resolve dublá-lo ali mesmo, ao vivo, e aí começa o filme que interessa (*Hércules, Sansão, Maciste e Ursus – Os Invencíveis* foi rodado – mesmo – na Espanha, em 1963). A boa idéia nos remete a *What's Up, Tyger Lily?*, o primeiro Woody Allen, que dublou toda uma produção B japonesa.

CADÃO VOLPATO

O FOGO DA PAIXÃO ★

(Wilder Napalm, EUA, 1993) Direção: Glenn Gordon Caron. Com Debra Winger, Dennis Quaid, Arliss Howard. 106 min. 20/20 Vision.

Há histórias que nunca deveriam abandonar o estágio do roteiro escrito. É o caso desta estranhíssima comédia romântica com efeitos especiais. Debra Winger faz caras e bocas como a mulher que sempre se dividiu entre dois irmãos que, desde pequenos, têm a capacidade de incendiar qualquer coisa apenas com a força do pensamento. Casou-se com o comportadinho (Howard), que já não se bicava mais com o irmão extrovertido e charmoso (Quaid, que abusa de seu famoso sorriso). O diretor Caron (*Love Affair*), que se deu tão bem com o humor de *A Gata e o Rato*, tropeça feio nesta trama sem pé nem cabeça que quase não foi lançada nos EUA.

CH.P.

REFÉM POR UM DIA ★★
(Deadly Deception, Canadá, 1993) Direção: John Candy. Com George Wendt, John Vernon, Robin Duke. 92 min. Lloyds.

Nesta sua estréia como diretor, o ator canadense John Candy (1950-1994) escolheu como protagonista um ator que é a sua imgem, George Wendt (*Culpado por Suspeita*). Ele interpreta Warren que, no seu 41º aniversário, constata que é infeliz no casamento e no trabalho, onde recebe ordens do sogro. Mas o reencontro com uma ex-colega de escola, Diane, agora paralítica, o leva a mudanças drásticas em sua vida. Simula, por exemplo, seu seqüestro. Candy obteve bom desempenho de Wendt e se saiu bem no registro sentimental, de evocação e desamparo. No terreno do humor, porém, não controlou o exagero dos intérpretes e das situações.

A.S.

ACERTANDO AS CONTAS COM PAPAI ★★
(Getting Even with Dad, EUA, 1994) Direção: Howard Deutch. Com Ted Danson, Macaulay Culkin, Glenne Headly. 110 min. Warner/MGM.

Macaulay Culkin não é Peter Pan. Cresce e perde a graça, já que inocência nunca foi o forte do Rambinho dos dois *Esqueceram de Mim*. Em *Acertando as Contas com Papai*, ele é filho de Ted Danson. O pai é um assaltante atrapalhado que quer dinheiro para manter um negócio; rouba moedas raras. O filho, do qual vive separado, chega para visitá-lo. Macaulay quer a atenção que o pai nunca deu. O diretor Howard Deutch (*A Garota de Rosa-Shocking*) é da turma do produtor John Hughes, que catapultou Macaulay para o sucesso. Limita-se a filmar correrias sem graça como se fossem a coisa mais hilária do mundo. Quando quer ser emotivo, vira piegas. Macaulay nunca esteve mais chato.

L.C.M.

S U S P E N S E

ENREDO INSÓLITO ★★★
(Caught in the Act, EUA, 1993) Direção: Deborah Reinisch. Com Gregory Harrison, Leslie Hope, Patricia Clarkson. 93 min. CIC.

Apesar de não ter nada de novo, este suspense tem suas qualidades. Logo na primeira seqüência, consegue enganar o espectador, o que já é um bom sinal: um ator desempregado se faz passar por policial para conseguir o papel principal em um filme. Em seguida, dois fatos mudam completamente sua vida: apaixona-se por uma bela e misteriosa mulher, e em sua conta bancária aparecem US$ 10 milhões. Algumas mortes acontecem, porém, e ele é apontado como o responsável. Usando as técnicas de representação, ele arma um plano para pegar o verdadeiro assassino.

D.P.

CODINOME SHUTTLECOCK ★★★
(Shuttlecock, França/Inglaterra, 1991) Direção: Andrew Piddington. Com Alan Bates, Lambert Wilson, Kenneth Haigh. 98 min. Odessa.

Ex-agente secreto e herói da Segunda Guerra (Bates) escreve um livro de memórias, mas tem uma crise nervosa durante a noite de autógrafos, deixando o filho (Wilson) desconfiado. O autor é internado num asilo para tratamento, enquanto seu filho tentará desvendar o terrível segredo do passado que não consta nas páginas daquele livro. As interpretações de Bates e Wilson valorizam esta produção bem cuidada, com belíssima trilha sonora e uma história interessante, filmada em tons escuros, que se intensificam à medida que o personagem mergulha nos nós da história.

F.G.

A DAMA OCULTA ★★★★★
Trem Mistério

A Dama Oculta é um filme de sensibilidade musical, um pouco como *O Homem que Sabia Demais*, segunda versão (1956). As notas de uma música contêm em código uma mensagem que precisa chegar à Inglaterra. Enquanto isso, durante uma viagem de trem, uma senhora aparentemente inocentíssima desaparece.

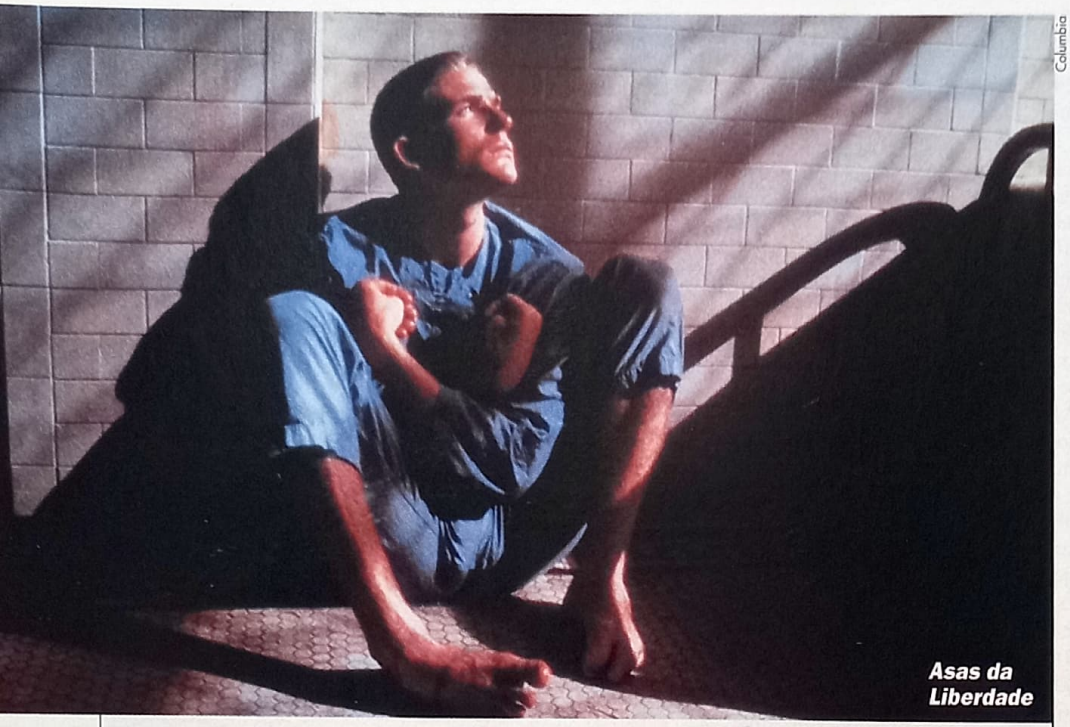
Do primeiro aspecto, Hitchcock tira a consistência (política, inclusive) do filme, fazendo desfilar uma série de personagens, ora pacifistas, ora empenhados em ignorar o mundo. É a própria Inglaterra do entreguerras que viaja nesse trem. Do segundo, ele tira a beleza de seu filme: como pode alguém sumir no interior de um trem em movimento? – esse é o mistério que Hitch nos convida a partilhar.

Do segundo aspecto, extrai ainda uma variação de tom, que vai do ameno ao mistério baseado na ocultação (aspecto que desenvolve antes mesmo da partida do trem). Para terminar, este filme tem a famosa freira com sapatos de salto alto, puxando a fila de achados prodigiosos que fazem da travessia de miss Froy uma das obras-primas perfeitas da fase inglesa do mestre. É ver e amar.

(The Lady Vanishes, Inglaterra, 1938) Direção: Alfred Hitchcock. Com Margaret Lockwood, Michael Redgrave, Paul Lukas, Dame May Whitty. 97 min. VTI.

Inácio Araujo

A tensão visível no rosto dos atores traduz o clima de mistério construído por Hitchcock



Columbia

Asas da Liberdade

CINEMA NO DIVÃ

SET convidou um psiquiatra para analisar de perto filmes que tratam de psicanálise. Os diagnósticos são do Dr. Arthur Kaufman

AGNES DE DEUS

(Agnes of God, EUA, 1985) Direção: Norman Jewison. Com Jane Fonda, Anne Bancroft, Meg Tilly. 98 min. LK-Tel/Columbia.

Trata de uma jovem freira (Tilly) que, descobre-se, deu à luz e depois estrangulou o bebê num convento. Jane Fonda é a psiquiatra encarregada pela Justiça de verificar se Tilly tem condições de se apresentar diante de um tribunal e se ela realmente não consegue se lembrar de ter concebido e dado à luz a criança. O episódio coloca frente a frente a psiquiatra e a madre superiora do convento (Bancroft), que antes de se tornar religiosa fora casada e mãe.

Diagnóstico: A dicotomia entre ciência e religião está bem retratada neste filme, que convida à reflexão. O drama é mostrado com bastante eficiência, os personagens são críveis.

ASAS DA LIBERDADE

(Birdy, EUA, 1984) Direção: Alan Parker. Com Matthew Modine, Nicolas Cage. 120 min. LK-Tel/Columbia.

Adaptado do romance de William Wharton, este drama narra as tentativas de um rapaz (Cage) de estabelecer algum tipo de comunicação com um amigo (Modine), traumatizado por sua experiência na Guerra do Vietnã e internado numa instituição para doentes mentais, onde passa o tempo em posturas semelhantes às de um pássaro.

Diagnóstico: O quadro psicológico de Birdy é mostrado de forma bastante didática. O médico do exército não lhe dá a menor bola, de modo que o verdadeiro terapeuta é seu amigo, o que ratifica o saber popular que diz que "o amor cura".

DESEJOS

(Final Analysis, EUA, 1992) Direção: Phil Joanou. Com Richard Gere, Kim Basinger, Uma Thurman. 124 min. Warner.

Interessado em descobrir mais sobre o passado de uma paciente (Thurman), psiquiatra (Gere) recorre a expediente pouco ortodoxo: procura a irmã desta (Basinger). Acontece que a irmã é uma beldade que não hesita em envolver o médico num caso clandestino, ao mesmo tempo em que promete desfazer seu casamento com um mafioso. A trama evolui para um caso de assassinato e suspense com a mesma rapidez com que os clichês da psicanálise infestam a tela. Ainda assim, é diversão razoável.

Diagnóstico: Não há um diagnóstico a ser formulado para a paciente (aliás, nem qual é a paciente podemos saber). Quanto ao psicanalista, até a Justiça brasileira conseguiria provas para condená-lo.

O ENIGMA DAS CARTAS

(House of Cards, EUA/Itália, 1993) Direção: Michael Lessac. Com Kathleen Turner, Tommy Lee Jones, Asha Menina. 109 min. PlayArte.

Arquiteta (Turner) perde o marido em ruínas na América Central e retorna aos Estados Unidos com os filhos. Logo sua filha mais nova, impregnada pelo misticismo maia, passa a manifestar sintomas de autismo, envolvendo mãe e analista (Jones) numa disputa sobre qual seria a terapia adequada.

Diagnóstico: Nota-se que obviamente o quadro não é o de um verdadeiro autismo – qualquer residente de Psiquiatria percebe. A mãe merece um emprego no hospital no lugar daquele psiquiatra.

ENTARDECER INSENSATO

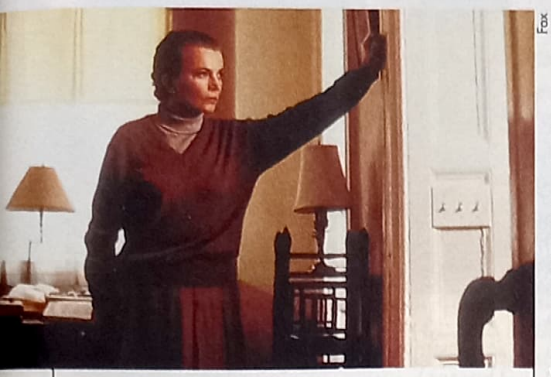
(Wicked, Itália, 1991) Direção: Carlo Lizzani. Com Julian Sands, Giuliana de Sio. 85 min. NCA.

Julian Sands interpreta Carl Jung, ainda jovem e tentando formular os preceitos de sua psicologia. O filme retrata especificamente o caso que deu origem à sua famosa teoria de *aeanimus* e *anima*.

Diagnóstico: O forte deste filme é a luta entre a psiquiatria tradicional (estigmatizante, encarceradora) e a psiquiatria moderna, que procura encarar o paciente

20th Century Fox

Jogo de Emoções



como ser humano. A história se passa no começo do século. No Brasil de 1994, já começa a existir também este tipo de duelo entre as duas posturas.

EQUUS

(EUA, 1977) Direção: Sidney Lumet. Com Richard Burton, Peter Firth, Colin Blakely. 137 min. Warner/MGM.

Esta famosa adaptação da peça de Peter Schaeffer trata do confronto entre um garoto profundamente místico (Firth) e seu psiquiatra (Burton), encarregado por uma juíza de descobrir por que o menino cegou vários cavalos. Repleto de ressonâncias religiosas, é teatro filmado de primeira linha.

Diagnóstico: O desenvolvimento do filme prende bastante a atenção, pois, além do ótimo trabalho dos atores, o quadro psíquico do rapaz é bem colocado, e o analista tem uma conduta ética irrepreensível.

GEMIDOS DE PRAZER

(Whispers in the Dark, EUA, 1992) Direção: Christopher Crowe. Com Annabella Sciorra, Alan Alda, Jamey Sheridan, Anthony LaPaglia. 102 min. CIC.

Psiquiatra (Sciorra) sente-se perturbada pelas aventuras sexuais que uma paciente lhe relata. Incerta quanto a suas reações, recorre a seu antigo mentor (Alda, ótimo), envolvendo a si própria e a todos em volta numa intrincada trama de assassinato.

Diagnóstico: Trama muito bem conduzida. Todos os personagens mostram-se bastante verossímeis: podem estar passando na rua... ao seu lado!

O HOMEM QUE AMAVA AS MULHERES

(The Man Who Loved Women, EUA, 1983) Direção: Blake Edwards. Com Burt Reynolds, Julie Andrews, Kim Basinger. 110 min. 20/20 Vision.

Reynolds interpreta o estereótipo do "sensível" homem moderno, cuja vida, angústia e fascínio pelas mulheres são examinados em retrospecto por sua analista (Andrews), a partir do momento de seu funeral. Remake americano do filme homônimo de Truffaut – mas muito inferior ao original. O diretor Edwards deu crédito de co-roteirista a seu próprio psiquiatra.

Diagnóstico: Embora sem a classe do filme de Truffaut, este também convence: os personagens são verossímeis e, quanto à analista, qualquer um gostaria de ter uma como ela.

JOGO DE EMOÇÕES

(House of Games, EUA, 1987) Direção: David Mamet. Com Lindsay Crouse, Joe Mantegna. 102 min. LK-Tel/Columbia.

David Mamet estreou na direção de cinema com este fascinante suspense sobre psicóloga e autora de best-sellers de auto-ajuda (Crouse) que, interessada em fazer "pesquisa de campo", envolve-se com vigarista (Mantegna). Ela acaba se decidindo a testar seu potencial para o crime – e descobre que este é maior do que ela ou o vigarista imaginam.

Diagnóstico: Trata-se de uma viagem profunda pela própria sombra, da qual a Dra. Margareth sai enriquecida como pessoa e como profissional. O espectador é também estimulado a seguir o seu próprio roteiro.

MR. JONES

(EUA, 1993) Direção: Mike Figgis. Com Richard Gere, Lena Olin, Anne Bancroft. 112 min. 20/20 Vision.

Gere faz o Mr. Jones do título, um homem charmoso mas maníaco-depressivo que inicia um romance com sua psiquiatra carente, que enfrentará um dilema ético.

Diagnóstico: O quadro psiquiátrico é mostrado de forma furada, e o tratamento é simplesmente inacreditável. Inadequado para videopacientes de bom gosto.

A OUTRA

(Another Woman, EUA, 1988) Direção: Woody Allen. Com Gena Rowlands, Mia Farrow, Ian Holm. 84 min. 20/20 Vision.

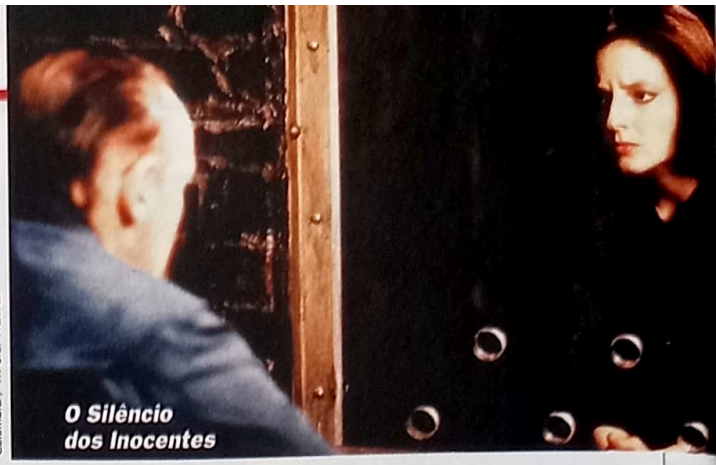
Psiquiatras e psiquiatria é o que não falta nos filmes de Woody Allen, mas este aqui talvez seja o mais "explícito". Professora universitária (Rowlands) aluga apartamento para escrever um livro em paz, mas descobre que, pelo sistema de ventilação, pode escutar as sessões de análise que transcorrem no apartamento ao lado. A princípio irritada, logo percebe que seu interesse já não está mais em seu trabalho, e sim na história de uma das pacientes (Farrow), cujo casamento se encontra em declínio. Através dela, a professora vai reviver os momentos cruciais de sua vida e expor-se às emoções de que sempre procurou se proteger.

Diagnóstico: Embora considerado antiético ficar ouvindo pela fresta a vida dos outros, não há dúvida de que houve um ganho existencial para a professora. Um filme bastante sensível, que convida o espectador a também tentar ver ou rever sua própria intimidade.

Columbia / Tri-Star Pictures

Mr. Jones

Cardápio



O PRÍNCIPE DAS MARÉS

(The Prince of Tides, EUA, 1991) Direção: Barbra Streisand. Com Barbra Streisand, Nick Nolte, Blythe Danner, Kate Nelligan. 132 min. LK-Tel/Columbia.

Psiquiatra (Streisand) entra em contato com um professor aposentado (Nolte) na tentativa de reconstruir o passado da irmã deste, que acaba de tentar o suicídio. O próprio Nolte enfrenta uma profunda crise pessoal – alcoolismo, casamento em desintegração –, e seu relacionamento com a psiquiatra logo ultrapassa o plano profissional para se tornar também afetivo.

Diagnóstico: Uma aula sobre psicoterapia. Os personagens passam sua mensagem, o trabalho da analista é bastante aceitável, em termos técnicos e éticos.

QUANDO FALA O CORAÇÃO

(Spellbound, EUA, 1945) Direção: Alfred Hitchcock. Com Ingrid Bergman, Gregory Peck, Leo G. Carroll. 111 min. Continental.

Este foi um dos primeiros filmes a utilizar a Psicanálise, que na década de 40 começava a tornar-se conhecida nos EUA. A Dra. Constance (Bergman) tem um insólito paciente (Peck), completamente preso ao passado, que sofre de amnésia e é ainda suspeito de ter cometido assassinato. No tratamento, há todo um trabalho psicológico de interpretação dos sonhos (seqüência magistralmente realizada por Salvador Dalí), tudo isto embalado por uma música (Miklos Rosza) que parece ser ela própria um personagem do filme. O roteiro é de Ben Hecht (um freudiano convicto).

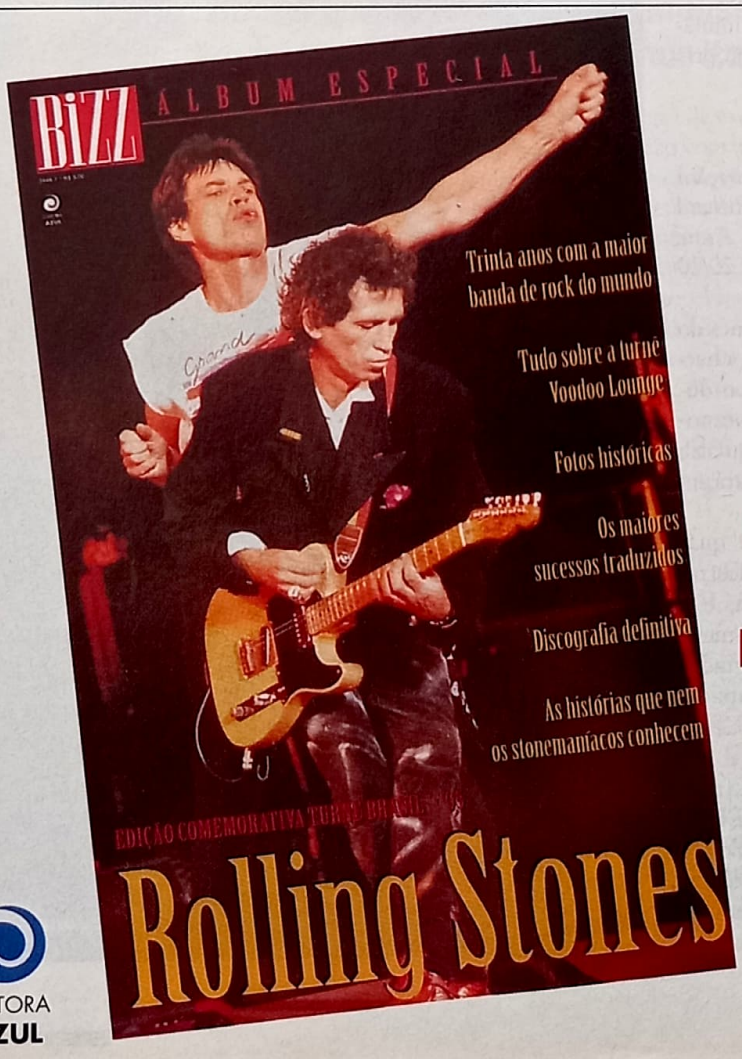
Diagnóstico: Toda a linha do filme é bastante coerente, havendo uma notável identificação entre o trabalho psicanalítico e a ficção policial. Preste atenção não só na seqüência do sonho, mas também na incrível cena da empalação. A psicanalista desempenhada por Ingrid Bergman cria uma boa relação médico-paciente.

O SILÊNCIO DOS INOCENTES

(The Silence of the Lambs, EUA, 1991) Direção: Jonathan Demme. Com Anthony Hopkins, Jodie Foster. 118 min. 20/20 Vision.

Confrontada com um *serial killer* logo em seu primeiro caso, jovem agente do FBI (Foster) busca a ajuda de prisioneiro psicótico (Hopkins) para traçar o perfil do assassino. Preso há oito anos numa cela de segurança máxima, o ex-psiquiatra Hannibal "the Cannibal" Lecter (o apelido descreve com precisão o que ele fazia com suas vítimas) envolve a agente num tenebroso duelo intelectual e psicológico, em que ela involuntariamente se presta ao papel de psicoanalisada.

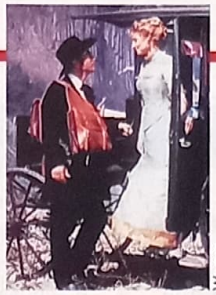
Diagnóstico: Realmente, tudo funciona neste filme. O canibal psiquiatra é brilhante e a viagem intelectual e psicológica pode ser acompanhada pelo espectador com todos os sustos compartilhados com a agente do FBI.



Não Perca!
Edição Comemorativa
Turnê Brasil 95

Nas bancas

EDITORA AZUL


Warner

QUANTIDADE DE LANÇAMENTOS AUMENTA

Março é o mês da verdadeira retomada do mercado de vídeo, que oferece inúmeros lançamentos para todos os gostos. Em termos culturais, a grande pedida é o brasileiro *Ganga Bruta*, de Humberto Mauro, um dos marcos de nosso cinema. Ainda falando em opções para públicos mais sofisticados, os títulos vão de *A Fraternidade É Vermelha*, de Krzysztof Kieslowski, a *Tempos de Viver*, o último de Zhang Yimou. Entre as pedidas mais comerciais, a subestimada comédia *Maverick* (acima), com Mel Gibson. Ele também comparece com sua estréia como diretor, o drama *Um Homem sem Face*. Entre as beldades, pode-se escolher entre Julia Roberts (*Adoro Problemas*), Madeleine Stowe (*Quatro Mulheres e um Destino*), Michelle Pfeiffer (*Lobo*, ao lado) e a modelo Elle MacPherson (*Sereias*).

Columbia

O vídeo também oferecerá a oportunidade de se reavaliar dois filmes que dividiram a crítica: *Tão Perto, Tão Longe*, de Wim Wenders, e *Sem Medo de Viver*, de Peter Weir. Entre os títulos inéditos no cinema, atenção para o último trabalho de Spike Lee, *Crooklyn*. Há ainda alguns candidatos a *cult*: o americano *O Par Perfeito*, o canadense *O Mito do Orgasmo Masculino* e o espanhol *La Madre Muerta*.

BOLSA DE VÍDEO

Os críticos optaram pela austeridade de James Ivory, a sanguinolência de Patrice Chereau e o intimismo de Bergman

	Celso Fioravante (Folha de S. Paulo)	Luiz Carlos Merten (O Estado de S. Paulo)	Ana Claudia Fonseca (Veja São Paulo)	José Norberto Flesch (Folha da Tarde)	Paulo de Góes (Jornal do Vídeo)	Luiz Zini Pires (Zero Hora)	Carlos Eli de Almeida (Jornal do Brasil)	Roberto Rios (HBO)	Miguel Barbieri Jr. (Diário Popular)	Christian Petermann (SET)	Média
Vestígios do Dia (LK-Tel/Columbia)	7	7	9	7	8	8	8	10	9	7	8.0
A Rainha Margot (Europa/Carat)	9	8	9	8	7	5	8	–	9	9	8.0
Cenas de um Casamento (Concorde)	–	9	–	–	8	9	7	7	8	8	8.0
A Dama Oculta (VTI)	–	8	–	–	8	–	8	7	–	–	7.7
Priscilla, A Rainha do Deserto (Top Tape)	7	6	7	7	8	–	9	8	10	7	7.6
Uma Breve História do Tempo (Europa/Carat)	–	7	–	–	–	7	7	8	7	–	7.2
Ciúme – O Inferno do Amor Possessivo (Mundial/Look)	7	8	–	–	–	8	6	–	6	8	7.1
Velocidade Máxima (Abril/Fox)	6	6	7	7	6	6	6	4	9	7	6.4
Caros F... Amigos (Mundial/Look)	6	3	7	8	8	7	–	–	5	5	6.1
Ace Ventura, Um Detetive Diferente (Warner)	–	5	–	5	–	–	6	–	–	–	5.3

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766
América/Paris	(011) 533-8300	Lloyds	(011) 295-5436
Betta	(011) 230-0200	Mundial	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	N.C.A. Pictures	(011) 966-6135
Cartoon	(011) 255-9911	New Line	(011) 220-8601
Centaurus Hipervídeo	(011) 883-2660	Odessa	(011) 825-5766
Century	(011) 212-6533	PlayArte	(011) 575-6996
CIC	(011) 816-0852	Sagres	(021) 253-4750
Concorde	(011) 266-6999	Sunset	(011) 218-1616
Continental	(021) 262-0751	Top Tape	(021) 205-5552
Europa/Carat	(011) 579-6522	20/20 Vision	(011) 825-5766
Flashback	(011) 255-9911	VTI	(021) 580-3130
HVC	(011) 826-0233	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*.

PARADA DEZEMBRO

BRASIL

1. *A Lista de Schindler (Schindler's List)* (CIC)
2. *Minha Vida (My Life)* (Paris)
3. *O Anjo Malvado (The Good Son)* (Abril/Fox)
4. *Abracadabra (Hocus Pocus)* (Abril Vídeo)
5. *Quatro Casamentos e um Funeral (Four Weddings and a Funeral)* (Vídeo Arte)
6. *Filadélfia (Philadelphia)* (LK-Tel/Columbia)
7. *Sol Nascente (Rising Sun)* (Abril/Fox)
8. *Em Terreno Selvagem (On Deadly Ground)* (Warner)
9. *Os Franco-Atiradores (The Gunmen)* (20/20 Vision)
10. *A Época da Inocência (The Age of Innocence)* (LK-Tel/Columbia)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games, Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. *D2: The Mighty Ducks* (Walt Disney)
2. *The Crow (O Corvo)* (Miramax)
3. *8 Seconds* (New Line)
4. *Four Weddings and a Funeral (Quatro Casamentos e um Funeral)* (PolyGram)
5. *Greedy (Os Puxa-Sacos)* (MCA/Universal)
6. *Beethoven's 2nd (Beethoven 2)* (MCA/Universal)
7. *Schindler's List (A Lista de Schindler)* (MCA/Universal)
8. *Grumpy Old Men (Dois Velhos Rabugentos)* (Warner)
9. *On Deadly Ground (Em Terreno Selvagem)* (Warner)
10. *Tombstone (Tombstone – A Justiça Está Chegando)* (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* 30/12/94

LIVRO

EDIÇÃO EMBRIAGADORA

FELLINI VISIONÁRIO (Org. de Carlos Augusto Calil, ed. Companhia das Letras, 312 páginas)

Dessas preciosidades que todo fã de cinema gostaria de levar para a estante, *Fellini Visionário* não prima exatamente pelo ineditismo. Boa parte do material organizado por Carlos Augusto Calil, ex-diretor da Embrafilme e da Cinemateca Brasileira, já havia sido publicada (ou, no caso da entrevista a Roberto D'Ávila, exibida) no Brasil. Coube à Civilização Brasileira, por exemplo, editar nos anos 70 os roteiros de *A Doce Vida* e *Oito e Meio*, todos acompanhados por ensaios, entrevistas e diários de filmagens.

É o belíssimo tratamento editorial dado a esta seleção que a torna um livro obrigatório para quem admira o cineasta italiano, morto em 1993, aos 73 anos. Um prefácio do próprio Calil antecede os roteiros originais dos três filmes que o organizador considera os mais importantes de Fellini: *A Doce Vida*, *Oito e Meio* e *Amarcord*. Confrontá-los com o resultado final visto nas telas revela que o cineasta improvisava bem menos do que a lenda faz acreditar, e mostra que em momentos fundamentais ele abria mão do que havia planejado para optar por soluções concebidas em pleno set. Além de trechos de entrevistas, cada roteiro é acompanhado por ensaios de alcance variado. *A Doce Vida* é seguido de "Apocalipse de Fellini", de Francisco Luiz de Almeida Salles, escrito em 1961 e reunido na coletânea *Cinema e Verdade*. "O Menino Perdido e a Indústria", escrito por Roberto Schwarcz em 1964 e publicado no ano seguinte, e "O Salto Mortal de Fellini", que Gilda de Mello e Souza publicou em 1980, complementam o capítulo dedicado a *Oito E Meio*. Já o roteiro de *Amarcord* traz o inédito "Memórias Impessoais", de Luiz Renato Martins, autor do recente *Conflito e Interpretação em Fellini* (Edusp), além de uma jóia raríssima, "Glauber Fellini", escrito por Glauber Rocha por volta de 1977 e publicado em *O Século do Cinema* (1983).

Como se tudo isso não fosse suficiente para embriagar o leitor, desenhos magníficos de Fellini e fotos dos filmes completam o volume. Mas, como nada é perfeito, dá até para achar algo do que reclamar: a lacônica filmografia, apenas com ano e títulos original e brasileiro, não corresponde ao fôlego do livro.

Sérgio Rizzo

VÍDEOS

DE OLHO NA CRIANÇADA

DISNEY VÍDEO FESTIVAL (Video Print)

Numa iniciativa inédita, a Video Print coloca à venda em bancas de jornais e revistas a edição Disney Vídeo Festival. Ao preço de R$ 16, a criançada leva a fita *Donald & Cia*, com os desenhos "Os Lobos do Mar", "Pateta no Oeste" e "O Irmãozinho do Pluto", e um livro com a história *A Festa Mexicana do Donald*. O próximo lançamento chega às bancas em março.

ARTE A PARTIR DE 1 ANO

SINFONIA DOS BICHOS (Joint Vídeo, coleção Baby Vídeo)

A fim de estimular a imaginação de crianças a partir de 1 ano de idade, a Joint Vídeo lançou esta fita que mistura imagens de bichos reais com bichos-bonecos feitos com materiais encontrados em casa, como sapatos velhos, latas de spray, palitos de picolé. Como vídeo lúdico e didático, *Sinfonia dos Bichos* ensina principalmente a preservação dos animais e da natureza. Para adquirir a fita, entrar em contato com a Joint Vídeo pelo telefone (011) 290-0811.

MULTIMEDIA

Dazzeloids: super-heróis multimídia

DIVERSÃO E INFORMAÇÃO EM CD-ROM

MOVIEBUFF (Bookfield Communications, floppy disc para PC/Windows e Macintosh)

MEGA MOVIE GUIDE (InfoBusiness, para PC/Windows)

Quem já está acostumado a consultar o *Cinemania*, vai adorar este *MovieBuff* com todos os longas e curtas-metragens realizados desde 1980. O charme são as mais de 30 mil filmografias de pessoas envolvidas em 51 categorias diferentes da produção de um filme. Também oferece bilheterias, duração, se o filme está disponível em vídeo – nos EUA, óbvio – e dá os nomes daqueles roteiristas que nunca recebem créditos, como os muitos que ajudaram no roteiro de *The Flintstones*. O CD-ROM da InfoBusiness não é tão completo quanto os dois citados acima, e o destaque é a seção do Oscar, cuidadosamente editado. Os dados são acessados por filme, através dos quais se chega aos dados de diretor, ator, atriz etc.

DAZZELOIDS (Voyager, para PC/Windows e Macintosh)

Animação criada pelo nova-iorquino Rodney Alan Greenblat. Os desenhos não são lá essas coisas, mas a graça toda está na narrativa, muito inteligente. Para se ter uma idéia, uma das histórias começa assim: "Em algum lugar no subúrbio de Boredomtown, um jovem habitroid chamado Jeremy se tornou um descerebrado zumbi de tanto assistir TV". Mas, não se preocupem, os super-heróis Dazzeloids irão salvar Jeremy desta maldição televisiva.

TRILHAS SONORAS

SONS DEMOCRÁTICOS

THE ADVENTURES OF PRISCILLA, QUEEN OF THE DESERT (PolyGram)

Australianos sabem "montar" trilhas saborosas a partir de filmes alto astral, como em *Vem Dançar Comigo*. Com *Priscilla*, o diretor Stephan Elliott reuniu sons que o fazem lembrar de seus bons tempos – segundo ele, desde quando ainda estava na barriga de sua mãe – ("A Fine Romance", com Lena Horne, ou "I Don't Care If the Sun Don't Shine", de Patti Page) até os anos áureos de ferveção, com clássicos *disco* à toda prova ("Mamma Mia", do Abba; "I Love the Nightlife (Disco 'Round)", de Alicia Bridges; e "I Will Survive", de Gloria Gaynor). A *dance music* mais recente comparece com o último hit do Village People ("Go West"), um sucesso de Ce Ce Peniston ("Finally") e alguns remix de músicas presentes na seleção. Um *must* para festinhas antenadas.

CARO DIÁRIO (Milan)

Este CD reúne trilhas compostas por Nicola Piovani (pseudônimo de Ennio Morricone) para os filmes dirigidos por Nanni Moretti – *A Missa Acabou* (86), o inédito *Palombella Rossa* (89) e *Caro Diário* (94). Piovani extrai sempre melodias belas e sedutoras a partir de fraseados ingênuos, de uma sonoridade simples e suave. Caminha na tradição de Nino Rota. O piano de *Caro Diário*, por exemplo, bebe na fonte de Erik Satie, enquanto as melodias circulares de *Palombella Rossa* lembram o universo circense. Belo trabalho!

VEJA ESTA CANÇÃO (Warner)

Um dos temas que deu origem às histórias deste filme não está presente por problemas de direitos autorais ("Você É Linda", de Caetano Veloso). De resto, Jorge Benjor, com a única faixa composta exclusivamente para o filme, "Pisada de Elefante", Gil e Chico batem o ponto, assim como o tema homônimo de abertura, cantado por Milton Nascimento. O CD se completa com músicas ouvidas "de fundo", variando do suingue de Ed Motta ao rock do Barão Vermelho e do Ira!, passando pelo pop do Kid Abelha. Reflexo do Brasil contemporâneo, não podia faltar o pagode, presente nas vozes da Banda Brasil e de Cristina Monteiro. Democracia e livre expressão para todos!

Christian Petermann

EQUIPAMENTOS

FOTOS DE FAMÍLIA

VIDEOSNAP (Sansui, importado)

Quem gosta de gravar viagens, festas de família, jogos de futebol, seja lá o que for, e por tabela tem uma queda por fotografia, o aparelho Videosnap (foto) da Sansui é um prato cheio: coloca-se uma fita gravada, escolhe-se uma cena e, shazam!, ela se transforma em fotografia. Este videoprint é um dos mais baratos nos EUA (US$ 600) e, apesar de não ser de uma marca preferida, ele é de fácil operação com reproduções de boa qualidade. O filme utilizado para as reproduções fotográficas é o Polaroid Spectra de alta definição.

MINITELA

VR-HT16N (Sharp, importada)

A Sharp lançou no mercado americano essa minitela para ser acoplada na câmera de vídeo mas que também funciona como um televisor normal. A viewcam recebe os sinais de VHF/UHF, tem capacidade para sintonizar 69 canais e ainda você pode memorizar os canais que mais assiste.

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)

Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET CINEMA & VÍDEO

REDAÇÃO
Diretor Editorial: Jorge de Souza
Editor-Chefe: Cadão Volpato
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Editora-Contribuinte: Isabela Boscov
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição:Texto: Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Tomé, Arthur Kaufman, Carlos M. Motta, César Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Elaine Guerini, Ellen Alaver, Fátima Gigliotti, Hugo Sukman, Inácio Araujo, Jesus de Paula Assis, José Geraldo Couto, Lauro Machado Coelho, Luiz Carlos Merten, Marcos Smirkoff, Maria Cecília Prado, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Ariovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Planejamento: Ana Camargo

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla
Gerente de Pesquisa: Sílvia Campos

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (**ISSN 0104-1592**, edição 92, fevereiro de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **Fotolito:** Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial IVC

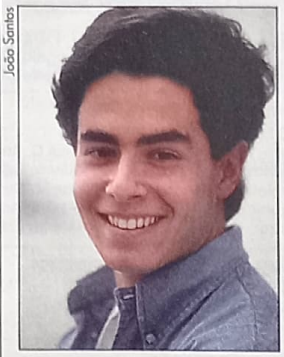
Impressa na Editorial Antártica - Chile

Videoteca

Personalidades Falam Sobre Filmes Ideais para Escapar do Carnaval

FELIPE FOLGOSI, ator:

João Santos



"Os quatro dias de carnaval são bons para se atualizar, rever filmes interessantes. No meu caso não importa a época: gosto muito do cinema italiano, dos musicais dos anos 40 e comédias dos anos 50. Mas, já que é para falar de carnaval, dá para citar alguns títulos que – por suas características cenográficas, suas cores – propiciam uma analogia meio louca: *O Fundo do Coração* (Coppola), *Amarcord* (Fellini), os filmes chineses – apesar do ritmo contrastante – e, brincando com o colorido das alegorias carnavalescas, por que não aproveitar a trilogia de Krzysztof Kieslowski, *A Liberdade É Azul, A Igualdade É Branca* e *A Fraternidade É Vermelha?*"

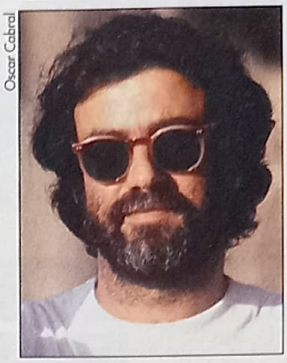
MARCOS REY, escritor:

Plínio Borges

"O fato de se recolher durante o carnaval não significa estar completamente alheio a ele. Apesar disso, vale a pena ver alguns títulos mais recentes e que não correspondem ao ritmo carnavalesco: *A Lista de Schindler* (Spielberg) e *Quatro Casamentos e um Funeral* (Mike Newell) são dois deles. Já *Filadélfia* (Jonathan Demme) poderia estragar o momento festivo. De qualquer forma, aproveitaria para rever alguns filmes que me marcaram: *Lawrence da Arábia*, já visto e revisto, e *Se Meu Apartamento Falasse*, um dos dez grandes filmes de todos os tempos. Mas, fazendo um pouco parte da festa, é um bom tempo para rever os 'Oscaritos' do nosso cinema."

MIGUEL PAIVA, cartunista:

Oscar Cabral



"Dentro do espírito festivo, aproveitaria para visitar os musicais da Metro – com Fred Astaire e Ginger Rogers, Gene Kelly, Judy Garland –, só *Cantando na Chuva* já seria um excelente exemplo – ou então ficaria na faixa da comédia. Seria um exagero entrar no gênero ação, e mergulhar na reflexão numa hora dessas é muito chato, desagradável. Como adoro viajar na nostalgia, minha preferência mesmo ficaria na base das chanchadas brasileiras, carnavalescas ou não, com a dupla Oscarito-Grande Otelo, Zé Trindade – eles fizeram escola. Seria uma maneira de rever o Rio de Janeiro antigo, um Brasil dos anos 40. Já vi quase todos mas não deixaria passar uma oportunidade dessas!"

SET Recomenda

Prateleiras de Sua Locadora Revelam Relançamentos que Estavam Fora de Catálogo

CORAÇÕES SOLITÁRIOS
(*Choose Me, EUA, 1984, 106 min.*)
Título anterior: *Choose Me.*
Distribuidora anterior: Omni Vídeo.
Distribuidora atual: Century Vídeo.
Nas locadoras: já disponível.
Por que ver (ou rever): um dos melhores filmes de Alan Rudolph (*Equinox*); trata-se de um drama com toques de humor sobre a solidão urbana e o papel que cada indivíduo exerce no jogo de relações humanas; a rede de intrigas e paixões parte principalmente de três personagens: uma apresentadora de rádio que dá conselhos de sexo (Genevieve Bujold), a dona de um bar (Lesley Ann Warren) e um foragido do manicômio (Keith Carradine); o filme se apoia num visual muito neon e tem um clima noturno incrementado pela trilha sonora *jazzy* de Teddy Pendergrass; um delírio emocional.

DRUGSTORE COWBOY
(*EUA, 1989, 100 min.*)
Título anterior: o mesmo.
Distribuidora anterior: Globo Vídeo.
Distribuidora atual: Flashback Vídeo.
Nas locadoras: em fevereiro.
Por que ver (ou rever): é, com certeza, o melhor do "alternativo" Gus Van Sant (*Garotos de Programa*); a grande qualidade do filme é não levantar qualquer julgamento moral quanto à situação central: Matt Dillon é o cabeça de um grupo de *junkies* que, nos anos 70, assalta farmácias para reabastecer o estoque de bolinhas; inspirado no romance autobiográfico do prisioneiro James Fogle; excelentes atores de caracterização (James Remar, James Le Gros, Grace Zabriskie, Max Perlich) e uma participação curiosa do escritor William S. Burroughs; um dos filmes obrigatórios da década de 80.

Art Films

MOMENTO INESQUECÍVEL
(*Local Hero, Inglaterra, 1983, 111 min.*)
Título anterior: o mesmo.
Distribuidora anterior: VTI.
Distribuidora atual: Flashback Vídeo.
Nas locadoras: já disponível.
Por que ver (ou rever): considerado por alguns como um dos melhores filmes da década passada; o roteiro do diretor Bill Forsyth (*Segredos da Vida*) trabalha com o imprevisível e envolve o espectador ao mexer com suas expectativas e ao lhe oferecer sorrisos cúmplices; é uma comédia agridoce sobre funcionário americano (Peter Riegert) que é mandado para cidadezinha costeira da Escócia para comprar a localidade, uma baía rica em petróleo; participação do recentemente falecido Burt Lancaster e música de Mark Knopfler (Dire Straits).

O TRAIDOR
(*The Hit, Inglaterra, 1984, 98 min.*)
Título anterior: *The Hit.*
Distribuidora anterior: Omni Vídeo.
Distribuidora atual: Century Vídeo.
Nas locadoras: já disponível.
Por que ver (ou rever): telefilme de Stephen Frears exibido nos cinemas fora da Inglaterra (inédito no Brasil) e realizado antes de *Minha Adorável Lavanderia*; ambientado em planícies desérticas da Espanha, narra uma trama de vingança: Terence Stamp é perseguido por dois caça-recompensas (John Hurt e Tim Roth), encarregados de levá-lo a Paris, onde será julgado por mafiosos que foram traídos por ele; é um thriller psicológico de violência carregada e tensão latente; elenco impecável (inclui ainda Laura del Sol e o falecido Fernando Rey), trilha sonora de Paco de Lucia e tema principal de Eric Clapton e Roger Waters.

CASH
HOME VÍDEO

SOB NOVA DIREÇÃO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060
267-1810

Estacionamento: Rua Gabriel Pizza, 444

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com ótimos preços!

• Cheques pré-datados
• Inclusive por telefone

- Remetemos para todo o Brasil
- Aceitamos Permuta

FITAS A PARTIR DE R$ 7,00

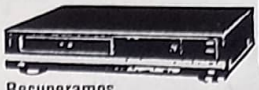
- ***OFERTAS:***
- Catálogos usados 12% de desconto a vista
- A cada 10 fitas ganhe uma grátis
- A cada 3 fitas ganhe um brinde

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Agora também em novo endereço com estacionamento
Av. Cruzeiro do Sul, 2132
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA



Recuperamos fitas com mofo

VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU
TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC

SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

7ª ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

CONFIRA
NOSSOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
12% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
COM ESTACIONAMENTO

Tel.: (011) 290-4330
(011) 299-5572

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Pagamentos com cheques semanais sem juros**
- **Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.**

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO A VISTA NOS CATÁLOGOS.

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- **PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO**
- **PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO**
- **PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA**
- **GARANTIA E QUALIDADE**
- **ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO**

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO
Rua Dr. Zuquim, 396 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Horário de atendimento das 9:00 às 20:00 hs de segunda a sábado
Estamos c/ estacionamento na Rua Gabriel Pizza, 445

Cartas

Janis Incompleta

O filme *A Rosa*, com Bette Midler, é ou não é a biografia de Janis Joplin?

Marcelo Aparecido Martiniano
(São Paulo – SP)

Caro Marcelo, o filme é apenas inspirado na biografia de Janis Joplin. Só há alguns elementos em comum entre a vida da cantora e a história vivida pela personagem.

Caninos à Mostra

Gostei da SET nº 12, ano 8. Idem para a "Retrospectiva 94". A reportagem sobre *Entrevista com o Vampiro* poderia ter sido melhor. Só foram feitas três perguntas a Tom Cruise. É uma "entrevista curta". No mais, a reportagem ficou boa.

Mauro Braz Castravechi
(Araçatuba – SP)

Quero parabenizar a SET e em especial José Emilio Rondeau pela excelente reportagem sobre *Entrevista com o Vampiro*, primeiro capítulo da saga de Lestat, o vampiro de Anne Rice. Desde que li os livros me apaixonei pelos personagens e sonhava com uma produção cinematográfica deles. Quanto às críticas a Tom Cruise, sempre as achei injustas. O rapaz já mostrou em algumas oportunidades que é mais do que um belo rosto. Além disso, acho difícil não ter boa atuação sendo dirigido por Neil Jordan.

Antônio José Strob
(Osasco –SP)

A capa da edição nº 12, ano 8, com Tom Cruise está belíssima. A SET encerrou o ano com chave de ouro. As entrevistas com Neil Jordan, Tom Cruise e Brad Pitt sobre *Entrevista com o Vampiro* estão extraordinárias.

Jadir Marcos Correia Silva
(Recife – PE)

Caninos Vermelhos

Sou assinante e gosto da SET. Principalmente das entrevistas. Mas não posso deixar de falar sobre a minha revolta. Na entrevista feita com Oliver Stone sobre o filme *Assassinos por Natureza* (nº11, ano 8) há um estímulo à violência. Será que o mundo já não está violento demais? Não é preciso endeusar pessoas que matam os pais e fazem mais uma série de atrocidades que fariam Fred Krueger parecer um cordeirinho. Com relação ao texto escrito por José Emilio Rondeau, que diz ter se transformado em um voyeur da degradação humana e ter gostado, eu o convido a vir morar no Rio de Janeiro. Assim seu voyeurismo vai ser alimentado todo dia. Por favor, façam uma entrevista sobre um filme que fale sobre esperança de um mundo melhor, onde se possa viver sem medo de encontrar pela frente um dos protagonistas desse filme e do filme que vejo todo dia na minha cidade e no mundo.

Janaína Araújo Martins
(Rio de Janeiro – RJ)

Elogio ao Choro

Gostaria de fazer uma crítica à crítica feita pela senhora Fátima Gigliotti na edição nº 11, ano 8, de SET. Na ocasião ela classificou o filme *Minha Vida* como sentimentalismo barato. Demorei para fazer a reclamação por ter passado um mês inteiro perguntando às pessoas o que acharam do filme. Conclusão: 90% achou o filme emocionante, merecedor de três ou quatro estrelas. Eu, particularmente, nunca chorei tanto assistindo a um filme como chorei em *Minha Vida*. Achei fantástica a cena em que o pai faz a barba do filho que outrora o odiava. Não é nenhuma obra-prima, mas é um bom filme.

Wagner Tavares Mota
(São Paulo – SP)

Melancolia Imberbe

Não dá mais nem prazer comprar a revista SET. Só se encontra a publicação de artistinhas jovens e melancólicos! Gente que não tem o menor talento e que nem nome ainda conquistou. Poxa, vamos mostrar e publicar a vida de grandes atores clássicos e nomes antigos de Hollywood. Nós queremos artistas antigos das décadas de 20, 30, 40, 50, 60... Allan Ladd, George Hamilton, Peter Sellers, Ron Ely e tantos... Onde andam os astros e as estrelas daqueles tempos marcantes?

Marilene Mercias
(Hortolândia – SP)

É massacrante comprar a revista SET todos os meses e deparar com tantos artistas novatos. Conheço dezenas de outros leitores que, assim como eu, esperam por informações sobre artistas clássicos.

Rosdina Pires
(Medianeira – PR)

Indignação Musculosa

Quero manifestar minha indignação à SET, que ultimamente parece estar evitando comentários a Jean-Claude Van Damme.

Paulo Francisco Andrade
(Jales – SP)

Protesto

Quando começei a trabalhar com vídeo, em 1986, como consultor de videolocadoras, o mercado era totalmente amadorístico e viciado em práticas como a pirataria. Com o passar do tempo e com a entrada de empresas multinacionais o nosso mercado começou a tomar um formato aparentemente mais profissional. Passamos a ter maior preocupação com a legalização e com regras claras de comercialização dos produtos. Formaram-se então entidades de classe. Hoje, no entanto, vivemos uma situação bem diferente. O principal problema do mercado não é mais a pirataria. O negócio de homevideo tornou-se altamente lucrativo, pelo menos para as distribuidoras. Para nós, pobres proprietários de videolocadoras, restou apenas algumas certezas: criamos um monstro. Uma fita de vídeo nunca custou tão caro como custa hoje. A depreciação do nosso produto e das nossas lojas nunca foi tão rápida. Tenho certeza que o empresário de videolocação é uma vítima do próprio trabalho. Ele está nas mãos das grandes distribuidoras, que formam um verdadeiro cartel, impondo de forma unilateral preços irreais para o mercado brasileiro. Após árduas campanhas de moralização do mercado feitas pelas associações de vídeo, onde incluo a APEVL (Associação Paulista das Empresas de Vídeo Locação), da qual faço parte da diretoria, conseguimos praticamente eliminar a pirataria. A lei antipirataria foi aprovada em 16/3/93. E desde então nada mais foi feito pelas distribuidoras para melhorar o mercado. Espero que a Febravídeo tome providências, uma vez que esses problemas são de interesse nacional.

Francisco Bueno Jr.
(São Paulo – SP)

Correio Entre os Leitores

Procuro informações sobre grandes detetives da literatura adaptados para o cinema como Hercule Poirot, o comissário Maigret etc. Aceito textos em espanhol e em inglês. Tenho material para troca.

Caixa Postal 9018,
CEP 22272-970
(Rio de Janeiro – RJ)

Vendo a fita do filme *A Prometida* em perfeito estado de conservação. Tenho também vasto material sobre artistas de cinema. Os interessados que me escrevam.

Kimico Claudia Itanaga
R. Abraham Lincoln, 23/27,
Centro, CEP 07090-100
(Guarulhos – SP)

Gostaria de me corresponder com fãs de James Dean. Troco e compro material sobre o ator. Quero também entrar em contato com fãs-clubes de James Dean e comprar os livros da Mini-enciclopédia *SET Mitos*.

Luciana Almeida
R. Carlos G. Giacobone, 1372,
Bairro Fragata, CEP 96040-240
(Pelotas – RS)

Compro as edicões da SET de julho de 1993 e fevereiro de 1994.

Edson Luiz Phothon
R. Pernambuco, 535,
Atiradores, CEP 89201-550
(Joinville – SC)

Errata

Em *Novos Filmes* da edição 91 (nº 1, ano 9), a foto do filme *Xeque-Mate* mostra os atores Paudge Behan e Kate Beckinsale.

Na *Videoteca* da edição 91 (nº 1, ano 9), o livro *Vidas Secas* é de autoria de Graciliano Ramos.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II -Florianópolis/SC - Tel.: (048) 232-0519

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 91/JANEIRO 95
Robert De Niro é a Criatura de *Frankenstein de Mary Shelley*, dirigido por Kenneth Branagh; especial sobre os 100 anos de cinema; em vídeo, *A Fuga* e *O Jornal*

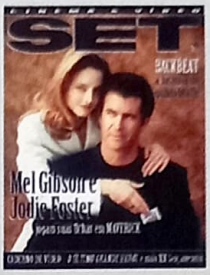
Nº 90/DEZEMBRO 94
Tom Cruise, Neil Jordan e Brad Pitt comentam *Entrevista com o Vampiro*; o melhor das telas na *Retrospectiva 94*; no *Caderno de Vídeo*, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*

Nº 89/NOVEMBRO 94
Sharon Stone e Sylvester Stallone em *O Especialista*; Oliver Stone fala sobre *Assassinos por Natureza*; em vídeo, *A Lista de Schindler* e *A Época da Inocência*

Nº 88/OUTUBRO 94
Harrison Ford em *Perigo Real e Imediato*; Robert De Niro comenta *Desafio no Bronx*, sua estréia como diretor; em vídeo, *Filadélfia* e *Na Roda da Fortuna*

Nº 87/SETEMBRO 94
Schwarzenegger e James Cameron falam sobre *True Lies*; Tom Hanks em *Forrest Gump*; Kim Basinger e Alec Baldwin em *A Fuga*; em vídeo, *Jurassic Park* e *Em Nome do Pai*

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.



Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones*; em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo *Caderno de Vídeo* com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em O Pagamento Final; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, Muito Barulho por Nada e A Doce Vida.

ATENÇÃO: ***A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado***

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE SET

★ **Oscar – As indicações e as apostas para o grande prêmio da Academia**

★ ***Tempo de Violência – Pulp Fiction* – Quentin Tarantino dirigiu e John Travolta de novo é a estrela**

★ ***Caderno de Vídeo* – *Maverick*, *Lobo* e *A Fraternidade É Vermelha***

MERGULHO NO PAPEL

Dustin Hoffman em A *Primeira Noite de um Homem (The Graduate,* 1967), de Mike Nichols

PROCURE NA SUA LOCADORA!

ISABELLE ADJANI

INTRIGA,

FANATISMO,

PAIXÃO.

A Rainha Margot

FESTIVAL DE CANNES - 1994
PRÊMIO DO JURI
PRÊMIO DE MELHOR ATRIZ
VIRNA LISI

Um Filme Sensual
e Extremamente Violento.
Uma Produção de mais
de 40 milhões de dólares.

LUMIERE

EUROPA
Corat
HOME VIDEO

NICHOLSON • PFEIFFER
UM FILME DE MIKE NICHOLS
LOBO
A fera estará à solta na sua locadora em Março.
COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO
HI-TEC VIDEO